Morfologia do Português

2º
Período

Felício Wessling Margotti
Rita de Cássia Mello Ferreira Margotti

Florianópolis - 2011

Governo Federal

Presidência da República
Ministério de Educação
Secretaria de Ensino a Distância
Coordenação Nacional da Universidade Aberta do Brasil

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Alvaro Toubes Prata
Vice-Reitor: Carlos Alberto Justo da Silva
Secretário de Educação a Distância: Cícero Barbosa
Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Yara Maria Rauh Müller
Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão: Débora Peres Menezes
Pró-Reitor de Pós-Graduação: Maria Lúcia de Barros Camargo
Pró-Reitor de Desenvolvimento Humano e Social: Luiz Henrique Vieira da Silva
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: João Batista Furtuoso
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Cláudio José Amante
Diretor do Centro de Ciências da Educação: Wilson Schmidt

Curso de Licenciatura Letras-Português na Modalidade a Distância

Diretor da Unidade de Ensino: Felício Wessling Margotti
Chefe do Departamento: Izabel Christine Seara
Coordenadoras de Curso: Roberta Pires de Oliveira e Zilma Gesser Nunes
Coordenador de Tutoria: Renato Miguel Basso
Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED
Coordenação de Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem: Hiperlab/CCE

Comissão Editorial

Tânia Regina Oliveira Ramos
Izete Lehmkuhl Coelho
Mary Elizabeth Cerutti Rizzati

Equipe de Desenvolvimento de Materiais

Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED
Coordenação Geral: Andrea Lapa
Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

Produção Gráfica e Hipermídia
Design Gráfico e Editorial: Ana Clara Miranda Gern; Kelly Cristine Suzuki
Coordenação: Thiago Rocha Oliveira, Laura Martins Rodrigues
Adaptação do Projeto Gráfico: Laura Martins Rodrigues, Thiago Rocha Oliveira
Diagramação: Pedro Augusto Gamba e Raquel Darelli Michelon
Figuras: Pedro Augusto Gamba e Raquel Darelli Michelon
Capa: Raquel Darelli Michelon
Tratamento de Imagem: Pedro Augusto Gamba e Raquel Darelli Michelon
Revisão gramatical: Sérgio Meira (Soma)
Design Instrucional
Coordenação: Vanessa Gonzaga Nunes
Designer Instrucional: Maria Luiza Rosa Barbosa

Catalogação na fonte elaborada na DECTI da Biblioteca Universitária da

Ficha Catalográfica

X999y Sobrenome, Nome
Título do Livro / Nome Sobrenome, UFSC, UAB.— Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2009.

XXXp. : XXcm
ISBN XXXXXXXX

1. xxxxxx. 2. xxxxxx. I. xxxxxx. II. xxxxxx.

CDD 410

Universidade Federal de Santa Catarina.

Sumário

Apresentação

Quando elaboramos este texto, tivemos a intenção de oferecer a você, aluno de graduação em Letras, um guia de estudos da morfologia do português, seguindo de perto a orientação de Mattoso Câmara Jr. e as contribuições de José Lemos Monteiro. Visando a alcançar esse objetivo, fizemos um esforço para que os tópicos fossem apresentados e ordenados de forma didática, em linguagem acessível e complementados com outras referências e exercícios.

A nossa expectativa é que, no final do curso, o aluno esteja capacitado a utilizar os princípios de análise morfológica para descrever estruturas de palavras da língua portuguesa, identificando diferentes tipos de morfemas e sua distribuição, distinguindo os processos de flexão, composição e derivação. Também esperamos que o aluno seja capaz de reconhecer diferentes critérios utilizados na classificação de palavras.

De antemão alertamos que a adoção de um modelo descritivo, cuja perspectiva é a análise sincrônica, não está isenta de problemas, mas, de outro lado, temos a convicção de que outros modelos também apresentam restrições e não dão conta de todos os fatos. Nesse sentido, não temos a pretensão de esgotar todas as questões que fazem parte do programa da disciplina, mas, certamente, a leitura atenta das explicações, ancorada em exemplos diversos, a reflexão e o reforço de outros textos possibilitarão novos conhecimentos sobre a gramática da língua portuguesa, no que diz respeito à morfologia. Não temos a pretensão de oferecer um conhecimento pronto e acabado, dogmático e inquestionável, mas, sobretudo, instrumentalizar (– Olha um neologismo aí!) o aluno a descrever a língua, focalizando as palavras e suas estruturas, isto é, as formas.

Organizamos o material impresso em sete capítulos, a saber: Delimitação do objeto de estudo (Cap. I); Conceitos básicos e princípios teóricos (Cap. II); Flexão nominal (Cap. III); Flexão verbal (Cap. IV); Formação de palavras (Cap. V); Classificação dos vocábulos formais (Cap. VI); e Conceitos básicos da morfologia gerativa (Cap. VII). A ideia é, num primeiro momento, familiarizar o aluno com o instrumental teórico adotado e com os conceitos para, depois, fazer o caminho da descrição dos vocábulos, com informações sobre os mecanismos de flexão e sobre os processos de formação de palavras. Por

fim, desenvolver uma reflexão crítica sobre a classificação tradicional dos vocábulos e introduzir alguns conceitos da chamada morfologia gerativa.

Para o melhor acompanhamento da disciplina, sugerimos que a leitura deste material impresso seja sempre subsidiada por consultas aos livros Estrutura da Língua Portuguesa, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., e Morfologia Portuguesa, de José Lemos Monteiro. Além disso, sugerimos que os modelos aqui propostos sejam sempre confrontados com os modelos propostos pelas gramáticas escolares, pois os fatos, em muitos aspectos, podem ser descritos e explicados de forma conflitante, ou incompleta, abrindo espaço para questionamentos e reflexões.

Felício Wessling Margotti

Rita de Cássia Mello Ferreira Margotti

Unidade A

Estruturas Morfológicas

forma
reforma
disforma
transforma
conforma
informa
forma

1 Delimitação do Objeto de Estudo

Para iniciar nosso estudo, vamos delimitar as tarefas da morfologia e quais as unidades da língua que pretendemos descrever. Também vamos refletir sobre a relação que a morfologia tem com outras unidades da gramática.

1.1 O que é morfologia

Entre os diferentes níveis de análise linguística, que vão desde as unidades mais amplas do discurso, como as frases e as partes que a compõem, até as unidades menores, como os sons e as sílabas, há um nível intermediário que visa estudar as unidades da língua que apresentam certa autonomia formal, representadas concretamente pelas entradas lexicais nos dicionários, isto é, as palavras. Também é parte desse mesmo nível de análise o estudo das unidades de sentido que compõem as palavras. Trata-se do **nível morfológico**.

O termo morfologia foi inicialmente empregado nas ciências da natureza, como a botânica e a geologia. Na constituição do termo morfologia encontram-se os elementos [morf(o)] e [logia], do gr. morphé = "forma" e logía = "estudo". Em estudos linguísticos, morfologia é a parte da gramática que descreve a **forma das palavras**. Ou ainda: "morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras" (JENSEN apud MONTEIRO, 2002, p. 11). Segundo Nida (1970, p. 1), a morfologia pode ser definida como "o estudo dos morfemas e seus arranjos na formação das palavras".

Ao final do livro você encontra um glossário dos termos de morfologia utilizados nes<t>e livro-texto!

Como se depreende das definições acima, saber de que se ocupa a morfologia implica saber o que se entende por *forma*, tomada como sinônimo de *estrutura*, cujas partes são os *morfemas*. Inicialmente, vamos adiantar que toda estrutura contém elementos relacionados. Nessa perspectiva, as palavras são formadas por unidades menores que, combinadas, produzem um significado. Essas unidades de sentido são

combinadas de um certo modo para exercer determinadas funções na estrutura formal da qual fazem parte. O mesmo ocorre com as palavras, que, combinadas com outras palavras, exercem funções no enunciado em que são empregadas. Isso significa dizer que *forma, função* e *sentido* são elementos solidários e interdependentes, cuja existência em separado só é possível no plano abstrato.

A morfologia aborda, portanto, predominantemente os processos nos quais se acrescenta um segmento a outro(s) já existente(s) para modificar o sentido. No entanto, os processos morfológicos podem ser de outros tipos, como: alternância de um segmento por outro, subtração, reduplicação, ausência (morfema zero). Vejam-se exemplos de processos morfológicos por acréscimo em (1) e de alternância em (2).

1) legal < i + legal < i + legal + idade

plano > plano + s

diretor < diretor + a

estudar < estudar + re + mos

2) pude ≠ pôde

avô ≠ avó

fiz ≠ fez

Os processos morfológicos são realizados de acordo com certas regras gramaticais. Veja-se, por exemplo, que as unidades que marcam o número (singular e plural) ocorrem sempre na posição final das palavras. Nos verbos, as unidades têm uma distribuição fixa: a unidade básica do sentido + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal. O gênero feminino às vezes é marcado pela desinência [-*a*], que ocorre na posição final, ou imediatamente antes do [-*s*], quando a palavra estiver no plural.

> Atenção: A oposição de gênero "avô"/"avó", no entanto, é feita através de um traço suprassegmental, isto é, pela alternância de vogais.

Nos casos em que não há oposição de gênero, as formas femininas não são marcadas. Em "casa", "face", "flor", entre outros vocábulos, nada existe para indicar que os mesmos pertencem ao gênero feminino.

Além dos processos que dizem respeito à formação de palavras e à flexão, temas que abordaremos adiante, cabe também à morfologia – apesar de não haver consenso sobre isso entre os especialistas – a classificação das palavras. A questão é que na classificação de palavras devem ser considerados, além dos critérios formais de competência da morfologia, também critérios sintáticos e semânticos. Isso porque nem sempre é possível classificar uma palavra examinando exclusivamente sua forma. O vocábulo **canto,** por exemplo, pode ser um substantivo ou um verbo, dependendo da função e do sentido em que é empregada. Nesse caso, o que conta é a relação sintagmática, isto é, a combinação com outros termos na frase, ou no sintagma. De outra parte, convém lembrar que qualquer forma pode ser um substantivo, como, por exemplo, "Não gosto do **intransigir**", em que o vocábulo **intransigir** tem a função de substantivo.

É possível que várias coisas ditas até aqui pareçam estranhas a você, ou de difícil compreensão. É natural, uma vez que estamos apenas iniciando a reflexão sobre os temas de interesse dessa disciplina. Lembramos, todavia, que essas questões serão retomadas oportunamente com mais profundidade e detalhamento.

Por enquanto, levando em consideração o que já foi dito, analise a frase citada em (3) e reflita sobre os tópicos relacionados a seguir.

3) Nós convocamos o encontro de amanhã para debater os temas relacionados às áreas de transporte, infraestrutura, equipamentos comunitários, educação, lazer, esporte e segurança nos municípios de Santa Catarina.

- A frase é formada por quantas palavras?
- Quais as palavras da frase que podem ser segmentadas em unidades de sentido menores?
- Em que palavras há elementos marcadores de plural?
- Em que palavras há elementos marcadores de gênero?
- Em que palavras há elementos marcadores de tempo?
- Em que palavras há elementos marcadores de pessoa?
- Há palavras que não aceitam acréscimo de elementos e, por isso, são classificadas como invariáveis?

1.2 Palavra e vocábulo

Como vimos, o centro de interesse da morfologia é a *palavra*. Mas o que se entende por palavra? Para os usuários da língua, parece mais ou menos claro que "a palavra é identificada como uma unidade formal da linguagem, que, sozinha ou associada a outras, pode constituir um enunciado" (PETTER, 2003, p. 59). No entanto, para os estudiosos da língua, não é tão simples caracterizar o que é uma palavra. Vejamos por quê.

Na escrita, a representação das palavras se faz pelo critério formal, deixando-se, entre elas, um espaço em branco. Deste modo, parece óbvio que em "Vi três crianças hoje" há quatro palavras, ao passo que em "Comprei livros interessantes" há uma sequência formada por três palavras. Mas, ao contrário do que parece à primeira vista, o critério gráfico, ou ortográfico, às vezes, gera indecisão quanto à delimitação de palavras. Em enunciados como os de (4), quantas palavras existem?

4) a) Ouvia, ouvias, ouvíamos e ouviam são formas do verbo ouvir.

b) Segunda-feira é dia de maria-vai-com-as-outras.

c) O Vice-Governador de Santa Catarina é sul-rio-grandense.

d) Trouxe-o à força.

Se na escrita, o espaço em branco entre as palavras é válido para

identificar a maior parte delas, o mesmo não se presta para identificar palavras na fala, na qual é possível distinguir vocábulos formais e vocábulos fonológicos. Certas sequências de sons podem ser associadas a um só vocábulo formal, ou a mais de um, conforme o contexto e o significado que a elas se atribui. Vejamos alguns exemplos em (5).

5) a) detergente / deter gente

b) armarinho / ar marinho

c) barganhar / bar ganhar

d) contribuir / com tribo ir

e) danoninho / dá no ninho

f) habilidade / hábil idade

Em um dos jornais de Santa Catarina, certo colunista, ao escrever uma nota sobre o cantor sambista Zeca Pagodinho, não se sabe se propositalmente ou não, registrou a forma **Zeca Padinho** que, fonologicamente, pode ser interpretada como **Zé Capadinho**.

Para obter maiores informações sobre vocábulo fonológico, sugerimos ler o capítulo VII – A acentuação e o vocábulo fonológico – do livro A *Estrutura da Língua Portuguesa* (CÂMARA JR., 1972)

O vocábulo fonológico não só se distingue do vocábulo formal em razão da diferença de significado, mas também e, principalmente, devido à ausência de pausa ou de marca fonológica que indique a delimitação entre vocábulos na corrente da fala, como em (6). Nesses casos, em geral, ocorre um deslocamento do acento tônico, que perde, assim, sua capacidade de distinguir e delimitar palavras.

6) a) paz sólida [pazólida]

b) as asas azuis [azazazuis]

c) bonde andando [bondeandando]

d) as rosas amarelas [azrozazamarelas]

Apesar das diferenças citadas no quadro-destaque seguinte, a distinção entre **vocábulos** e **palavras** será mantida, neste livro-texto, somente nos casos em que se fizer necessária. De modo geral, empregaremos um termo pelo outro.

Até aqui, empregamos indistintamente palavra ou vocábulo para designar um conjunto ordenado de sons (fonemas) que expressam um significado. Analisemos, então, as sequências de sons expressadas em (7).

7) A janela de vidro.

Nesse caso, constata-se que **janela** significa, por exemplo, "abertura" de casas e **vidro** é o material de que é feita a "janela". Ambos os termos estão associados e ambos expressam ideias. Mas, ao contrário, **a** e **de** parecem vazios de significado, embora tenham uma função na combinação apresentada em (7).

Com base nessa distinção, o termo *palavra* costuma ser reservado somente para vocábulos que apresentam significação lexical, ou extralinguística. O princípio adotado é o seguinte: "Toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra" (MONTEIRO, 2002, p. 12). Há, portanto, vocábulos, tais como as preposições e conjunções, entre outros, que não são palavras. São apenas instrumentos gramaticais, cujo significado – que é meramente gramatical – só é possível perceber na relação com outros vocábulos.

FORMAS LIVRES: Quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamnte como comunicação suficiente (ex.: "Que vão fazer?". Resposta: "replantar". "Replantar o quê?" Resposta: "flores").

FORMAS PRESAS: Só funcionam ligadas a outras, como re- de replantar, rever, recriar etc. (CÂMARA JR., 1979, p. 69-70).

1.3 Formas livres, formas presas e formas dependentes

A identificação dos chamados vocábulos formais e a consequente diferenciação entre palavras e vocábulos leva à distinção estabelecida por Bloomfield entre formas livres e formas presas. Para melhor compreender a diferença entre **formas livres e formas presas**, vamos examinar os vocábulos formais em (8).

8) Juízes convocam servidoras públicas.

As **formas livres** aparecem sozinhas no discurso, especialmente como respostas a perguntas. São vocábulos formais que podem ser pronunciados isoladamente e, mesmo assim, expressam ideias. Por isso, são consideradas **palavras.** Exemplos: juízes, convocam, servidoras, públicas. Em contrapartida, as **formas presas** só têm valor (ou funcionam) quando combinadas com outras formas livres ou presas. Em *juíze-s*, o [*s*] é uma unidade formal que indica plural. Esse "sentido", isto é, a ideia de plural, só é atualizado na relação que a forma [s] tem com a forma [juíze]. Como [*s*], nesse caso, não funciona sozinho, diz-se que é forma

presa. O mesmo pode-se dizer sobre as formas [juíze] e [e], ao passo que juiz é forma livre. Resumindo: Em *juízes*, distinguem-se duas formas livres (*juiz e juízes*) e três formas presas [*juize*], [*e*], [*s*].

Considerando então o que foi dito sobre o vocábulo *juízes* e a segmentação das unidades de sentido dos demais vocábulos, quantas *formas livres* e quantas *formas presas* existem em (8)?

Outros exemplos:

- *in-cert-ez-a* (2 formas livres = incerteza e certeza e 4 formas presas = [*in*], [*cert*], [*ez*] e [*a*])
- *des-leal* (2 formas livres = *leal* e *desleal* e 1 forma presa = [*des*])
- *des-lea-i-s* (2 formas livres = *leais* e *desleais* e 4 formas presas = [*des*], [*lea*], [*i*] e [*s*])
- *des-control-ad-a-s* (4 formas livres = *controlada, controladas, descontrolada e descontroladas* e 5 formas presas = [*des*], [*control*], [*ad*], [*a*] e [*s*])

Há, por outro lado, certos vocábulos formais que não têm significado próprio. Observe a frase (9).

9) No caderno com arame há três folhas de papel em branco.

Nesse caso, os vocábulos no (em + o), com, de, em não expressam ideias externas à língua. São, portanto, vocábulos formais, mas não são palavras. Para Mattoso Câmara Jr. (1972), vocábulos átonos (artigos, preposições, algumas conjunções e pronomes oblíquos átonos) que não podem constituir, por si só, um enunciado, são **formas dependentes.** Servem de exemplo: *em, o, te, se, quer* (conjunção), para (preposição) etc. Já vocábulos tônicos, como *já, si, quer* (verbo), *cem, caboclo, arma,: pára* (verbo) etc. são **formas livres**.

> Resumindo: os vocábulos formais podem ser **formas livres** (são vocábulos com *status* de palavras) ou **formas dependentes** (são vocábulos, mas sem *status* de palavras).

> As formas dependentes não se segmentam em outras unidades de sentido, isto é, são sempre formadas por um único morfema (veja, no Cap. II deste livro, o conceito de morfema), ao passo que as formas livres são constituídas de um ou mais morfemas, representados por formas livres ou formas presas.

1.4 Forma, função, significado e classe

A seguir, vamos tentar entender um pouco melhor o conceito de forma, uma vez que ela é o centro das atenções da morfologia (literalmente o *estudo das formas*, no caso, das formas linguísticas).

1.4.1 Forma

Macambira (1982, p. 17) define a **forma** como "um ou mais fonemas providos de significação"; a conjunção e é uma forma constituída por apenas um fonema, que sob o aspecto semântico exprime a ideia de adição; o adjetivo *só* é também uma forma constituída por um só morfema, que denota a ideia de solidão, ao passo que *sós* contém duas formas – só e s –, cujo segundo elemento acrescenta a noção de plural.

A rigor, a forma é um elemento linguístico do qual se abstrai a função e o sentido, mas, como observa Saussure (1975 [1916]), "as formas e as funções são solidárias e, para não dizer impossível, difícil é separá-las". Do mesmo modo, ainda conforme Saussure, não é possível separar o sentido, pois, "na língua não se pode isolar o som da ideia, nem a ideia do som".

A noção de **forma** remete para a noção de **estrutura** das palavras, isto é, um feixe de relações internas (articulação) que dá aos elementos sua função e sentido. Talvez seja mais fácil de entender o que é uma estrutura linguística através de um exemplo não linguístico.

Vejamos: tijolos, tábuas, cimento, pregos e outros materiais não são uma casa. Só serão se a essas **substâncias** for atribuída uma estrutura, isto é, um feixe de relações (**articulação**) que dá ao objeto casa sua rea-

lidade. O mesmo se pode dizer em relação a elementos da língua. Para a gramática da língua portuguesa, a sequência “a”, “b”, “c” não constitui uma sílaba do português, pois os fonemas não se articulam de acordo com padrões possíveis da língua. **BAC** é, no entanto, uma sequência adequada. Exemplo: **bac**-té-ria. Também não são possíveis, por exemplo, as sequências “s + a + bel”, “livros + os” ou “os + alunas”. A gramática do português prevê que as desinências de número ocorram após as desinências de gênero (quando houver), e que essas ocorram após os morfemas lexicais (*bel* + *a* + *s*). Os artigos, por sua vez, devem ocorrer obrigatoriamente antes dos substantivos, embora seja possível intercalar outros elementos entre o artigo e o substantivo (*os [bons] livros*). Por outro lado, o artigo tende a concordar em gênero e número com o substantivo (*a[s] aluna[s]*). Isso significa que não basta agrupar aleatoriamente as substâncias da língua para que tenhamos uma estrutura. É preciso fazê-lo de acordo com certos princípios, certas regras gramaticais. *Quando a combinação é feita de acordo com a gramática da língua, as substâncias linguísticas passam a ser formas, com função e sentido na estrutura de que fazem parte.*

A morfologia, como vimos, tem como foco de interesse a articulação das formas que se reportam ao significado, tanto externo à língua (morfemas lexicais), quanto interno (morfemas gramaticais). Em “alun-a-s”, o segmento [alun] refere-se a um tipo de indivíduo que se coloca na condição de aprendiz em circunstâncias específicas, ao passo que os segmentos [a] e [s], após [alun], não representam nenhum significado externo à língua, pois as noções de gênero (masculino e feminino) e as de número (singular e plural) fazem parte da gramática, não das coisas que existem independentemente da língua. Devemos adiantar que a noção de gênero não se confunde com sexo, embora também se preste, eventualmente, para fazer tal distinção.

Trataremos melhor disso oportunamente, no Capítulo 3.

1.4.2 Função

Função é o papel exercido por um dos componentes linguísticos no conjunto em que há interdependência: sujeito (do verbo), objeto direto (do verbo), adjunto adnominal (de um nome) etc.

Função, então, é a relação que se estabelece entre dois elementos

que se articulam. Essa relação, no entanto, só pode ser definida pela análise. Isto quer dizer que não há função fora do contexto frasal, ou seja, não há função fora da estrutura.

Em geral, **função** é uma relação sintática em que um termo da oração está subordinado a outro termo da oração. No entanto, em sentido mais largo, o fonema contrai uma função em relação a outro fonema, uma sílaba contrai uma função em relação a outra sílaba, um morfema contrai uma função em relação a outro morfema, um vocábulo contrai uma função em relação a outro vocábulo etc.

Para melhor entendermos a função dos componentes no nível morfológico da língua portuguesa, examinemos os exemplos dados em (10).

10) a) tom-a-re-mos

b) professor-a-s

c) in-feliz-mente

Observe que em "re-tom-a-re-mos", o [re] colocado no início do verbo tem função distinta do [re] colocado após a vogal temática [a].

Os constituintes mórficos (morfemas) de tomaremos são 4: [**tom**] representa o morfema básico ou raiz que se combina com outros morfemas derivacionais ou flexionais: [**a**] indica a primeira conjugação do verbo em oposição às segunda e terceira conjugações; [re] indica o tempo e o modo do verbo (futuro do presente do indicativo) em oposição a outros tempos verbais; [**mos**] indica a pessoa gramatical e o número.

Sendo assim, no caso dos vocábulos *professoras* e *infelizmente*, qual é a função dos constituintes (morfemas)?

1.4.3 Sentido

Dissemos antes que as formas se reportam ao sentido, tanto externo à língua (morfemas lexicais), quanto interno (morfemas gramaticais). ***Lexical*** é o sentido básico que se repete em todos os membros de um paradigma, como em *belo, bela, belos, belas, embelezar, embelezo,*

embelezas, embeleza, embelezamento, beleza, beldade, belamente, entre outros, que se concretiza na forma [*bel*] e cujo sentido pode ser modificado pelos prefixos e sufixos. ***Gramatical*** é o sentido que distingue os diversos membros de um paradigma, como o singular e o plural, o masculino e o feminino, as pessoas e os tempos verbais.

1.4.4 Classe

As classes de palavras são constituídas com base nas **formas** que assumem, nas funções que exercem e, eventualmente, no **sentido** que expressam.

A classificação das palavras deve basear-se primariamente na **forma**, isto é, nas oposições formais ou mórficas que a palavra pode assumir para certas categorias gramaticais - o que se chama **flexão**, ou para criação de novas formas - o que se chama **derivação**.

O português é rico em construções formais. Veja-se: *pedra, pedras, pedrinha, pedrinhas, pedregulho, pedrada, pedreira* etc. Os verbos são os que apresentam maior riqueza.

Quando as indicações formais não forem suficientes, usa-se o critério **sintático** para fazer a classificação dos vocábulos. Neste caso, deve-se buscar na relação das formas linguísticas entre si, isto é, na função, a indicação da classe. Por exemplo, a diferença entre **de** (prep.) e **dê** (verbo) só é possível verificar na relação sintática. A forma **ele** pode ser pronome ou substantivo conforme a relação com outras formas. Todavia, quando é pronome, existem outras subcategorias, tais como pronome pessoal do caso reto ou pronome pessoal do caso oblíquo. E se for pronome oblíquo, pode ser oblíquo tônico ou oblíquo átono. Essas diferentes funções são dadas pela posição que a forma ocupa no sintagma ou pela relação com outros termos.

Analise os diferentes empregos em (11):

11) a)A letra *ele* se parece com uma língua. (substantivo)

b)*Ele* disse que as orelhas servem para ouvir vaias e aplausos. (pronome reto)

c)Mande a *ele* algumas fotos nossas. (pronome oblíquo tônico)

d)Encontrei *ele* por acaso. (pronome oblíquo átono).

Como se observa, o critério sintático também é útil para determinar quais os empregos de cada classe gramatical. Assim, é possível estabelecer os empregos do substantivo, do verbo, do pronome, do adjetivo etc.

Além do critério **morfológico** e do critério **sintático**, a classificação dos vocábulos pode, ainda, valer-se do critério **semântico**, isto é, do sentido. Em (12), a classe da palavra **canto** só é possível pelo sentido.

12) Este *canto* me agrada muito. Ele parece imitar as vozes do sertão.

Este *canto* me agrada muito. Ele serve para destacar os móveis da sala.

Resumo do capítulo

De forma resumida, os principais tópicos deste capítulo são os seguintes:

- *Morfologia* é a parte da gramática que descreve a **forma das palavras.**
- A morfologia aborda predominantemente os processos nos quais se acrescenta um segmento a outro(s) já existente(s) – ou se substitui um elemento por outro – para modificar o sentido. No primeiro caso, o morfema é aditivo; no segundo, alternativo.
- Além dos processos que dizem respeito à formação de palavras e à flexão, cabe também à morfologia a classificação das palavras.
- Os vocábulos divergem quanto à estrutura e quanto ao significado: alguns se constituem de um só elemento, outros apresentam vários constituintes.
- O *vocábulo morfológico* nem sempre coincide com o *vocábulo fonológico*. O termo **vocábulo** tem sentido mais amplo do que o termo **palavra**, pois este costuma ser reservado somente para

vocábulos que apresentam significação lexical.

- **Formas livres** são aquelas que podem existir sozinhas num enunciado, ou podem servir de resposta a uma pergunta; f**ormas presas** são partes dos vocábulos formais (morfemas) que só funcionam quando associadas a outras partes (outros morfemas); **formas dependentes** são vocábulos formais que não podem, por si sós, constituir um enunciado.
- **Forma, função** e **sentido** são elementos linguísticos solidários e interdependentes, cuja separação só é possível no nível abstrato. Sendo assim, apesar de a morfologia centrar a atenção na forma, o estudo e a descrição dos vocábulos, assim como a classificação dos mesmos, não poderão ser feitos plenamente sem considerar os aspectos semânticos e os sintáticos.

Leia mais!

A Acentuação e o Vocábulo Fonológico. *In*: CÂMARA JR., J. Mattoso. *A Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 62-68.

O Vocábulo Formal e a Análise Mórfica. *In*: CÂMARA JR., J. Mattoso. *A Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 69-76.

Princípios Básicos. *In*: MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1982. p. 15-28.

2 Conceitos básicos de morfologia e princípios teóricos

Neste capítulo, vamos entrar em contato com um conjunto de conceitos comuns à morfologia. Além disso, apresentaremos alguns princípios teóricos e metodológicos que darão sustentação ao modelo de descrição e análise dos vocábulos formais adotado neste manual. Conhecer esses conceitos e saber lidar com eles é condição necessária para alcançar os objetivos da disciplina. Isso pode parecer um pouco cansativo, pois são diversos conceitos novos, alguns dos quais talvez você nunca tenha ouvido falar. Mas, com paciência e um pouco de esforço, aos poucos você ficará familiarizado com eles e aprenderá a utilizá-los de modo eficiente na análise mórfica.

2.1 Morfema, morfe e alomorfe

Na descrição mórfica dos vocábulos, é útil distinguir os conceitos de **morfema**, **morfe** e **alomorfe**, os quais, apesar da íntima relação de sentido, representam noções distintas.

De acordo com o que vimos até aqui, a morfologia estuda a forma ou a estrutura interna dos vocábulos. A estrutura é constituída de unidades formais menores associadas e dotadas de significado que se denominam *morfemas*.

Os morfemas são, em princípio, formados por um ou mais fonemas, mas diferem destes por apresentarem significado. Como se pode perceber facilmente, os fonemas, quando pronunciados isoladamente, nada significam. Exemplos: /m/, /a/, /r/, /i/, /s/ etc. Diferentemente disso, as combinações [mar], [ar], [mais] constituem unidades mínimas de significado.

Apresentamos, a seguir, algumas definições de morfema citadas por Monteiro (2002, p. 13-14). São elas:

a) Os morfemas são os elementos mínimos das emissões linguísticas que contêm um significado individual (Hockett).

b) Um morfema é a unidade mínima no sistema de expressão que pode ser correlacionada diretamente com alguma parte do sistema do conteúdo (Gleason).

c) Os morfemas são as menores unidades significativas que podem constituir vocábulos ou partes de vocábulos (Nida).

d) Morfema é a menor parte indivisível da palavra que, por sua vez, tem uma relação direta ou indireta com a significação (Dokulil).

Rigorosamente, no entanto, morfema é uma unidade abstrata de sentido, representada por uma ou mais formas, ou seja, na prática, um morfema pode apresentar variações formais. Assim, se observarmos os vocábulos **dizer**, **disse**, **digo** e **direi**, parece evidente que há em todos um mesmo morfema que se realiza nas formas [diz], [diss], [dig] e [di]. **A realização concreta de um morfema se denomina *morfe* e, quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, ocorre *alomorfia*.**

Alomorfes são, portanto, as diversas realizações de um único morfema, ou vários morfes. O verbo **caber**, por exemplo, apresenta um morfema básico ou nuclear que se realiza concretamente nos alomorfes [cab], [caib], [coub]. Em **vida** e **vital**, o morfema básico se realiza nos alomorfes [vid] e [vit]. Todavia, a alomorfia não é um fenômeno exclusivo do morfema básico, ou raiz. Se considerarmos as formas verbais de terceira pessoa do plural do verbo **nascer**, por exemplo, veremos que predominam as formas que terminam em [m], como em **nascem**, **nasceriam**, **nasceram**, **nascessem**, **nascerem**, **nasçam** etc. Mas, no futuro do presente do indicativo, temos a forma **nascerão**. Conclui-se, então, que o morfema da terceira pessoa do plural desse verbo – isso vale também para a maioria dos verbos em português – é realizado concretamente através dos morfes [m] e [ão]. Nesse caso, a alomorfia ocorre na flexão.

Apresentamos a seguir alguns tipos de alomorfia, nos quais se percebe facilmente a identidade semântica, isto é, identidade de sentido, entre as formas aparentadas.

a) **Alomorfia na raiz**

lei / legal → [le] ~ [leg]

carvão / carbonífero → [carvã] ~ [carbon]

cabelo / capilar → [cabel] ~ [capil]

noite / noturno → [noit] ~ [not]

ouro / áureo → [our] ~ [aur]

b) Alomorfia no prefixo

ilegal / infeliz → [i] ~ [in]

aposto / adjunto → [a] ~ [ad]

subaquático / soterrar → [sub] ~ [so]

c) Alomorfia no sufixo

durável / durabilidade → [vel] ~ [bil]

cabrito / amorzito → [ito] ~ [zito]

facílimo / elegantérrimo → [imo] ~ [érrimo]

livrinho / pauzinho → [inho] ~ [zinho]

d) Alomorfia na vogal temática

corremos / corrido → [e] ~ [i]

peão / peões → [o] ~ [e]

menino / menina → [o] ~ [Ø]

mar / mares → [Ø] ~ [e]

e) Alomorfia na desinência nominal de gênero

menino / avô → [Ø] ~ [ô]

menina / avó → [a] ~ [ó]

Obs.: No par **avô** ≠ **avó**, os traços distintivos [ô] e [ó] podem ser considerados alomorfes das desinências [Ø] (masculino) e [a] feminino.

f) Alomorfes na desinência verbal

estudávamos / estudáveis → [va] ~ [ve]

cantarás / cantaremos→ [ra] ~ [re]

escreves / escreveste → [s] ~ [ste]

falo / estou → [o] ~ [ou]

ledes / cortais → [des] ~ [is]

Como você pode perceber, a adoção do conceito de *alomorfia* simplifica bastante a descrição mórfica, resolvendo grande parte dos problemas encontrados na segmentação dos vocábulos em suas unidades mínimas significativas. Como já foi dito, t**odo morfema apresenta uma forma e um significado**. Às vezes, no entanto, "em determinados ambientes, ocorrem variações na forma sem que o morfema deixe de ser o mesmo" (MONTEIRO, 2002, p. 32). Na lista dos cognatos de vinho, encontraremos os vocábulos **vinhateiro, vinháceo, vinhaço, vinhaça, vinhataria, vinhoto**, nos quais a raiz é [*vinh*]. Mas em **vinícola, vinífero, vinicultor, vinagre**, verifica-se que a forma anterior mudou para [vin-], conservando o mesmo significado. Conclui-se, então, que [vinh] e [vin] são variações mórficas de um mesmo morfema, ou seja, alomorfes.

Nos casos de alomorfia, quase sempre é possível distinguir o morfe mais produtivo, isto é, mais frequente, que representa a *norma*, do morfe menos produtivo, considerado um desvio da norma. Como exemplo, tomemos a desinência de segunda pessoa do singular dos verbos. Na maioria dos tempos verbais, ela é marcada pelo morfe [s]: *corre***s**, *vestia***s**, *fugisse***s**, *animará***s**, *digitare***s**, *vende***s** etc.; no pretérito perfeito do indicativo, no entanto, essa mesma pessoa é marcada pela desinência [ste], como em *corre***ste**, *vesti***ste**, *fugi***ste**, *anima***ste**, *digita***ste**, *vende***ste**, caracterizando-se, pois, como um desvio da norma.

Alguns autores consideram que apenas os morfes menos produtivos, classificados como desvios da norma, são considerados alomorfes. Essa posição, no entanto, pode apresentar dificuldades de aplicação, pois nem sempre é possível saber de pronto qual é a forma mais produtiva, como é o caso de [vinh] e [vin]. Por outro lado, a forma que se considera mais produtiva pode ser a mais nova, e, como tal, na perspectiva diacrônica, pode ser interpretada como desvio de uma norma anterior.

Na prática, a aplicação do conceito de alomorfia nem sempre é tranquila, principalmente quando as formas não se parecem aparentadas ou semelhantes fonologicamente. Em princípio, não há razão que impeça um morfema de ter alomorfes amplamente divergentes. Tomemos as formas verbais **sou, era, foste** do paradigma flexional do verbo **ser**. Será que é válido dizer que os morfes [s], [er] e [fo] são alomorfes de um mesmo morfema? Parece que sim, desde que se considere que as formas divergentes listadas sejam componentes do mesmo paradigma verbal.

É preciso, no entanto, distinguir formas heterônimas de formas sinônimas. No paradigma flexional dos verbos **ser** e **ir** existem raízes heterônimas, que podem ser consideradas formas alomórficas. Em se tratando de raízes sinônimas, o caso é mais delicado. Será válido dizer, por exemplo, que o primeiro componente de **datilografia** é alomorfe do primeiro componente de **dedo**? E o que dizer da raiz de **pai, padastro, padre, patrão, paterno, pátrio, pátria**?

Veremos isso mais adiante, quando tratarmos dos desvios do padrão geral dos verbos.

Você deve ter notado que os exemplos fornecidos até aqui indicam que o morfema sempre se realiza através de uma forma concreta, que denominamos de morfe. Pois bem, às vezes o morfema se realiza mesmo sem a existência de um morfe. Vamos ver como isso é possível?

2.1.1 Morfema zero

Já vimos que o *morfema* é uma entidade abstrata que se concretiza, na estrutura de uma palavra, através do *morfe*. O ideal seria que houvesse um único morfe para cada morfema, mas isso nem sempre acontece. Além das situações em que existem mais de um morfe para um único morfema – processos de alomorfia –, temos que considerar aquelas em que o morfema se realiza por meio da ausência de morfe. Não existir um morfe não significa que não exista morfema. Quando a ausência do morfe corresponde a um significado, diz-se que o morfema é zero. Vejamos alguns exemplos.

Formalmente representa-se o morfema zero com o símbolo [Ø].

a) A oposição de gênero se faz através de formas marcadas para o feminino pela desinência [a] e de formas não marcadas para o masculino. O que caracteriza o masculino é a ausência de

qualquer marca, ou seja, o morfema zero.

- português + Ø ≠ português + a
- professor + Ø ≠ professor + a
- guri + Ø ≠ guri + a
- juiz + Ø ≠ juíz + a
- espanhol + Ø ≠ espanhol + a

b) O plural é marcado pelo [s], e o singular pela ausência significativa de um morfe, ou seja, pelo morfema zero.

- caneta + Ø ≠ caneta + s
- gramado + Ø ≠ gramado + s
- greve + Ø ≠ greve + s
- garagem + Ø ≠ garagen + s

c) Nas formas verbais são frequentes as oposições entre formas não marcadas e formas marcadas.

- (nós) estud + a + re + mos
- (ele) estud + a + rá + Ø
- (tu) estud + a + Ø + s
- (ele) estud + a + Ø + Ø

d) Também nas formas derivadas, o sufixo pode ser interpretado como zero. Vejamos, por exemplo, alguns verbos derivados de **flor**.

- flor + esc + e + r
- flor + ej + a + r
- flor + isc + a + r
- flor + e + a + r
- flor + Ø + i + r

- flor + Ø + a + r

Observe-se que, diferentemente de *florescer, florejar, floriscar* e *florear*, os verbos **florir** e **florar** não contêm um morfe derivacional, mas claramente são formas derivadas de **flor**. Nesse caso, a alternativa estruturalmente adequada é considerar que o morfema derivacional é zero.

Vejamos outros exemplos:

- chuva → chov + Ø + er
- data → dat + Ø + ar
- marca → marc + Ø + ar
- capim → capin + Ø + ar

e) Embora a **raiz** seja considerada o morfema básico (nuclear) que dá sustentação a todas as demais formas da mesma família, sejam elas flexionadas, derivadas ou compostas, também podemos afirmar que há vocábulos em que a raiz é representada por um morfema zero. Em português, o artigo definido e o pronome oblíquo átono [o] servem de exemplo.

- Ø + o + Ø + Ø = o
- Ø + o + Ø + s = os
- Ø + Ø + a + Ø = a
- Ø + Ø + a + s = as

Convém lembrar que historicamente o artigo definido em português é resultado de mudanças sofridas pelos pronomes latinos *ĭllu, ĭllos, ĭlla, ĭllas*. A evolução deu-se da seguinte forma: ĭllu > elo > lo > **o**; ĭlla > ela > la > **a**; ĭllos > elos > los > **os**; ĭllas > elas > las > **as**. Em outras línguas neolatinas, a raiz se manteve em formas como: *il, el, le, les, los, las* etc.

2.1.2 Morfes cumulativos

Em princípio, espera-se que a um morfe corresponda um significado. No entanto, nem sempre é isso que acontece. Nas formas verbais do português há morfes que representam a fusão de dois morfemas. Por isso, esses morfes são denominados **cumulativos**. É o caso das desinências modo-temporais, que simultaneamente contêm as noções de tempo e modo, e das desinências número-pessoais, que simultaneamente contêm as noções de número e pessoa. Em **cantá+sse+mos**, a desinência [sse] indica que o verbo está no *tempo* imperfeito do *modo* subjuntivo. Em razão disso, opõe-se a outros tempos verbais, como: *canta(va), canta(ria), canta(ra), canta(r)mos* etc. Ainda em **cantá+sse+mos**, a desinência [mos] indica primeira *pessoa plural*, opondo-se, portanto, a outras formas do singular ou mesmo do plural, como: *cantasse(Ø), cantasse(s), cantasse(is), cantasse(m)*. Observe que, no caso da desinência número-pessoal [mos], não é possível dizer que o [s] indica plural e [mo] indica primeira pessoa.

Na forma verbal **olhaste**, a segmentação possível é a seguinte: **olh + a + Ø + ste**. Concretamente, temos os morfes representativos da raiz (ou radical primário), da vogal temática e da desinência número-pessoal. Como podemos observar, não há um morfe que represente o tempo e o modo, razão por que esse morfema é zero. Por outro lado, a desinência [**ste**], que representa a pessoa e o número, só ocorre nesse tempo verbal. Em vista disso, pode-se atribuir ao segmento [**ste**] a função de representar cumulativamente as noções de pessoa e número e de tempo e modo (o mesmo vale para o segmento [**stes**] da segunda pessoa do plural).

Considerar a possível existência de morfes zeros na estrutura dos vocábulos evita o uso ampliado do conceito de cumulação. Se não utilizássemos o conceito de morfema zero, teríamos que admitir, por exemplo, que em **famoso** a vogal final [o] acumula as funções de vogal temática e desinência de gênero. O mesmo aconteceria em relação à vogal [e] na palavra **face**. No **artigo**, diríamos que raiz, vogal temática e desinência de gênero seriam representadas pelo mesmo fonema. Em **artista**, o [a] final acumularia as funções de vogal temática e desinência?

2.1.3 Morfes alternantes

Em português, o morfema se realiza predominantemente pelo acréscimo de um segmento fônico, isto é, por meio de um morfe aditivo. Assim, o plural dos nomes é formado pela adjunção de um [s] à direita; a terceira pessoa do plural é em geral formada pelo acréscimo de [m] também à direita. Vocábulos novos podem ser formados pelo acréscimo de prefixos ou de sufixos.

Mas também há casos em que a oposição morfológica se faz pela permuta de dois fones, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

- avô ≠ avó
- pus ≠ pôs
- fiz ≠ fez
- pude ≠ pôde
- tive ≠ teve
- fui ≠ foi

Os morfes alternantes podem ser de natureza vocálica, consonantal ou suprassegmental (acentuais ou prosódicos), conforme se verifica nos exemplos listados a seguir.

a) *alternância vocálica*

- firo ≠ feres
- sinto ≠ sentes
- tudo ≠ todo
- bebo ≠ bebes
- famoso ≠ famosa
- porco ≠ porca

b) *alternância consonantal*

- digo ≠ dizes

- ouço ≠ ouves
- peço ≠ pedes
- trago ≠ trazes

c) *alternância acentual* (suprassegmental)

- retífica ≠ retifica
- exército ≠ exercito

2.1.4 Morfes redundantes

Quando a alternância é o único traço de oposição entre duas formas, diz-se que se trata de um mecanismo de flexão interna. Em geral, no entanto, os morfes alternantes são redundantes ou submorfêmicos, pois reforçam uma oposição marcada por morfes aditivos. Por exemplo, em p**o**ço ≠ p**o**ços, a alternância de /ô/ fechado para /ó/ aberto apenas reforça a oposição entre singular e plural, já marcada pelo verdadeiro morfema contrastivo [s]. Também em s**o**gro ≠ s**o**gra, fam**o**so ≠ fam**o**sa, porco ≠ porca, entre outros, a oposição de gênero se faz pela adição da desinência [a]. A alternância na raiz constitui um morfe redundante e, por isso, submorfêmico. O mesmo ocorre em algumas formas verbais como: ou**ç**o ≠ ou**v**es, tra**g**o ≠ tra**z**es, nas quais a oposição entre a primeira e a segunda pessoas do singular se faz prioritariamente pelo acréscimo dos morfes [o] ≠ [s]. A alternância na raiz reforça a oposição. Sem essa alternância, teríamos: *ouvo ≠ ouves, *trazo ≠ trazes.

2.1.5 Morfes homônimos

É comum um mesmo segmento representar diferentes morfemas. O [s], por exemplo, pode indicar o plural nos nomes (alicates, cachorros, gaiteiros, belos etc.) e a segunda pessoa do singular nos verbos ((tu) escreves, vês, enviarias, escutasses etc.). A vogal [a], por sua vez, pode indicar o gênero feminino (moç**a**, professor**a**, espert**a**, vadi**a** etc.) ou a vogal temática de nomes e de verbos (and**ar**, and**a**, and**a**mos, plant**a**, cas**a**, mal**a** etc.). Em (tu) **am-a-s**, temos: raiz [am-], vogal temática [-a-] e desinência de segunda pessoa do singular [-s]. Já em (as) **am-a-s**, temos: raiz [am-], desinência de gênero feminino [-a] e desinência de plural [-s].

Conclui-se, portanto, que existe homonímia sempre que houver coincidência de formas, mas diferença quanto ao sentido. Em (o) **canto** (musical), (o) **canto** (da sala) e (eu) **canto** (verbo cantar), os termos destacados são fonicamente iguais, ou seja, são homônimos, mas correspondem a significados diferentes. A forma **são** pode significar “santo”, “sadio” ou verbo “ser” (terceira pessoa do plural).

Havendo homonímia lexical, a oposição das formas deixa de ser feita com base no plano morfológico, fazendo-se necessário recorrer ao plano sintático para esclarecer a ambiguidade. Quando o contexto é incapaz de desfazer a ambiguidade, a tendência da língua é eliminar uma das formas. É por isso, por exemplo, que não existe **cão** correspondente ao singular de **cãs**, ou **falo** do verbo falir, ou **pulo** de polir, ou **remo** de remir.

Pelo exposto, convém distinguir os casos de homonímia gramatical (morfes fonologicamente iguais) da homonímia lexical (vocábulos fonologicamente iguais).

Levando em conta as explicações sobre homonímia, quais são os morfes homônimos nos exemplos a seguir?

- (o) canto ≠ (eu) canto
- terrestre ≠ terrível
- vivemos ≠ amemos
- vivamos ≠ amamos

Será que você entendeu a diferença entre morfema, morfe e alomorfe? Também está clara a diferença entre diversos tipos de morfes? Se não, leia tudo outra vez com bastante atenção, identificando outros exemplos existentes no português. Cumprida essa etapa, é hora de você se inteirar das diversas classes de morfemas e das respectivas regras de ordenamento. Novamente, convém ler com bastante atenção, correlacionando os conceitos com os exemplos dados e com outros existentes na língua.

2.2 Classificação dos morfemas

Em princípio, todo vocábulo contém um morfema primitivo, também denominado morfema básico ou nuclear, ao qual podem se agregar

outros morfemas. Apresentamos a seguir uma classificação dos morfemas que leva em conta a ordem de ocorrência, a função e o sentido.

2.2.1 Raiz

Raiz (R) é o "elemento irredutível comum a todos os vocábulos da mesma família" (SAUSSURE, 1975, p. 216). Equivale a *semantema* de Vendryes, ou *lexema* de André Martinet. Trata-se do morfema sobre o qual repousa a significação lexical básica. Também é conhecido por **radical primário**, ou **forma primitiva**. Em **cortin-a-s**, por exemplo, existem três morfemas: raiz, vogal temática, desinência de número.

Para melhor entender o conceito de raiz, analisemos os seguintes conjuntos:

1) terra, terreno, terrestre, aterrar, aterrissagem, aterramento

2) mar, maré, marinho, marinha, marujo, marinheiro, maresia, submarino, marola, marítimo, marisco

Em (1), o elemento comum é **terr-**, razão por que todos os vocábulos são aparentados, formando um conjunto de cognatos. Já em (2), o elemento comum é **mar**. Como se vê, não há nenhuma relação de forma e de significado entre os conjuntos (1) e (2), pois ambos se opõem: [terr-] ≠ [mar].

Por outro lado, a coincidência de forma não significa coincidência de significado. Vejamos o conjunto a seguir:

3) terror, terrível, aterrorizar... terrífico

Em (3), o morfema básico (raiz) também é [terr-], mas não é o mesmo morfema do conjunto (1), pois não há entre os dois qualquer vínculo de significação.

Analisemos, todavia, os seguintes conjuntos:

4) amor, amar, amável, amoroso, amizade, desamor, amigo... amante

5) inimigo, inimizade... inimizar

Nos conjuntos (4) e (5) há divergências quanto à forma, mas

equivalência de significado, de tal modo que [am-] e [im-] são alomorfes de um mesmo morfema.

> Conclui-se, portanto, que o significado é essencial no conceito de raiz, pois a alteração na forma não cria nova raiz. Isso não quer dizer, todavia, que é desnecessário o vínculo formal para a caracterização da mesma raiz. A associação semântica existente entre, por exemplo, **casa, moradia, apartamento, alojamento, cabana, vivenda, chalé**, entre outros, formando uma série de sinônimos, não é uma série de cognatos, pois inexiste entre esses vocábulos qualquer relação mórfica (MONTEIRO, 2002, p. 44).

Para fixar a noção de raiz como "elemento irredutível e comum a todos os vocábulos de uma mesma família", destacamos os seguintes pontos:

- A raiz é a parte de onde origina-se a primeira operação morfológica.
- A raiz é, em geral, uma forma presa, portadora de significação nuclear.
- A raiz apresenta forma e significado, podendo agregar elementos diversos para a flexão e formação de cognatos.
- A raiz é irredutível, mas a forma pode sofrer variações em outros vocábulos (processo de alomorfia).

Considerando o exposto acima, a identificação da raiz de camisolinhas se faz através das seguintes segmentações:

a) camisolinha – s

b) camisolinh – a – s

c) camisol – inh – a – s

d) camis – ol – inh – a – s

2.2.2 Radical

O *radical* (Rd) de uma palavra inclui a raiz e os elementos afixais

que entram na formação dos vocábulos. Assim, a série **mar, marinho, marinheiro, marinheiresco** apresenta, respectivamente, os seguintes radicais:

- [mar] → radical de primeiro grau (= raiz)
- [marinh] → radical de segundo grau
- [marinheir] → radical de terceiro grau
- [marinheiresc] → radical de quarto grau

Na perspectiva sincrônica, a raiz (R) coincide com o radical (Rd) primário.

Na descrição linguística, é necessário desprezar especulações de ordem etimológica ou histórica, pois entendemos, com base em Saussure (1975), que todas as partes devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica. A descrição dos elementos mórficos deve-se pautar na gramática internalizada dos falantes de uma língua, não em informações de ordem externa. Voltaremos a tratar disso mais adiante.

Tratando-se, no entanto, de palavra derivada, o radical é diferente da raiz. Infere-se daí a possibilidade de uma palavra ter vários radicais, como é demonstrado através do seguinte exemplo:

- nacion- (radical de primeiro grau ou raiz)
- nacional (radical de segundo grau)
- nacionaliz- (radical de terceiro grau)
- desnacionaliza- (radical de quarto grau)
- desnacionalizaçã- (radical de quinto grau)

Convém salientar que o verdadeiro radical de uma palavra é sempre o de grau mais elevado, que inclui todos os demais. "Essa orientação, além de simplificar o estudo descritivo da estrutura dos vocábulos, traz a vantagem de estabelecer uma espécie de oposição binária raiz x radical

na formação vocabular, aclarando a delicada questão dos constituintes imediatos" (MONTEIRO, 2002, p. 46). Apesar de nos vocábulos primitivos haver coincidência entre ambos, o que deve ficar claro é que raiz e radical são conceitos bem distintos.

2.2.3 Vogal temática e tema

Vimos que, nos vocábulos primitivos, raiz e radical se confundem. Às vezes, o radical (primário ou derivado) vem acompanhado de uma vogal átona, que se denomina *vogal temática*. Esse conjunto formado por radical e vogal temática constitui o *tema*. Os vocábulos com vogal temática são temáticos; os que não contêm vogal temática são atemáticos. Em geral, são atemáticos os nomes que têm na posição final uma vogal tônica ou uma consoante.

Em português, os temas se classificam em nominais e verbais. Os temas nominais sempre terminam em vogal átona; os verbais, no entanto, podem apresentar vogais temáticas tônicas.

Os temas nominais predominantes em português são os seguintes:

a) Temas em /a/: conversa, alma, garrafa, geada

b) Temas em /o/: certo, afoito, repolho, cavalo, verão

c) Temas em /e/: alface, alicate, mestre, campestre

Os temas verbais também distribuem os verbos em três grupos:

a) Temas em /a/: emoldurar, falar, passear

b) Temas em /e/: ceder, esconder, anoitecer

c) Temas em /i/: corrigir, descobrir, esculpir

Pelo exposto, vocábulos como **bambu, amanhã, café, cipó, maracujá, abacaxi, caráter, feliz, agressor, convés, cartaz, lençol**, terminados em vogal tônica ou consoante, são atemáticos. Há, no entanto, uma ressalva a fazer em relação aos que terminam com as consoantes /l/, /s/, /r/ e /z/, tais como *cônsul, inglês, mar* e *rapaz*. Nesses casos, a vogal temática aparece no plural: *cônsules, ingleses, mares* e *rapazes*. Em

razão disso, as formas no singular devem ser interpretadas teoricamente como *__cônsule, *inglese,__ *__mare__ e *__rapaze__. Às vezes, a vogal temática [e] transforma-se em [i] no plural em razão de processos morfofonêmicos. Exemplo: *__animale__ > __animales__ > __animaes__ > __animais__. Há casos em que a vogal temática, depois de transformar-se em /i/, sofre crase com a vogal do radical, como em: *__fuzile__ > __fuziles__ > __fuzies__ > __fuziis__ > __fuzis__. O vocábulo __fuzis__ deve, portanto, ser analisado como tendo apenas dois morfes: [__fuzi__]__s__].

Cabe ressaltar que nos processos de flexão, derivação e composição, a vogal temática, em contato com elementos mórficos iniciados por vogal, sofre elisão ou crase. Exemplos:

a) casa + ebre = casaebre → casebre

b) pedra + ada = pedraada → pedrada

c) menino + a = meninoa → menina

d) forte + íssimo = forteíssimo → fortíssimo

e) *finale + íssimo = finaleíssimo → finalíssimo

Quando a vogal temática se mantiver após o acréscimo de sufixos derivacionais, passando a ocupar uma posição pré-sufixal, deixa de ser vogal temática e passa a funcionar como vogal de ligação (ou infixo). Exemplos:

a) alegr**e**mente

b) mã**e**zinha

c) erv**a**teiro

d) legal**i**dade (de *legale)

O mesmo princípio se aplica aos nomes derivados de verbos. Exemplos:

a) louvar → louvável

b) punir → punível

c) perdoar → perdoável

Resumindo as informações sobre radical e temática, José Lemos Monteiro (2002, p. 51-52) lista as seguintes noções básicas:

- O tema é a parte da palavra que se opõe à flexão.
- O tema desprovido da vogal temática é o radical.
- O radical é formado pela raiz e morfemas derivacionais (prefixos e sufixos), se houver.
- Entre os elementos que formam o radical, às vezes aparecem morfes vazios.
- A vogal temática ocorre em posição final ou pré-desinencial; a vogal de ligação é pré-sufixal.

2.2.4 Morfema derivacional

São considerados morfemas derivacionais os afixos, através dos quais é possível criar (derivar) vocábulos novos. Os prefixos são morfes aditivos que precedem a raiz e, ao contrário, os sufixos são morfes aditivos que sucedem a raiz. Assim, de **cerveja** é possível formar cervej-**ada**, cervej-**aria**, cervej-**eiro** etc.; de **farra**, farr-**ista**; de **mole**, mol-**ejo**; de **fiel**, **in**-fiel; de **capaz**, **in**-capaz; de incapaz, incapac-**idade**. Normalmente a derivação se faz pela adição individual de prefixos e sufixos, de modo que uma palavra derivada se forma pelo acréscimo de um prefixo, ou de um sufixo, a uma forma livre já existente. A palavra **vergonhosa-mente** deriva de **vergonh-oso**, que, por sua vez, deriva de **vergonha**.

Os morfemas derivacionais e os categóricos são sempre formas presas que se combinam com o semantema. Dito de outra forma: são morfes agregados a uma base que constitui a entidade léxica.

Veja outros exemplos a seguir:

a) norma + al → normal

b) normal + izar → normalizar

c) normalizar + ação → normalização

d) normal + mente → normalmente

e) a + normal → anormal

f) normal + idade → normalidade

g) a + normalidade → anormalidade

2.2.4.1 Prefixos

Os prefixos, morfemas derivacionais que ocupam posição anterior à raiz, modificando o significado do vocábulo primitivo, apresentam as seguintes características:

a) Destacam-se facilmente da forma primitiva, e o que resta é, em geral, uma forma livre. Exemplos: **[in]** + **capaz, [dês]** + **confiança, [in]** + **[dis]** + **posto**;

Convém observar, no entanto, que muitos vocábulos formados historicamente por prefixação devem hoje ser consideradas como primitivos, ou sem prefixo, uma vez que os falantes deixaram de perceber a relação de sentido com a forma primitiva. Servem de exemplo: **objeto, sujeito, oferecer, eclipse, biscoito, subterfúgio, derivar**. Nesses vocábulos, não há como separar, respectivamente, os elementos **[ob], [su], [o], [e], [bis], [sub]** e **[de]**, pois o que sobra não faz sentido.

b) Quase sempre alteram substancialmente o significado da raiz. Na palavra **correto**, a adição do prefixo [**in**] representará exatamente o sentido oposto;

c) Não se prestam para indicar categorias gramaticais, como gênero, número, tempo, modo e pessoa;

d) Comumente se agregam a verbos e a adjetivos;

e) Em geral, não mudam a classe gramatical dos vocábulos. O verbo continua sendo verbo, o nome continua sendo nome etc. Exemplos: **leitura** → [**re**] + **leitura, pôr** → [**com**] + **por, confor-**

to → [**des**] + **conforto, saciável** → [**in**] + **saciável**;

Os vocábulos parassintéticos, nos quais a derivação se faz pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo, são exceção a esse princípio. Todavia, nesses casos o novo sentido é dado pelo sufixo e não pelo prefixo.

f) Certos prefixos são empregados também como formas livres. Exemplos: **contra, extra, sobre**. Às vezes, essas formas correspondem a construções braquiológicas, isto é, construções nas quais os prefixos adquirem autonomia morfológica. Exemplos: Pagamentos **extras** (extraordinários); Cursar o **pré** (pré-vestibular); Participar do **pan** (pan-americano).

2.2.4.2 Sufixos

Em contraposição, os sufixos apresentam as seguintes características:

a) Nem sempre se destacam com facilidade. Em **condutor**, por exemplo, à primeira vista o sufixo poderá ser [**tor**]. Mas, após realizar uma série de oposições entre formas aparentadas, chega-se à conclusão de que o sufixo é de fato [**or**], principalmente devido à existência da forma precedente **conduto**;

b) Após destacar o sufixo, quase sempre o que sobra é uma forma presa: **dent** + [**uço**], **bol** + [**eto**], **significat** + [**iva**], **ded** + [**al**] etc.;

c) Nunca são empregados como formas livres, exceto os casos de derivação imprópria nos quais o morfema aditivo perde seu caráter de sufixo: O **imperialismo** e outros **ismos**;

d) Não alteram fundamentalmente a significação da raiz: **sapat(o)** + [**eiro**], **sapat(o)** + [**aria**], **sapat(o)** + [**ada**], **sapat(o)** + [**ão**], **sapat(o)** + [**inho**];

e) Muitos sufixos se prestam para mudar a classe ou a função da palavra. Assim, [**izar**] transforma nomes (substantivos e adje-

tivos) em verbos: **real** → **realizar**, **energia** → **energizar**, **canal** → **canalizar**. O sufixo [**mente**] modifica adjetivos em advérbios: **sábio** → **sabiamente, difícil** → **dificilmente**;

f) São assistemáticos, isto é, não se aplicam a todas as formas primitivas;

O sufixo [**udo**] serve para formar **barrigudo, orelhudo, bocudo, cabeçudo, peitudo, cabeludo** etc., mas é estranho em ***sobrancelhudo, *pernudo, *dedudo, *joelhudo, *sovacudo** etc.

g) Formam uma classe aberta que se presta à criação diária de neologismos, como é o caso dos verbos em [**iz**(**ar**)]: o**timizar, ambientalizar, descapitalizar, horizontalizar, criminalizar** etc. Foi com base neste princípio que Carlos Drummond de Andrade, no poema "Caso Pluvioso", criou os seguintes neologismos:

- "*chuvíssima* criatura",
- "*chuvadeira* maria",
- "*chuvil*, pluvimedonha",
- "as fontes de maria mais *chuvavam*",
- "atro *chuvido*",
- "tal *chuvência*" ;

h) Não são obrigatórios, pois os sentidos que representam podem ser expressos através de outros meios de natureza sintática: **solenemente** (de modo muito solene), **empreendedor** (quem empreende muito), **fofoqueiro** (que faz fofocas) etc.

Na segmentação dos sufixos, é preciso ter certa cautela para não incorrer em decisões arbitrárias. Convém sempre considerar o conteúdo semântico do sufixo para uma adequada segmentação. Quando surgem dificuldades de interpretação, deve-se recorrer ao princípio da alomor-

fia. Vejamos alguns exemplos:

- Do substantivo **rei** forma-se o adjetivo **real**, do qual se deriva o substantivo **realeza**. Em vista disso, a segmentação de **realeza** será [re] + [al] + [ez] + [a]. Mas o mesmo princípio não se aplica a **fortaleza**, porque inexiste a forma terminada em [al]. Por isso, a segmentação de **fortaleza** será [fort] + [alez] + [a], sendo [alez] alomorfe de [ez].
- Se em **luarada** temos [lu] + [ar] + [ad] + a, com dois sufixos derivacionais, em **cusparada** só é possível identificar o sufixo derivacional [arad] como alomorfe de [ad].
- Certos verbos, como vimos, são formados com o sufixo [iz(ar)] acrescido ao adjetivo. Assim, **ridículo** daria **ridiculizar**. No entanto, o que se tem é **ridicularizar**. O jeito é considerar a forma [ariz(ar)] um alomorfe de [iz(ar)]. Do mesmo modo, em **contemporizar** não é possível interpretar /or/ como sufixo. Por isso, [tempor] deve se considerado alomorfe de [temp(o)], justificando a seguinte segmentação: [con] + [tempor] + [iz] + [a] + [r].

Em geral, o termo **sufixo** é empregado para designar morfemas derivacionais, isto é, morfemas que se prestam para a formação de novos vocábulos, mas há autores que incluem entre os sufixos os morfemas flexionais. Entres esses autores, cita-se Monteiro (2002, p. 57), que afirma:

> quanto à função gramatical, há dois tipos de sufixo, conforme sirvam ao mecanismo da derivação ou da flexão. Os que formam novas palavras são denominados derivacionais (SD) ou lexicais (SL). Os que apenas permitem que os vocábulos variem em gênero e número (quando nomes) ou em modo, tempo, número e pessoa (quando verbos) são chamados flexionais (SF) ou desinências (D).

Considerando que os morfemas derivacionais e os morfemas flexionais têm características e funções distintas, preferimos considerá-los em separado.

2.2.5 Morfema categórico

Os morfemas categóricos, que incluem todos os sufixos flexionais

(SF) ou desinências (D), expressam as categorias gramaticais. Como tal, não derivam novos vocábulos, mas servem para traduzir noções gramaticais de gênero, número, pessoa, tempo e modo. Quando representam categorias de gênero ou de número, são desinências nominais; quando representam categorias de tempo e modo ou de número e pessoa, são desinências verbais. Em **peru-a-s**, o [a] é a desinência nominal de gênero feminino e o [s] é a desinência nominal de plural. Já em **vende-re-mos** o segmento [re] é a desinência verbal de futuro do presente do indicativo e [mos] é a desinência verbal de primeira pessoa do plural.

Em resumo, então, podemos dizer que os sufixos flexionais indicam as seguintes categorias gramaticais dos vocábulos:

velh + [a] – categoria de gênero

carta + [s] – categoria de número

vi + [mos] – categoria de número e pessoa

fize + [sse] – categoria de modo e tempo

De modo geral, os sufixos flexionais ou desinenciais, em contraste com os sufixos derivacionais, têm as seguintes características:

- Não criam vocábulos novos;
- São sistemáticos, isto é, aplicam-se a todos os vocábulos de uma determinada classe (por exemplo: todos os nomes são marcados quanto ao gênero e ao número e todos os verbos são marcados quanto ao modo, tempo, número e pessoa);
- São obrigatórios, pois não há alternativas para marcar certa categoria gramatical;
- Formam um grupo reduzido e fechado;
- Sujeitam-se ao vínculo da concordância: substantivo feminino plural impõe aos determinantes (artigos, adjetivos, pronomes adjetivos, numerais adjetivos) a concordância

no feminino e no plural; sujeito da oração na primeira pessoa do plural impõe concordância do verbo na primeira pessoa do plural;

- São morfes arbitrários cujo sentido só se revela no ambiente morfossintático no qual eles aparecem. O morfe [s] em posição final de nomes (moleque + [s], noviça + [s]) em geral representa o plural, ao passo que em final de verbos (tu fala + [s], tu finge + [s]) representa a segunda pessoa do singular.

2.2.6 Morfema relacional

Os morfemas relacionais caracterizam-se como formas dependentes, isto é, vocábulos sem autonomia mórfica, pois, como já vimos, não constituem por si só um enunciado. A classe dos morfemas relacionais é formada pelas preposições, conjunções e pronomes relativos. Exemplos: Viajei **de** carro; Vim, vi **e** venci; As regras **que** transcrevi estão obsoletas.

Os vocábulos relacionais não se segmentam morficamente, devendo ser considerados estruturas de um único morfema.

2.2.7 Morfema classificatório ou vogal temática

Fazem parte deste grupo os morfemas que nada parecem acrescentar ao significado. Tais morfemas são representados por segmentos formais aos quais não corresponde, aparentemente, nenhum significado e, por isso, são também designados de *morfes vazios*. Convém, no entanto, considerar que o fato de não traduzirem nenhuma ideia ou noção extralinguística não significa necessariamente não terem nenhum valor semântico, mesmo que esse valor seja meramente gramatical. Servem apenas para distribuir os vocábulos em classes ou categorias. São as vogais temáticas nominais, como em garot-**o**, canet-**a**, fac-**e** e as vogais temáticas verbais, como em cant-**a**-r, vend-**e**-r, ment-**i**-r. Assim, os três primeiros exemplos pertencem à classe dos nomes; e os três últimos, à classe dos verbos.

A função do morfema classificatório é situar o vocábulo num paradigma, que é um conjunto de unidades linguísticas que se excluem umas às outras por sistemas de oposição. Ou: paradigma é um conjunto

de unidades ausentes que poderiam substituir aquela que está presente na cadeia sintagmática.

2.2.8 Vogal de ligação e consoante de ligação

Em português, as vogais e consoantes de ligação, de que servem de exemplo vocábulos como **cha-l-eir-a**, **louv-á-vel**, **vest-u-ári-o**, são consideradas casos de interfixação. Sendo assim, esses elementos não são tidos como morfemas, "havendo tendência de incorporá-los aos sufixos que os seguem ou aos radicais que os antecedem" (MONTEIRO, 2002, p. 60). No entanto, resta um problema: não existe critério definido e adequado para essa incorporação. Em **cafe-t-eir-a**, por exemplo, o [-t-] deve fazer parte do sufixo [-teir(a)] ou fazer parte do radical [cafet-]? Do mesmo modo, em **vend-í-vel**, o [-i-] deve fazer parte do sufixo [-ível] ou do radical [vendi-]?

Além disso, afirma Monteiro (2002, p. 60), "não se admitindo o interfixo como um morfe segmentável, o número de alomorfes cresce assustadoramente, o que contraria o princípio da economia e da simplicidade descritiva". Sendo assim, apesar da alegada falta de significação das vogais e consoantes de ligação, é preferível segmentá-las como morfes.

Estruturalmente, as vogais e consoantes de ligação ocupam um posição pré-sufixal, isto é, entre o radical e um sufixo derivacional. Em geral as vogais de ligação eram vogais temáticas no vocábulo que serviu de base para a derivação de outro vocábulo.

2.3. Análise mórfica – princípios básicos e auxiliares

As formas livres e as formas dependentes constituem, como vimos, os vocábulos mórficos. Do que se disse, deve ter ficado claro que o vocábulo mórfico tanto pode constituir-se de uma unidade indivisível (um só morfema, ou seja, vocábulo unimorfêmico), quanto pode ser composto de duas os mais unidades menores (dois ou mais morfemas).

Resta saber, então, como proceder para destacar cada um dos morfemas constitutivos do vocábulo mórfico. Primeiramente, é preciso con-

siderar que os morfemas são unidades de *significação*, ou seja, só faz sentido segmentar se o segmento corresponder a uma *significação*. Em segundo lugar, deve-se fazer a *comutação* com outros vocábulos para identificar as unidades em contraste, segundo o princípio da oposição.

A seguir, veremos em que consiste a comutação, com vistas à segmentação dos morfemas.

2.3.1 Comutação

A comutação consiste numa operação contrastiva por meio de permuta de elementos para a qual são necessárias: a) a segmentação do vocábulo em subconjuntos e b) a pertinência paradigmática entre os subconjuntos que vão ser permutados. Comutação é troca de um elemento no plano da expressão de que resulta uma alteração no plano do conteúdo.

No exemplo a seguir a comutação é feita no nível fonológico.

/ l a r /   (lar)

/ m a r / (mar)

/ m a l / (mal)

/ m e l / (mel)

/ f e l /   (fel)

Na comutação, em qualquer nível (fonológico, morfológico ou sintático), a troca do significante implica a troca de significado.

Para melhor entender a técnica da comutação, imprescindível na análise mórfica, analise a comutação no nível morfológico representada a seguir:

a) desinências número-pessoais

cantava + **Ø**

cantava + **s**

cantava + **Ø**

cantáva + **mos**

cantave + **is**

cantava + **m**

b) desinências modo-temporais

tu canta + **Ø** + s

tu canta + **va** + s

tu canta + **rá** + s

tu canta + **ria** + s

tu canta + **ra** + s

tu canta + **sse** + s

tu canta + **re** + s

c) raiz ou semantema de verbos

cant + ar

estud + ar

cas + ar

alarm + ar

copi + ar

san + ar

cant + ar

govern + ar

Fazer análise mórfica é examinar e segmentar os vocábulos em partes providas de significação. Como tal, não se confunde com a análise dos fonemas e das sílabas, ou dos termos das orações, no nível sintático, embora certas informações fonético-fonológicas, sintáticas e mesmo semânticas possam ser úteis para a análise da estrutura mórfica.

Como vimos, a principal técnica de análise mórfica é a **comutação.**

Essa técnica impede que as segmentações dos vocábulos sejam feitas de modo arbitrário. "A comutação se baseia no princípio de que tudo no sistema linguístico é oposição e consiste na substituição, pelo confronto, de uma forma por outra" (MONTEIRO, 2002, p. 38). Trata-se de realizar a permuta de uma parte do vocábulo por outra e verificar se essa permuta produz alterações na significação.

Para demonstrar ainda melhor como funciona a técnica da comutação, examinaremos o adjetivo **novíssimo** e o verbo **olharemos**:

novíssimo

a) novíssimo + Ø ≠ novíssimo + s (Ø ≠ s)

b) novíssimo + Ø ≠ novíssimo + a (Ø ≠ a)

c) novíssim + o ≠ novíssim + a + mente (o ≠ a)

d) nov + íssimo ≠ nov + inho ≠ nov +iço ≠ nov + idade (íssimo ≠ inho ≠ iço ≠ idade etc.)

e) nov + íssimo ≠ bon + íssimo, bel + íssimo (nov ≠ bom ≠ bel etc.)

As formas mínimas encontradas foram:

a) Raiz – [nov]

b) Radical – [novíssim]

c) Vogal temática – [o]

d) Tema – [novíssimo]

e) Sufixo derivacional – [íssimo]

f) Desinência de gênero – [Ø]

g) Desinência de número – [Ø]

olharemos

a) olhare + mos ≠ olhare + i (mos ≠ i)

b) olha + re + mos ≠ olha + ria + mos (re ≠ ria)

c) olh + a + re + mos ≠ olh + Ø + e + mos (a ≠ Ø)

d) olh + a + re + mos ≠ corr + e + re + mos (a ≠ e)

e) olh + a + re + mos ≠ estud + a + re + mos (olh ≠ estud)

As formas mínimas encontradas foram:

a) Raiz – [olh]

b) Radical – [olh]

c) Vogal temática – [a]

d) Tema – [olha]

e) Desinência modo-temporal – [re]

f) Desinência número-pessoal – [mos]

2.3.2 Princípios da hierarquia

Na análise mórfica, devemos considerar que a ordem dos constituintes não é meramente linear, mas hierárquica. Para entender o que isso significa, vamos examinar a formação da palavra **reutilização**.

a) [útil] + [iz(ar)] → utilizar

b) [utilizar] + [ação] → utilização

c) [re] + [utilizar] → reutilizar

d) [reutilizar] + [ação] → reutilização

Pela ordem, do adjetivo **útil** forma-se o verbo **utilizar**, derivando-se daí o substantivo **utilização**; e do verbo **reutilizar** deriva-se o substantivo **reutilização**. Incorreto é considerar que o substantivo **reutilização** fosse derivado de **utilização** uma vez que o prefixo [re] em geral se acrescenta a bases verbais.

Vejamos outro exemplo.

a) suportar + ável → suportável

b) in + suportável → insuportável

O prefixo [in], com valor negativo, somente se acrescenta a bases adjetivais e não a bases verbais. Assim, haveria quebra de hierarquia se a derivação fosse feita na seguinte ordem: suportar → *insuportar → insuportável. Da mesma forma, a palavra **invariavelmente** é constituída de **invariável + mente** e não de **in + variavelmente**, visto que não existe o advérbio ***variavelmente**.

2.3.3 Redundância

Redundância é um conceito bastante difundido na semântica, sendo também conhecido por pleonasmo, o que significa repetição do significado: "ver com os próprios olhos", "subir para cima" etc.

Há, por outro lado, a redundância gramatical representada pela presença de um morfe segmental ou suprassegmental que repete o mesmo traço gramatical. Como já vimos, a pluralização do substantivo é realizada prioritariamente pelo acréscimo da desinência [s], mas, havendo combinação com determinantes (artigos, pronomes adjetivos, adjetivos), a concordância nominal "obriga" a repetição do [s]: "o + [s] seu + [s] belo + [s] olho + [s] verde + [s]".

Nos verbos, a presença do pronome reto – que identifica a pessoa e o número – não exclui a necessidade da flexão e, consequentemente, da concordância: eu fal + [o], nós fala + [mos] etc.

Em certos casos, a redundância gramatical é representada por três marcas distintas: o morfe flexional, a concordância e a alternância vocálica. Em **o sogro** → **a sogra**, a oposição de gênero é marcada pelo sufixo desinencial [Ø] ~ [a], pela concordância [Ø] = [Ø] / [a] = [a] e pela alternância das vogais [ô] ~[ó]. Em **o povo** → **os povos**, a oposição de número é marcada pelo sufixo desinencial [s], pela concordância [Ø] = [Ø] / [s] = [s] e pela alternância das vogais [ô] ~[ó].

2.4 Mudança morfofonêmica

Chama-se mudança morfofonêmica a alomorfia condicionada fonologicamente. São mudanças no sistema fonêmico do vocábulo, com

repercussão no sistema mórfico. O prefixo **in**-, por exemplo, pode variar em **–i**, de acordo com o ambiente fonético: incapaz, infeliz; mas imutável (antes de consoante nasal), ilegal (antes da consoante "l") e irrelevante (antes da consoante "r").

Para melhor entender isso, vamos ler a explicação fornecida por Zanotto (1986, p. 40-41):

> O radical do verbo "passear" é "passe-", átono, sendo tônica a vogal temática "-a-" Nas formas em que o acento tônico se antecipa para o radical, formas ditas rizotônicas, o radical passa a ser "passei-", havendo o acréscimo do fonema "-i", desfazendo o hiato ("passeo") através da ditongação ("passEIo"). O acréscimo do fonema "-i" alterou o morfema, de "passe-" para "passei-". É, então, uma mudança morfofonêmica, uma alteração morfológica de origem fonológica.

Essas mudanças podem acontecer por supressão de fonemas, acréscimo, transformação, crase.

São exemplos de mudanças morfofonêmicas:

a) sa- + -o → saIo (acréscimo do fonema /i/ ao radical com formação do ditongo sai-);

b) escut- + -a- + -va- + -is → escutaVEis (vogal "i" assimila vogal "a" da desinência verbal, transformando-a em "e");

c) and- + -a- + -i → andEi (vogal "i" assimila vogal temática "a", transformando-a em "e");

d) ave + cultor → avIcultor (alteração da vogal temática "e" em "i");

e) viv + i + i → vivI (crase da vogal temática "i" e da desinência verbal "i");

f) in + legal → Ilegal (supressão da nasal "n");

g) do + e → dóI (alteração da vogal temática "e" em "i" e consequente formação do ditongo);

h) quintal + s → quintaIs (supressão da consoante "l" do radical e acréscimo de "i", com formação do ditongo);

i) garot + o + a → garota (supressão da vogal temática "o");

j) pé + al → peDal (acréscimo da consoante "d" ao radical);

k) animal + inho → animalZinho (acréscimo de "z" ao sufixo diminutivo "inho").

Entender os processos morfofonêmicos é importante, pois a maioria dos alomorfes deve a sua origem a esses processos.

2.5 Sincronia e diacronia

Antes de encerrarmos este capítulo, precisamos esclarecer um aspecto relevante, não só para a descrição morfológica, mas também para a descrição de outros níveis linguísticos.

> No estudo da língua, é possível a evolução de um estágio a outro, com vistas a identificar e descrever as mudanças ao longo de um período de tempo. Trata-se da perspectiva *diacrônica*. Por outro lado, o estudo de um estado de língua, num determinado momento de sua evolução, representa a perspectiva *sincrônica*. Dito de outra maneira, "*sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução" (SAUSSURE, 1975 [1916], p. 96).

Nossa disciplina tem como objetivo *utilizar os princípios de análise morfológica para descrever a estrutura de vocábulos da língua portuguesa, distinguindo os processos de flexão, composição e derivação, além de identificar e utilizar aspectos da teoria lexical relacionados à classificação de vocábulos*. Nesse sentido, interessam os fatos linguísticos como eles se apresentam no momento atual, sem especulações de ordem histórica ou evolutiva. O que deve guiar o estudo do atual estado da língua portuguesa é a percepção que os falantes têm dos fatos, pois, para os usuários da língua, a sucessão desses fatos no tempo não existe.

Fica claro, então, que na descrição da estrutura dos vocábulos do

português é desnecessário conhecer o latim ou quaisquer outras línguas que tenham influenciado a formação da língua portuguesa. Com isso, não estamos afirmando que os conhecimentos relativos ao latim e tudo aquilo que diz respeito à formação da língua portuguesa são inúteis. Na verdade, são altamente relevantes, mas para outros fins, distintos dos de nossa disciplina. Por outro lado, feita uma constatação de ordem sincrônica, nada impede que a convicção a respeito do fato seja reforçada por informações de ordem diacrônica. Aliás, teremos oportunidade de fazer isso em situações diversas ao longo de nosso texto.

A segmentação dos elementos mórficos deve se pautar pela consciência do significado, pois, perdida essa consciência, o morfema também se descaracteriza. Segundo Saussure, o linguista que queira descrever um estado de língua "deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia" (1975 [1916], p. 97).

Vamos ilustrar esse princípio metodológico com alguns exemplos fornecidos por José Lemos Monteiro (2002, p. 67-75).

Na palavra **livreiro**, é fácil reconhecer a raiz [livr] e o sufixo [eir(o)], indicador de profissão, sem necessidade de recorrer ao latim. Isso é sincronia. Nesse caso, como em muitos outros, se a identificação dos morfemas for feita com base no latim, o resultado não será diferente. Há muitos vocábulos, no entanto, cuja segmentação não é tão simples e a adoção de critérios diacrônicos ao invés de critérios sincrônicos muda totalmente os resultados.

Vejamos, então, alguns desses vocábulos:

a) **companheiro** – como não há consciência de que deriva de **pão** (aquele que come do mesmo pão), sendo **com** um prefixo, o correto é considerar que a raiz é [companh].

b) **marquês** – em **português**, **francês** e outros vocábulos, ocorre o sufixo [es]. O mesmo não se pode dizer de **marquês**, em que não se percebe mais a existência do sufixo. Do mesmo modo, em **lembrete** há consciência do sufixo [ete], mas a consciência desse sufixo deixou de existir em **bilhete**.

c) **comer** – se adotarmos critérios diacrônicos, veremos que a atu-

al raiz [com] foi outrora um prefixo, uma vez que proveio de **comedere**, cujos elementos constitutivos eram [com[ed]e]re]]. A raiz [ed] desapareceu completamente na evolução para o português, em razão da queda da consoante sonora intervocálica e da crase das vogais. Por essa razão, a atual raiz do verbo comer é o que antes foi prefixo.

Esse exemplo foi citado por Câmara Jr. (1972, p. 14), segundo quem "muitas vezes o conhecimento histórico, aplicado à análise sincrônica, a torna absurda".

d) **ovelha, abelha, agulha** – esses vocábulos eram, em certo período da evolução do latim ao português, **ovicula, apicula** e **acucula**, com sufixo diminutivo igual ao que ainda se constata em **homúnculo, gotícula, partícula** etc. Se nestes vocábulos ainda há a percepção dos sufixos diminutivos, o mesmo não se pode afirmar sobre aqueles, sendo incorretas segmentações como [ov] + [elh] + [a], [ab] +[elh] + [a], [ag] + [ulh] + [a].

e) **relógio, embora, fidalgo, almoxarife, Geraldo** – esses vocábulos eram compostos, originalmente. Todavia, já não existe mais a consciência dos elementos constitutivos originais, devendo os mesmos serem considerados vocábulos simples, isto é, formados por uma única raiz. Só o estudioso de gramática histórica e de etimologia sabe que tais vocábulos foram formados respectivamente por: hora + lógio, em + boa + hora, filho + de + algo, al + moxarife, gerr (guerra) + hard (forte). Casos assim muitas vezes representam empréstimos lexicais de línguas estrangeiras, como **coquetel, nocaute, futebol**, cujos significados originais se perderam totalmente.

f) **rival, sadio** – originalmente, essas formas derivam de **rio** (rivus) e de **são** (sannativu), também raiz de **sanar**. Sincronicamente, no entanto, quem sabe disso?

A perda da consciência do significado pode explicar, também, a existência de inúmeras construções redundantes ou paradoxais.

a) **biênio, triênio, quadriênio, quinquênio e decênio** – Em todos esses vocábulos, encontra-se o semantema da raiz de **ano**, embora modificada na forma, significando, respectivamente, **dois anos, três anos, quatro anos, cinco anos** e **dez anos**. Mas, em **anuênio**, há um emprego redundante (ano + ano), como se

[ênio] fosse sufixo. Como se observa, em **anuênio** é impossível recuperar a consciência do significado original em [ênio]. Do mesmo modo, quem diria que em **solene** há um morfema correspondente a ano. Etimologicamente, **solene** se refere ao que acontece uma **só** vez no **ano**.

b) **biquíni** – a partir da falsa percepção de que **biquíni** significa duas peças de um certo vestuário, formou-se **monoquíni**. Ocorre que **biquíni** é metonímia do nome de um atol. Do mesmo modo, **bermudas** é metonímia de um topônimo.

c) **preferir** – as restrições normativas ao emprego dos advérbios **mais** ou **antes** subordinados a esse verbo respaldam-se na formação latina do verbo, no qual ocorre o prefixo [pre]. No latim, de **ferre** formou-se **praeferre**. Em português, no entanto, não se interpreta o verbo **preferir** como derivado de **ferir**, pois este não existe com o significado que convém ao caso.

d) **caligrafia** – Etimologicamente, significa **bela letra**. Mas o emprego de expressões como **caligrafia bonita** e **caligrafia horrível** evidencia a perda do significado primitivo. Do mesmo modo, **antídoto** quer dizer **contraveneno**. Por que, então, alguém diz algo como "precisa de um antídoto contra picadas de mosquitos"?

e) **me, te, se, nos, vos** – em certas formas latinas, a preposição cum (com) aparecia posposta: **mecum, tecum, secum** etc. Daí mego (migo), **tego** (tigo), **seco** (sigo). Posteriormente, o desaparecimento dessa percepção (posposição da conjunção com, originalmente *cum*), fez repeti-la no início: com + migo = **comigo**, com + tigo = **contigo** etc.

Conclui-se, desse modo, que uma descrição coerente dos morfemas não pode apenas se pautar em dados histórico-etimológicos. Convém lembrar, no entanto, que uma descrição exclusivamente sincrônica é difícil de levar às últimas consequências, uma vez que a consciência dos falantes nem sempre apresenta a precisão desejável. Por exemplo, se perguntarmos a alguns falantes de português de onde deriva a palavra **mesada**, não faltará que diga derivar de **mesa**, quando na realida-

de deriva de **mês**. Igualmente, há falantes que relacionam **pequinês** a *pequeno*, quando, de fato, diz respeito a uma raça de cães originária de Pequim. Se em **boiada** é fácil destacar o sufixo [ada], o mesmo não se pode dizer de **manada**. Se **bananeira** deriva de **banana**, **mangueira** de **manga**, **abacateiro** de **abacate**, pode-se dizer que **macaxeira** deriva de [**macax**]?

Considerando, então, que a aplicação do princípio da "consciência coletiva" nem sempre é adequada, como proceder? A alternativa é aplicar a comutação, mas essa alternativa também é, às vezes, questionável.

Os verbos **receber, perceber** e **conceber** correspondem a oposições na base da permuta dos elementos [re], [per] e [com], mas isso só faz sentido para o estudioso. Qual o significado dos elementos prefixais? Além disso, resta a dúvida em relação a **ceber**, que não existe na língua como forma livre.

Situação semelhante ocorre com os vocábulos **excluir** e **incluir**, de um lado, e **explodir** e **implodir**, de outro. Há, no entanto, uma diferença em relação aos primeiros. Nestes fica clara a oposição entre os prefixos [ex] e [in], mesmo que **cluir** e **plodir** não sejam formas livres.

Do mesmo modo, se em **pedreiro, jornaleiro, sapateiro** é possível separar o sufixo [eiro], o mesmo pode ser feito em **carpinteiro**, ainda que inexista a forma primitiva.

Segundo Monteiro (2002, p. 72), na segmentação dos elementos mórficos, devem ser consideradas as seguintes situações:

a) Os morfes são elementos facilmente destacáveis quando se opõem formalmente e têm significados transparentes, como em: **peixaria, livraria** ou **peixinho, livrinho.**

b) Quando é possível estabelecer oposições mórficas, mas falta a base semântica, como em **preferir, referir, proferir**, convém não destacar os morfemas, pois os elementos que sobram não têm livre curso na língua. Neste caso, os prefixos históricos são incorporados à raiz.

c) Quando não há uma palavra primitiva, mas os cognatos são facilmente reconhecidos com base em oposições mórficas, deve-se destacar o semantema. Em **emergir e imergir**, a raiz (radical primário) [merg] é facilmente identificada, sem que haja concretamente uma palavra primitiva.

Em resumo, pode-se concluir que certos problemas de análise morfológica decorrem do modo como se vê a realidade linguística. Se a gramática for rigidamente mecanicista, excluindo qualquer interferência do significado, será suficiente fazer operações contrastivas para fazer segmentações mórficas estruturalmente válidas. Todavia, se levarmos em conta a relação intrínseca e solidária entre forma e significado, os problemas de identificação de morfemas devem se pautar na consciência coletiva. Como essa segunda alternativa pode levar a mero impressionismo, talvez o melhor a fazer é adotar uma posição intermediária, conciliando, sempre que possível, a sincronia e a diacronia.

Resumo do capítulo:

- *Morfema* é uma unidade abstrata de sentido, representada por uma ou mais formas.
- A realização concreta de um morfema se denomina *morfe* e, quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, ocorre *alomorfia*.
- *Alomorfes* são, portanto, as diversas realizações de um único morfema, ou vários morfes correlacionados quanto à forma e com o mesmo significado.
- Quando a ausência do morfe corresponde a um significado, tem-se *morfema zero*.
- *Morfes cumulativos* são unidades formais que representam simultaneamente dois morfemas. Em português, são cumulativas as chamadas desinências verbais modo-temporais (Exemplos:

viajá-**sse**-mos, resolve-**re**-mos) e número-pessoais (Exemplos: viajá-sse-**mos**, viaja-sse-**m**).

- Nos casos em que a oposição morfológica se faz pela permuta de dois fones, os morfes são alternantes, como em: **avô** ≠ **avó**. Em geral, os morfes alternantes são redundantes ou submorfêmicos, pois reforçam uma oposição morfológica formada por morfe aditivo, como em: porc**o** (ô) ≠ porc**a** (ó); famoso (ô) ≠ famosos (ó).
- A coincidência de formas (morfe homônimo) não significa que o morfema é o mesmo. Em (eu) **cant**-o, (o) **cant**-o (da ave) e (o) cant-o (da sala), por exemplo, o morfe é o mesmo, mas cada um deles representa uma morfema distinto.

Os morfemas classificam-se em:

- *Raiz* (R), que é o "elemento irredutível comum a todos os vocábulos da mesma família" (SAUSSURE, 1975, p. 216). Trata-se do morfema sobre o qual repousa a significação lexical básica. Também é conhecido por *radical primário, forma primitiva, semantema ou lexema*.
- *Radical* (Rd), que inclui a raiz e os elementos afixais que entram na formação dos vocábulos. O radical pode ser *primário, secundário, terciário* etc.
- *Vogal temática*, que é a vogal sem valor semântico posicionada logo após o radical. Nos nomes, é átona; nos verbos infinitivos, é tônica. As vogais temáticas são consideradas morfemas classificatórios, pois servem para distribuir os vocábulos em certos grupos, como é o caso das conjugações verbais.
- *Tema*, que é o conjunto formado por radical e vogal temática.
- *Morfemas derivacionais*, que são também conhecidos como afixos: se ocorrem antes da raiz, são prefixos; se ocorrem depois, são sufixos.
- *Morfemas categóricos*, que são os morfemas indicadores de gênero e número nos nomes e indicadores de modo e tempo e

número e pessoa nos verbos. Recebem este nome porque servem para expressar as categorias gramaticais.

- *Morfemas relacionais*, que são as preposições, as conjunções e os pronomes relativos.

Para segmentar adequadamente os vocábulos em morfemas, deve-se usar técnicas de comutação, que é a troca de um elemento no plano da expressão com vistas à alteração no plano do conteúdo.

Na segmentação dos morfemas e na análise mórfica, deve-se levar em conta que existe uma ordem hierárquica, isto é, o acréscimo de dois ou mais morfemas derivacionais não acontece simultaneamente, a não ser em casos excepcionais. Existe uma ordem a ser seguida.

Se a alomorfia é condicionada pelo contexto fonológico, tal mudança é morfofonêmica. Trata-se de uma mudança no sistema fonético-fonológico do vocábulo, com repercussão no sistema mórfico.

Por fim, lembramos que o modelo descritivo que adotamos privilegia o estado atual da língua portuguesa, em detrimento das explicações de ordem histórica. Todavia, isso não significa que em casos de necessidade não se possa valer de argumentos histórico-etimológicos.

Leia mais!

A Conceituação Clássica do Morfema. *In*: ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 43-66.

O Vocábulo Formal e a Análise Mórfica. *In*: CÂMARA JR., J. Mattoso. *A estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 69-76.

Unidade B

Flexão Nominal e Verbal

- *Verbo + Verba*, de Tchello d'Barros (2006)

3 Flexão Nominal

No capítulo II da Unidade A, estudamos os diferentes tipos de morfemas, as respectivas funções, a hierarquia e o ordenamento, entre outros aspectos relevantes na descrição e análise mórfica. Vamos agora focalizar uma característica específica dos nomes e pronomes, que é a flexão de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural). Vamos demonstrar, também, que grau não é flexão.

3.1 Morfemas flexionais (desinências)

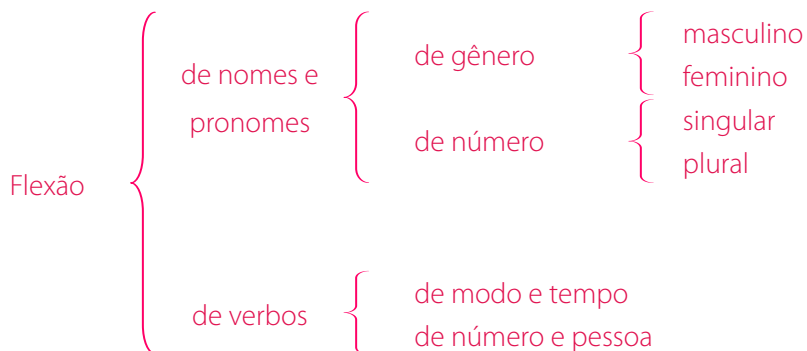
Já tivemos oportunidade de falar a respeito dos **morfemas flexionais,** ou simplesmente **desinências**. Esses morfemas constituem uma classe fechada, obrigatória, e se prestam para representar noções gramaticais de gênero, número, modo, tempo e pessoa. Como tal, podem ser listados exaustivamente.

Entre as classes de vocábulos que se submetem aos processos de flexão – por isso, considerados vocábulos variáveis – citam-se: de um lado, os **nomes** (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais) e, de outro, os **verbos**.

As **desinências nominais** classificam-se em: **desinências de gênero** (masculino e feminino) e **desinências de número** (singular e plural).

As desinências verbais classificam-se em: desinências modo-temporais (tempo e modo do verbo) e desinências número-pessoais (número e pessoa da forma verbal).

Observe o seguinte esquema sinótico:

- Flexão
  - de nomes e pronomes
    - de gênero
      - masculino
      - feminino
    - de número
      - singular
      - plural
  - de verbos
    - de modo e tempo
    - de número e pessoa

No nível sintático, a flexão impõe normas de concordância, de tal

modo que os vocábulos subordinados a um substantivo, por exemplo, devem com ele concordar em gênero e número. Combinado com um substantivo feminino plural só cabe um adjetivo, ou um artigo, ou um pronome adjetivo no feminino plural. Se o sujeito da oração estiver na terceira pessoa do plural, o verbo deverá obrigatoriamente flexionar-se na terceira pessoa do plural.

Ao contrário do que ocorre nos processos de formação de novos vocábulos, nos quais os falantes têm a liberdade de utilizar prefixos ou sufixos, no sistema flexional da língua há imposições gramaticais, sem opção de inovação ou criação.

Neste capítulo, trataremos em particular da flexão dos nomes, que se desdobra em flexão de gênero e flexão de número, e da flexão dos verbos, que se desdobra em flexão de modo e tempo e de pessoa e número.

3.2 Estrutura mórfica dos nomes

O nome às vezes é formado por um único morfema: o radical primário ou raiz. Esse radical, no entanto, pode ser ampliado por meio de morfemas derivacionais (prefixos e sufixos) e morfemas flexionais (desinências de gênero e de número). Além disso, podem ocorrer vogais temáticas e vogais de ligação.

Levando isso em consideração, observemos a estrutura mórfica dos nomes abaixo:

NOME	SD	RAIZ	VL	SD	SD	VT	DG	DN
1. anzol		anzol						
2. folhetins		folh-		-et-	-in-			-s
3. ele		el-				-e		
4. elas		el-					-a-	-s
5. finalzinho		fim-		-al-	-zinh-	-o		
6. desatualizados	des-	-atual-		-iz-	-ad-	-o-		-s
7. atualizada		atual-		-iz-	-ad-		-a	
8. afinadíssimos	a-	-fin-		-ad-	-íssim-	-o-		-s
9. florezinhas		flor-	-e-	-zinh-		-a-		-s
10. terceiro		terc-		-eir-		-o		

Em princípio, podemos dizer que os **nomes** caracterizam-se mor-

ficamente pela possibilidade de apresentar desinências de gênero e de número, o que é próprio dos **substantivos** e **adjetivos** (verdadeiros nomes), uma vez que pronomes, artigos e numerais ora são substantivos, ora são adjetivos, de acordo com o sentido e a função que exercem na estrutura sintagmática (ou frasal). Por outro lado, devemos considerar que qualquer palavra pode substantivar-se e, como tal, submeter-se aos processos flexionais e mesmo derivacionais específicos dos nomes, como: **os sins, os nãos, os prós, os contras, o fazer, uma mãozinha, agorinha, um quezinho, um ai, euzinha** etc.

Trataremos oportunamente da classificação dos vocábulos, com base em critérios mórficos, sintáticos e semânticos.

Também devemos observar que nem todo nome possui as subcategorias de gênero e número. Estruturalmente, só existe flexão se uma categoria se opuser a outras. Assim, uma palavra só pode apresentar a marca de feminino, isto é, a desinência [a], se existir uma forma masculina correspondente. Do mesmo modo, não há desinência de plural [s] se não houver a forma correspondente no singular.

3.3 Flexão e grau

A Nomenclatura Gramatical Brasileira afirma que os nomes (substantivos e adjetivos), além de flexionarem-se em gênero e número, também se flexionam em grau. Trata-se, a rigor, de um equívoco, pois os graus aumentativos e diminutivos dos substantivos, quando realizados através de sufixos, caracterizam-se como processos morfológicos derivacionais (**carrão, carrinho; bolão, bolinha**) e, quando realizados por meio de adjetivos **grande e pequeno**, caracterizam-se como processos sintáticos. Igualmente os adjetivos, que se submetem aos graus comparativo e superlativo, o fazem através de processos morfológicos derivacionais ou por meio de expedientes de natureza sintática.

Instituída pela Portaria nº 36, de 28-01-1959, do Ministério da Educação e Cultura. Esse documento encontra-se disponível nas páginas iniciais do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, publicado pela Editora Nova Fronteira.

Exemplos:

- **Espertinho** (diminutivo)
- **Espertalhão** (aumentativo)
- Tão **esperto** quanto (comparação de igualdade)
- Mais **esperto** do que (comparação de superioridade)
- Menos **esperto** do que (comparação de inferioridade)

- **Espertíssimo** (superlativo)

Como se vê, o grau não se submete ao caráter obrigatório e sistemático próprio do mecanismo flexional. Além disso, como afirma Monteiro (2002, p. 81), existem diversas outras possibilidades de formação do grau superlativo, entre as quais:

a) **Repetição do adjetivo**: "Foi lindo, lindo, lindo!" (= lindíssimo);

b) **Uso de formas aumentativas**: "Que rapaz bonitão!" (bonitíssimo);

c) **Uso de formas diminutivas**: "Ele é o queridinho da mamãe." (= queridíssimo);

d) **Emprego de prefixos [super], [hiper], [ultra]** etc.: "Meu computador é hiper-rápido." (= rapidíssimo);

e) **Breves comparações**: "Grosso como porca de patrola." (= muito grosso);

f) **Expressões idiomáticas**: "Ela é linda de morrer!" (= lindíssima).

Por outro lado, devemos considerar que a formação do grau não se submete a qualquer vínculo de concordância entre adjetivos e substantivos. Em *moço educadíssimo*, o substantivo *moço* não apresenta qualquer marcação de grau. Do mesmo modo, podemos dizer **boneca lindíssima** ou **bonequinha linda**, ou seja, não existe obrigatoriedade de dizer **bonequinha lindíssima**.

Em resumo, "a expressão do grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si" (CÂMARA JR., 1979, p. 83).

Para finalizar essa questão, convém lembrar que os gramáticos que falam em *flexão de grau* encontram problemas em classificar os advérbios como palavra variável ou invariável, pois, a exemplo do adjetivo, têm os graus comparativo e superlativo. Ora, quando se considera que o grau não é flexão, tal problema deixa de existir, e o advérbio continua sendo invariável.

3.4 Flexão de gênero

Tradicionalmente, as gramáticas abordam com certa superficialidade a questão de gênero, limitando-se a afirmar que, em português, há dois gêneros (masculino e feminino) e fazendo certa confusão entre gênero e sexo.

Em vista disso, é preciso fazer alguns esclarecimentos prévios.

3.4.1 O que significa gênero

Para começar, gênero significa bem mais do que sexo. Trata-se de uma noção gramatical que se atribui a todos os substantivos, que são ou masculinos ou femininos, independentemente de se referirem a seres sexuados ou não. Assim é que **lápis, computador, relógio, cabelo, assoalho** são masculinos mesmo não tendo sexo; e, ao contrário, nas mesmas condições, **caneta, cebola, viola, maré, água** são femininos.

Isso quer dizer que ser masculino ou feminino é, para a maioria dos nomes, uma imposição gramatical que não interfere no significado. Tanto isso é verdade que, ao longo do tempo, certos substantivos mudaram de gênero, como é o caso de **carvalho** que, em latim, era feminino, e de **cor** e **honra** que, em latim, eram masculinos. Os neutros latinos passaram ao português ora como masculinos, ora como femininos.

Também há substantivos que, no português atual, têm gênero vacilante: **o/a soja, o/a cal, o/a chaminé, o/a dinamite, o/a cólera, o/a diabete, o/a grama, o/a champanhe (champanha), o/a ioga** etc. Pouco importa a imposição normativa, pois o uso é indiferente às preocupações dogmáticas, oscilando entre uma e outra alternativa conforme a região, o grupo social, o nível de escolaridade etc. Quem decide o uso são os falantes.

Outros substantivos são indiferentes quanto ao gênero, ou melhor, podem ser usados como masculinos ou femininos, sem haver flexão: **o/a analista, o/a personagem, o/a sentinela** etc. Nesses casos, a oposição de gênero se manifesta através da concordância. Há, ainda, os substantivos de gênero único, que designam tanto os seres do sexo masculino, quanto os do sexo feminino, não ocorrendo nem a flexão, nem a

concordância: **a onça, o jacaré, a cobra** etc.

Acrescente-se, ainda, o fato de certos substantivos femininos mudarem para o gênero masculino quando empregados no grau aumentativo: **casarão, salão, facão**, entre outros. Isso ocorre, inclusive, com nomes que se referem a seres do sexo feminino: **mulherão, potrancão, cobrão** etc.

Existe um grupo de substantivos para os quais o gênero, indicado pela concordância, representa carga semântica, muda o significado, mas ainda sem se referir ao sexo. Nesses casos, em geral, o masculino tem uma aplicação mais genérica, e o feminino tem uma aplicação mais específica.

o braço	a braça
o cabeça	a cabeça
o capital	a capital
o porto	a porta
o chinelo	a chinela
o bolso	a bolsa
o ovo	a ova
o lotação	a lotação
o lenho	a lenha
o rádio	a rádio
o sapato	a sapata
o espinho	a espinha
o cinto	a cinta
o barco	a barca

As alterações de significado provocadas pela alteração de gênero vão além do interesse mórfico-descritivo, prestando-se, pois, para aprofundamentos de caráter semântico.

Por fim, há os substantivos que apresentam oposição de gênero com base em motivações de ordem sexual, pois se referem a seres do reino animal, como: **lobo ≠ loba, cachorro ≠ cachorra, gato ≠ gata** etc. Somente nesses casos devemos falar em **flexão de gênero**. Quando os indivíduos de sexos diferentes são representados por heterônimos, com **homem ≠ mulher, cavalo ≠ égua, boi ≠ vaca**, não ocorre flexão. Isso quer dizer que **mulher** não é o feminino de **homem**, mas tão somente

um substantivo que tem a propriedade privativa de se referir às pessoas do sexo feminino.

Em resumo: gênero é classificação gramatical obrigatória para todos os substantivos; para muitos substantivos, o gênero não tem qualquer valor semântico, cumprindo apenas o preceito gramatical obrigatório; para outros substantivos, o gênero repercute na significação, de forma variada e imprevisível; e, finalmente, em certos substantivos pertinentes aos seres sexuados, o gênero apresenta relação com o sexo.

Já se disse que todos os nomes têm gênero, porém nem todos se flexionam em gênero. Com base na descrição de gênero que acabamos de apresentar, os nomes, diferentemente do que sugere a NGB e as gramáticas escolares, se distribuem em três grupos (CÂMARA JR., 1979, p. 92):

1) **nomes substantivos de gênero único**: (a) flor, (o) livro, (o) carro, (a) mão, (a) lua, (o) avião, (o) cônjuge, (a) cobra, (o) jacaré etc.

2) **nomes substantivos de dois gêneros sem flexão**: (o, a) artista, (o, a) personagem, (o, a) mártir, (o, a) diplomata, (o, a) aprendiz etc.

3) **nomes substantivos de dois gêneros com flexão**: (o) menino, (a) menina; (o) doutor, (a) doutora; (o) peru, (a) perua etc.

A determinação de gênero se faz, na maioria dos casos, pela concordância que se impõe aos determinantes (adjetivo, pronome adjetivo, numeral ou principalmente artigo). Secundariamente, e somente para os nomes substantivos do terceiro grupo, a determinação do gênero se faz pela flexão, com adição da desinência [a] para o feminino. Nesses casos, a desinência e a concordância tornam-se redundantes na função de explicitar o gênero.

Dito isso, cabe esclarecer que a classificação da NGB em i) *comuns de dois gêneros*, ii) *sobrecomuns* e iii) *epicenos pouco contribui para o assunto*. Na verdade, não são casos de flexão. Os primeiros pertencem ao

grupo 2 anteriormente exposto; os outros incluem-se entre os do grupo 1, com a ressalva de que os sobrecomuns referem-se a homens e mulheres, e os epicenos a animais.

Além da concordância e da flexão, o gênero dos nomes pode ser determinado pela heteronímia, pela derivação sufixal e pela alomorfia no radical.

A heteronímia consiste em expressar o gênero-sexo através de vocábulos distintos.

Exemplos:

- pai –mãe
- homem – mulher
- genro – nora
- cão – cadela
- carneiro – ovelha
- zangão – abelha

Como você pode ver, esses heterônimos não são aparentados morfologicamente, isto é, não têm o mesmo semantema, nem são derivados uns dos outros.

Por outro lado, há certas oposições de gênero-sexo em que, além da desinência de feminino, ocorre um sufixo derivacional.

Exemplos:

- cônsul – consulesa
- galo – galinha
- profeta – profetisa
- herói – heroína
- czar – czarina

A alomorfia no radical também pode reforçar a oposição de gênero-sexo.

Exemplos:

- europeu – europeia
- teu – tua
- judeu – judia
- plebeu – plebeia
- ilhéu – ilhoa
- leão – leoa

3.4.2 A descrição do gênero

Na descrição do gênero, as formas masculinas são consideradas não marcadas, como acontece também com a maior parte dos nomes femininos. Somente os nomes aos quais se adiciona a desinência [a] para o feminino, estabelecendo uma oposição privativa com a forma correspondente masculina, são marcados quanto ao gênero. Por exemplo: **pata** em oposição a **pato**, **viúva** em oposição a **viúvo** etc.

"Há dois tipos de oposição na estrutura da língua: a *privativa* (ou *contraditória*) e a *equipolente* (ou *polar*). Oposição privativa é aquela em que a marca se opõe à ausência de marca numa forma correspondente. Em **bonito** ≠ **bonitos** há oposição privativa porque o [s] marca o plural em oposição ao vazio [Ø] no singular. A oposição equipolente é a que ocorre entre formas que apresentam marcas distintas, sem que nenhuma delas esteja ausente. Em **viverei** ≠ **viveremos**, o [mos] se opõe a [i] equipolentemente, uma vez que ambas as desinências estão presentes" (MONTEIRO, 2002, p. 80).

Lembre-se de que as vogais átonas finais, com exceção da desinência [a] indicadora do gênero feminino, são vogais temáticas, conforme se viu no tópico referente a esse assunto.

O esquema básico na descrição da estrutura flexional de gênero é, portanto, o acréscimo da DG (desinência de gênero). Se ocorrerem outras alterações formais, além da adição da desinência de feminino,

são mudanças morfofonêmicas secundárias, em geral condicionadas fonologicamente. Há casos, no entanto, nos quais a oposição de gênero não se faz por flexão, mas através da heteronímia, o que se constitui em oposição equipolente, como explicamos alhures.

Para melhor explicitar as diferentes situações, apresentamos, com base em Zanotto (1986), onze esquemas descritivos. São eles:

Esquema 1:

R + DG (radical, mais desinência de gênero).

Refere-se aos nomes atemáticos. Exemplos: **autor ≠ autor-a, juiz ≠ juíz-a, peru ≠ peru-a, chinês ≠ chines-a, espanhol ≠ espanhol-a** etc.

Esquema 2:

R – VT + DG (radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero).

Refere-se aos nomes temáticos. Neste caso, havendo acréscimo da desinência [a], a vogal temática é suprimida. Exemplos: **gato ≠ gat-a, nosso ≠ noss-a, aluno ≠ alun-a, mestre ≠ mestr-a, oitavo ≠ oitav-a, justo ≠ just-a** etc.

Esquema 3:

R – VT + DG + alternância vocálica (radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero, mais alternância vocálica).

A alternância ocorre entre vogais fechadas e abertas. Trata-se de flexão interna submorfêmica. Exemplos: **sogro ≠ sogr-a, novo ≠ nov-a, famoso ≠ famos-a, este ≠ esta, ele ≠ el-a, horto ≠ hort-a, porco ≠ porc-a** etc.

Em **avô ≠ avó**, a alternância é morfêmica, pois é o único traço distintivo entre as duas formas.

Esquema 4:

R – VT + alternância /ê/ → /é/ + ditongação /é/ → /éy/ + DG (radical, menos vogal temática, mais troca da vogal do radical /ê/ pela vogal /é/, mais acréscimo da vogal /i/ no radical, mais desinência de gênero feminino).

Além da alternância vocálica submorfêmica, ocorre um alargamento (formação do ditongo [éi]). Exemplos: **ateu ≠ atei-a** (ateu → ateu-a → ate-a → ateia), **plebeu ≠ plebei-a, europeu ≠ europei-a, pigmeu ≠ pigmei-a** etc.

Esquema 5:

R – VT + alomorfia na raiz + DG (radical, menos vogal temática, mais alomorfia na raiz, mais desinência de gênero feminino).

A alomorfia na raiz ou em outros morfemas do radical funciona como um traço redundante na distinção entre gênero masculino e feminino. Exemplos: **judeu ≠ judi-a, ilhéu ≠ ilho-a, sandeu ≠ sandi-a, teu ≠ tu-a, frade ≠ freir-a, meu ≠ minh-a** etc.

Esquema 6:

R – VT + SD + DG (radical, menos vogal temática, mais sufixo derivacional, mais desinência de gênero).

Tratam-se de nomes temáticos em cujas formas femininas correspondentes, além da desinência de gênero, se adiciona um sufixo derivacional. Exemplos: **galo ≠ galinh-a, poeta ≠ poetis-a, duque ≠ duques-a, herói ≠ heroín-a, diácono ≠ diaconis-a, príncipe ≠ princes-a** etc.

A rigor, sincronicamente, o valor semântico de tais sufixos derivacionais se esvaziou completamente, razão por que julgamos ser mais apropriado não segmentá-los, tratando-os como alomorfes. Dessa forma, [**rainh**], [**abadess**] e [**profetis**] seriam, respectivamente, alomorfes de [**re**], [**abad**] e [**profet**].

Esquema 7:

R + SD + DG (radical, mais sufixo derivacional, mais desinência de gênero).

Tratam-se de nomes atemáticos. Exemplos: **cônsul ≠ consules-a, czar ≠ czarin-a, prior ≠ priores-a** etc.

Esquema 8:

R – VT + DG + crase (radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero, mais crase).

Trata-se da subtração do morfema flexional de gênero em virtude de um condicionamento fonético-fonológico. Exemplos: **anão ≠ anã** (anão → anão-a → anã-a ≠ anã), **irmão ≠ irmã, órfão ≠ órfã, ermitão ≠ ermitã** etc.

Além desses casos de subtração, citam-se **réu ≠ ré**, **mau ≠ má**, embora não se enquadrem no mesmo esquema.

Esquema 9:

R – VT + alternância da vogal nasal /ã/ → /õ/ + desnasalização da vogal /õ/ + DG (radical, menos vogal temática, mais alternância da vogal nasal /ã/ em /õ/, mais desnasalização da vogal /õ/, mais desinência de gênero).

Ocorre com alguns nomes terminados pelo ditongo /ão/. Exemplos: **leão ≠ leo-a** (leão → *leon → leona → leõa → leoa), **leitão ≠ leito-a** etc.

Esquema 10:

R – VT + alternância da vogal nasal /ã/ → /õ + DG (radical, menos vogal temática, mais alternância da vogal nasal /ã/ em /õ/, mais desinência de gênero).

Ocorre com nomes terminados em /ão/ quando este corresponde a um sufixo aumentativo. Exemplos: **valentão ≠ valenton-a** (valentão → *valenton → valentona), c**horão ≠ choron-a, solteirão ≠ solteiron-a, sabichão ≠ sabichon-a** etc.

Esquema 11:

R – SD + SD (radical, mais troca de um sufixo derivacional por outro).

Exemplos: **at-or ≠ at-riz, imper(a)-dor ≠ imper(a)-triz, embaix(a)-dor ≠ embaix(a)-triz** etc.

Cabe ainda observar que certos substantivos masculinos não têm, em termos morfológicos, correspondentes femininos, embora se prestem para designar seres sexuados. Como inexistem na língua formas correspondentes no feminino para **homem, genro, cavalo**, usamos ou-

tra palavra (respectivamente, **mulher, nora e égua**) que possa suprir essa lacuna. Trata-se de um processo supletivo (ou heteronímico), segundo o qual uma forma supre a inexistência da outra.

3.5 Flexão de número

O número é uma noção gramatical que distingue um elemento (singular) e mais de um elemento (plural). Há, no entanto, certas situações na língua nas quais a realidade não é tão cristalina quanto parece à primeira vista. Vejamos:

3.5.1 O significado do número

Além da oposição simples entre singular (um só elemento) e plural (mais de um elemento), devemos distinguir outros casos.

a) Certos substantivos no plural não significam mais de uma unidade da referida espécie. Isso quer dizer que o plural é meramente gramatical, sem oposição de sentido. Exemplos: **os óculos, as calças, as trevas, os anais, os afazeres, as alvíssaras, as bodas** etc.

b) Outros substantivos mudam de significado quando se flexionam no plural. Pode-se afirmar, nesses casos, que o morfema de plural [s] acumula a função de morfema derivativo. Exemplos: **a honra** → **as honras, o bem** → **os bens, a féria** → **as férias** etc.

c) Há, ainda, os substantivos coletivos, que, embora morfologicamente no singular, expressam ideia de mais de um elemento, induzindo, às vezes, à concordância no plural, que se caracteriza como concordância ideológica, ou silepse de número.

Resta observar, quanto ao significado do número, que nos adjetivos, artigos, pronomes adjetivos e numerais (e mesmo no verbo), o número resulta da obrigação gramatical de o determinante concordar com o determinado: os adjuntos adnominais concordam com o substantivo e o verbo concorda com o sujeito.

3.5.2 A determinação do número

A flexão de número nos nomes variáveis (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais) é determinada pela oposição, na qual a presença do morfema de plural [s] se opõe à ausência de morfema [Ø] no singular.

O morfema [s] de plural tem diferentes realizações fonéticas, entre as quais: /s/ em "aula[s]", /z/ em "aula[s] alegres", /ʃ/ [que se pronuncia como se fosse ch] em "aula[s] críticas".

Essa simplicidade descritiva do número só é quebrada por dois fatores, a saber:

a) ocorrência de morfema de plural [Ø] em nomes terminados em /s/, exceto se oxítonos. Exemplos:

- o lápis → os lápis
- o pires → os pires
- o cais → os cais
- o ônibus → os ônibus
- o xis → os xis
- o tórax → os tórax
- o ourives → os ourives

O /s/ final desses substantivos, bem como o /s/ final do adjetivo *simples*, não constitui um morfema. O plural, nesses casos, é marcado por recursos sintáticos, em que os determinantes se pluralizam. Em *os lápis pretos*, nos determinantes *os* e *pretos* ocorre morfema de plural [s]. Nesse caso, pode-se afirmar que *lápis* está no plural, mas só porque isso é marcado pelos determinantes, e não pelo/s/ final de *lápis*.

Em *problemas simples*, a pluralização do adjetivo *simples* é indicada pela pluralização do substantivo.

b) O segundo complicador da descrição mórfica de número é a ocorrência de mudanças morfofonêmicas simultâneas à pluralização, como em: **limão → limões, barril → barris, vez → vezes** etc. Essas mudanças são mais bem descritas no tópico 3.5.3, sobre descrição do número, a seguir.

3.5.3 A descrição do número

Esquema 1:

R (T) + DN (radical, mais desinência de número).

a) Após o radical, para vocábulos atemáticos: **guri-s, peru-s, café-s, gambá-s** etc.

b) Após o tema, para vocábulos temáticos: **sapo-s, dente-s, nosso-s, ostra-s** etc.

Esquema 2:

R – VT + DG + DN (radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero, mais desinência de número).

Refere-se aos nomes temáticos. Neste caso, havendo acréscimo da desinência [a], a vogal temática é suprimida. Exemplos: **garota-s, aquela-s, esta-s, oitava-s, indireta-s** etc.

Esquema 3:

R + VT + DN (radical, mais vogal temática, mais desinência de número).

Ocorre com os nomes terminados pelas consoantes /l/, /s/, /r/ e /z/. Exemplos: **mal** → **males, mês** → **meses, mar** → **mares, algoz** → **algozes** etc.

Esquema 4:

T (R + VT) + DN + alomorfia da raiz + alomorfia da vogal temática (tema, mais desinência de número, alomorfia da raiz representada pela supressão do fonema /l/, mais mudança da vogal temática /e/ para /i/): ***animale** → **animales** → **animaes** → **animais**.

Ocorre com os nomes terminados em /al/, /el/, /ol/ e /ul/, que têm um tema teórico em *lê, tais como: bananal (*bananale), anel (*anele), anzol (*anzole), azul (*azule). Exemplos: **capital** → **capitai-s, final** → **finais, coronel** → **coronéis, anel** → **anéis, farol** → **faróis, anzol** → **anzóis, azul** → **azuis, paul** → **pauis** etc.

Esquema 5:

T (R + VT) + DN + alomorfia da raiz + alomorfia da raiz + alomorfia da vogal temática (tema, mais desinência de número, alomorfia da raiz representada pela supressão do fonema /l/, mais alomorfia da raiz representada pela alteração da vogal /i/ em /e/, mais alomorfia da vogal temática /e/ para /i/): ***facile → faciles → fácies → facees → fáceis**.

Ocorre com os nomes terminados em /il/, sendo /i/ uma vogal átona. Exemplos: **útil → úteis, fóssil → fésseis, ágil → ágeis, contábil → contábeis, provável → prováveis** etc.

Esquema 6:

T (R + VT) + DN + alomorfia da raiz + crase (tema, mais alomorfia da raiz representada pela supressão do /l/, mais alomorfia da vogal temática, mais crase): ***barrile → barriles → barries → barriis → barris**.

Ocorre com os nomes terminados em /il/, sendo /i/ uma vogal tônica. Exemplos: **funil → funis, estudantil → estudantis, hostil → hostis** etc.

Esquema 7:

T (R + VT) + DN + alomorfia da raiz + alomorfia da vogal temática (tema, mais desinência de número, mais alomorfia da raiz representada pela troca de /ã/ por /õ/, mais alomorfia da vogal temática /o/ para /e/.)

Ocorre com a maioria dos nomes terminados em "ão". Exemplos: **fogão → fogões, leitão → leitões, ladrão → ladrões, sapatão → sapatões, feijão → feijões** etc.

Esquema 8:

T (R + VT) + DN + alomorfia da vogal temática (tema, mais desinência de número, mais alomorfia da vogal temática /o/ para /e/.)

Ocorre com alguns nomes terminados em "ão". Exemplos: **pão → pães, cão → cães, alemão → alemães, capitão → capitães** etc.

Os nomes em "ão" que não se incluem nos esquemas 7 e 8 descrevem-se de acordo com os nomes do esquema 1.

3.6 Estrutura pronominal

Quanto à estrutura morfológica, nomes e pronomes são muito semelhantes. Sendo assim, pronomes flexionam-se em gênero (**ele → ela, teu → tua, nosso → nossa, algum → alguma, aquele → aquela** etc.) e em número (**você → vocês, minha → minhas, este → estes, qual → quais** etc.), podendo ser descritos de acordo com os mesmos esquemas. Às vezes, do mesmo modo que nos nomes, além da desinência que marca o gênero ou o número, podem ocorrer alomorfias na raiz, representadas da seguinte maneira:

a) **Na formação do feminino:**

- elisão da vogal temática e alternância vocálica redundante: **ele + a = elea → ela** (/ê/ ~ /é/);
- alomorfia na raiz: **teu → tua, seu → sua, meu → minha**.

b) **Na formação do plural:**

- simples acréscimo da desinência: **ele → eles, nosso → nossos**;
- acréscimo de vogal temática, acréscimo de desinência e síncope (supressão) da consoante /l/ intervocálica: **qual – * quale → quales → quaes → quais**.

Também cabe observar que certos pronomes não apresentam flexão (**outrem, que, quem, se, alguém, ninguém** etc.); em outros, a indicação de plural se faz por meio de formas supletivas: **eu ≠ nós, tu ≠ vós, me ≠ nos** etc.

3.6.1 Categorias pronominais

Se em tudo o que se disse até aqui nada difere os pronomes dos nomes, precisamos explicitar em que eles se diferenciam. Primeiramente, observamos que, diferentemente dos nomes, os pronomes não se submetem aos processos derivacionais, ou seja, aos pronomes não se pode adicionar prefixos e sufixos. Dito de outra forma, os pronomes são sempre constituídos de um morfema básico, primário. Além disso, de acordo com Monteiro (2002, p. 94), os pronomes podem ser distribuídos em três categorias inexistentes para os nomes, a saber:

a) gênero neutro

A oposição às formas do masculino e feminino se faz mediante flexão interna, representada pela alternância vocálica:

Neutro	Masculino	Feminino
isto	este(s)	esta(s)
isso	esse(s)	essa(s)
aquilo	aquele(s)	aquela(s)
tudo	todo(s)	toda(s)

b) caso

Segundo a função que exercem na frase, os pronomes podem ser retos (quando exercem a função de sujeito ou predicativo) ou oblíquos (quando exercem outras funções, como, por exemplo, as de **complemento verbal** e de **adjunto adnominal**). Nesses casos, a oposição pode se realizar mediante processos supletivos:

PRONOMES		
Retos	Oblíquos átonos	Oblíquos tônicos
eu	me	mim, (com)igo
tu	te	ti, (com)tigo
nós	nos	nós, (com)vosco
vós	vos	vós, (com)vosco
ele(s), ela(s)	se, o(s), a(s), lo(s), la(s), no(s), na(s)	si, (com)sigo, lhe(s), ele(s), ela(s)

No português atual, especialmente na fala, inclusive na considerada culta, o paradigma dos pronomes pessoais está passando por um processo de mudança relevante, caracterizado, entre outros aspectos, pela alternância de **tu** e **você** no singular e substituição de **vós** por **vocês**. Além disso, o pronome **nós** alterna-se com a forma **a gente**. Essas mudanças trazem reflexos nos paradigmas dos pronomes oblíquos e na flexão dos verbos. **Você** e **vocês**, por exemplo, são pronomes de segunda pessoa, indicando a pessoa com quem se fala, mas a concordância de pronomes oblíquos e de verbos se faz com formas da terceira pessoa; **a gente**, por sua vez, quando na

função de pronome, corresponde à primeira pessoa, pois indica a pessoa que fala, mas a concordância também se faz na terceira pessoa. Em resumo, têm-se realizações como: **eu me explico, tu te explicas, você se explica, a gente se explica, nós nos explicamos, vocês se explicam, eles se explicam**. E, em certos registros, **tu se explica, nós se explicamos, nós se explica**. As alterações no sistema pronominal de sujeito coocorrem com alterações no sistema flexional do verbo e no emprego de pronomes relativos e possessivos.

c) **pessoa**

As pessoas gramaticais são três: o falante (primeira pessoa), o ouvinte (segunda pessoa) e o assunto (terceira pessoa). As oposições entre as diferentes pessoas se efetivam mediante radicais distintos.

3.6.2 Significado dêitico

Além dessas três características típicas dos pronomes, devemos considerar que os pronomes e os nomes se diferenciam quanto à natureza semântica. "Os pronomes, ao contrário dos nomes, têm uma natureza ou função indicativa" (MONTEIRO, 2002, p. 96) e, por isso, são chamados **dêiticos**. Por exemplo, o referente do pronome *eu* muda conforme a situação de interação. O **eu** é a pessoa que fala, que está com o turno de fala. Assim, quem é **tu**, porque está na posição de escuta, torna-se **eu** quando toma a palavra.

Os pronomes demonstrativos têm o seguinte uso básico: **isto, este(s) e esta(s)** indicam coisas que estão próximas do falante; **isso, esse(s) e essa(s)**, coisas que estão próximas do ouvinte; **aquilo, aquele(s) e aquelas(s)**, coisas sobre as quais se está falando. O mesmo vale para certos advérbios, como **aqui, aí, lá** etc. O **aqui**, usado pelo falante, indica um lugar ao qual o ouvinte se refere como **aí**. É por isso que esses advérbios são classificados como **advérbios pronominais**.

Além do significado dêitico, os pronomes têm a função de retomar (indicar) algo que já foi dito (anáfora), ou ainda vai ser dito (catáfora),

num determinado contexto.

Exemplos de indicação **anafórica**:

- **O governador** sequer mencionou a questão. Ele foi omisso.
- Moro em **Florianópolis**. Aqui há lindas praias.
- Li um **livro** que nunca foi citado na aula de Literatura Brasileira I.
- Já estou morando na **casa** nova. Levei dois anos para construí-la.

Exemplos de indicação **catafórica**:

- Esta é minha última proposta: **quinhentos e cinquenta reais por mês**.
- Em Grão-Pará, sucedeu algo muito estranho: **violaram um túmulo e cortaram a cabeça do cadáver**.
- Escuta isso: **mil reais não são dez**.

3.6.3 Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Por fim, resta observar que os pronomes, assim como os nomes, funcionam como substantivos ou adjetivos. No entanto, diferentemente dos nomes, que não distinguem as duas funções com base na estrutura mórfica, os pronomes têm formas substantivas e adjetivas que possibilitam esquemas opositivos. Vejamos como se processa essa correspondência:

PRONOMES	
Substantivos	**Adjetivos**
eu	meu
tu	teu
ele(s), ela(s)	dele
nós	nosso
vós	vosso
isto	este
isso	esse
aquilo	aquele

alguém	algum
ninguém	nenhum
outrem	outro
quem	qual
tudo	todo

Resumo do capítulo

- A flexão dos pronomes se realiza do mesmo modo que a flexão dos nomes.
- Os pronomes, ao contrário dos nomes, não se submetem aos processos derivacionais.
- Nos pronomes, há três categorias inexistentes nos nomes: gênero neutro, caso e pessoa.
- Os nomes representam as coisas e ideias (são símbolos), os pronomes apenas indicam a situação espacial (são sinais).
- Além da significação dêitica (indicar no tempo e no espaço), os pronomes podem se referir ao que já foi dito (anáfora) e ao que vai ser dito (catáfora).
- Os pronomes possibilitam esquemas opositivos entre formas substantivas (pronomes substantivos) e formas adjetivas (pronomes adjetivos).

Leia mais!

O Nome e suas Flexões. *In*: CÂMARA Jr, Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979. p. 87-96.

Pessoa e Número, de José Lemos Monteiro. Disponível em: <http://www.geocities.com/jolemos.geo/>. Acesso em: 29 maio 2008.

4 Flexão Verbal

Na língua portuguesa, não são apenas os nomes e pronomes que se submetem a processos de flexão. Verbos também se flexionam. Neste caso, as desinências servem para indicar o modo, tempo, número e pessoa. Vamos ver como isso acontece?

Primeiramente, veremos estruturas verbais que pertencem aos paradigmas mais gerais e padronizados, isto é, os verbos ditos regulares; depois, cuidaremos dos verbos que desviam do padrão geral. Para isso, apresentaremos um método de análise que visa a facilitar a flexão e a análise estrutural desses verbos. Veremos, então, que os verbos irregulares seguem paradigmas que, de certo modo, são também regulares, embora menos produtivos, no sentido de que existe um número menor de verbos que se flexionam dessa maneira.

4.1 Estrutura verbal

Os verbos formam uma classe rica em possibilidades flexionais, pois as oposições entre tempos e modos referem-se a, pelo menos, treze tempos verbais, distribuídos nos modos indicativo e subjuntivo e formas nominais, e, entre categorias de número e pessoa, referem-se a três pessoas no singular e três pessoas no plural.

Não incluímos os tempos do imperativo afirmativo e do imperativo negativo porque, a rigor, do ponto de vista morfológico, não são tempos verbais, mas verbos de situação, cujas formas são emprestadas pelo presente do subjuntivo e presente do indicativo. Como tal, as estruturas morfológicas do imperativo em nada se diferenciam das formas originais.

Apesar dessa complexidade, a estrutura básica dos verbos é relativamente simples, resumindo-se a: R + VT + DMT + DNP (radical, mais vogal temática, mais desinência modo-temporal, mais desinência número-pessoal), sempre nessa ordem. Isso não quer dizer, no entanto, que os morfemas estejam sempre presentes. Vejamos alguns exemplos:

Verbo	TEMA R	VT	DESINÊNCIAS DMT	DNP
falávamos	fal-	-a-	-va-	-mos
escrever	escrev-	-e-	-r	Ø
trocam	troc-	-a-	Ø	-m
servisse	serv-	-i-	-sse	Ø
levemos	lev-	Ø	-e-	-mos

Nos verbos, a vogal temática é geralmente tônica – ao contrário dos nomes, nos quais é átona – e tem a função de distribuir os verbos em conjugações, isto é, em paradigmas flexionais distintos, a saber:

a) **primeira conjugação**: salt-a-r, danç-a-r, amarel-a-r etc.;

b) **segunda conjugação**: corr-e-r, faz-e-r, escond-e-r etc.;

c) **terceira conjugação**: corrig-i-r, ouv-i-r, alud-i-r etc.

Como já vimos no **Capítulo 2**, as desinências verbais são cumulativas: as desinências modo-temporais expressam, de modo indissociável, as categorias de modo e tempo, ao passo que as desinências número-pessoais expressam as categorias de número e pessoa. Em **estud-a-ría-mos**, por exemplo, é impossível interpretar que em [mos] o segmento [s] indica plural e o segmento [mo] indica primeira pessoa do plural. O correto é afirmar que o morfe [mos] é indivisível e tem a função de marcar a pessoa (primeira) e o número (plural). Igualmente, não se pode dividir o segmento [ria] em [ri] e [a], "já que se torna impossível usar um tempo verbal, abstraindo o modo como se expressa a ação" (MONTEIRO, 2002, p. 102).

A depreensão dos morfemas de uma estrutura verbal é relativamente fácil, desde que se aplique adequadamente a técnica da comutação. Ao analisar uma forma verbal, podemos, por exemplo, compará-la com a forma de infinitivo e com a primeira pessoa do plural do tempo em que se encontra o verbo. O infinitivo sem o [r] apresenta radical e vogal temática. A primeira pessoa do plural exibe sempre a desinência [mos] (DNP). Após separar o tema (radical e vogal temática) e a desinência número-pessoal, o que sobra é a desinência modo-temporal.

Vamos, então, examinar a forma verbal **lavavam**.

O infinitivo impessoal é: **lav-a-r**.

A primeira pessoa do plural é: **lav-á-va-mos**.

Se compararmos essas duas formas com **lavavam**, fica fácil concluir que a segmentação é **lav-a-va-m**, sendo [lav] radical, [a] vogal temática, [va] desinência modo-temporal e [m] desinência número-pessoal.

Por outro lado, no lugar de [va] podemos ter lava[re]mos, lava[ría]mos, lavá[sse]mos, lava[r]mos, lavá[ra]mos, lava[Ø]mos, entre outras DMT; no lugar da DNP [m], além de [mos], podemos ter lavava[s], laváve[is] ou lavava[Ø]. O tema, que é formado pelo radical e pela vogal temática, pode ser ampliado por meio de prefixos e de sufixos. Exemplos: **descobrir, redescobrir, florescer, legalizar** etc.

Quanto à flexão, todos os tempos e modos apresentam desinências modo-temporais e desinências número-pessoais, exceto os tempos de infinitivo impessoal, particípio e gerúndio, nos quais não existem desinências número-pessoais. Às vezes as desinências estão ausentes e, por isso, correspondem ao morfema zero.

A **desinência modo-temporal** (DMT), como já vimos, presta-se para, cumulativamente, representar o tempo e o modo em que o verbo está. Neste sentido, cada um dos tempos verbais tem uma desinência modo-temporal, realizada por meio de um morfema concreto ou de um morfema zero. A **desinência número-pessoal** (DNP), por sua vez, representa, cumulativamente, a pessoa (primeira, segunda ou terceira) e o número (singular ou plural). Os tempos verbais são os seguintes:

a) **Modo indicativo**

- presente
- pretérito perfeito
- pretérito mais-que-perfeito
- pretérito imperfeito
- futuro do presente
- futuro do pretérito

b) **Modo subjuntivo**

- presente
- pretérito imperfeito
- futuro

c) **Formas nominais**

- infinitivo impessoal
- infinitivo pessoal
- particípio
- gerúndio

Os tempos verbais, além da ideia de tempo, correspondem a diferentes aspectos. O aspecto é a maneira de ser da ação, ou seja: "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo" (BUREAU, *apud* CUNHA; CINTRA, 1985, p. 370). No caso do pretérito perfeito, por exemplo, o aspecto é conclusivo, pois se refere àquilo que começou e encerrou num certo momento do passado. Diferentemente, o pretérito imperfeito se refere a algo que começou no passado, mas é durativo. Nesse sentido, pode-se dizer, então, que as DMTs seriam, além de modo-temporais, também aspectivas. Saliente-se que o aspecto do verbo pode ser também indicado por meio de perífrases verbais. Exemplos:

- aspecto incoativo ou inceptivo: **começou a beber**;
- aspecto continuativo: **continua a beber**;
- aspecto conclusivo ou cessativo: **acabou de beber**;
- aspecto durativo, cursivo ou progressivo: **vou estar realizando**;
- aspecto resultativo ou consecutivo: **conseguiu realizar**;
- aspecto interativo ou frequentativo: **costuma tirar boas notas**;
- aspecto perfectivo ou obrigatório: **tenho de sair**.

4.2 Padrão geral de flexão verbal

A seguir, vamos examinar a segmentação dos verbos ditos regulares em todos os tempos verbais, nas três conjugações. O padrão geral caracteriza-se pela ausência de modificações na raiz e regularidade no uso de desinências modo-temporais e número-pessoais. Faremos uma segmentação com base na primeira pessoa do plural e, logo após, apresentaremos algumas observações importantes. As pessoas gramaticais serão numeradas de P1 a P6, sendo as três primeiras do singular e as três últimas do plural.

a) Futuro do presente do indicativo

P1	fal	a	re	i	vend	e	re	i	part	i	re	i
P2	fal	a	rá	s	vend	e	rá	s	part	i	rá	s
P3	fal	a	rá	Ø	vend	e	rá	Ø	part	i	rá	Ø
P4	fal	a	re	mos	vend	e	re	mos	part	i	re	mos
P5	fal	a	re	is	vend	e	re	is	part	i	re	is
P6	fal	a	rã	o	vend	e	rã	o	part	i	rã	o

Observações:

- No futuro do presente, a DMT é realizada por meio de três morfes: [re], [rá] e [rã]; trata-se, pois, de processo de alomorfia.
- As DNP são as mesmas para cada pessoa, nas três conjugações. Todas as formas são arrizotônicas, pois o acento tônico está fora do radical.

Também aqui valem as observações que fizemos no capítulo anterior sobre o paradigma dos pronomes retos, que são pronomes pessoais na função de sujeito. Evidentemente, as alterações que se fazem na flexão dos verbos em virtude do emprego de **você(s)** e **a gente** são perfeitamente segmentadas, seguindo os mesmos padrões aqui expostos, caracterizando-se como formas marcadas ou não. Sendo assim, em **(tu) fala-s**, a P2 é marcada pela desinência [s], mas, em **(você) fala**, não existe marca desinencial, ou seja, o morfema número-pessoal é zero, o que corresponde à estrutura verbal de terceira pessoa. O mesmo critério se aplica à forma associada

ao pronome **nós**, como em **(nós) fala-mos**, cuja desinência é [mos]. Mas se no lugar do pronome **nós** usarmos **a gente**, o verbo perde a marca desinencial [mos], que passa a ser zero. Isso tudo, evidentemente, tem muitas implicações sobre o ensino de português, pois, como se observa, há um descompasso entre a descrição oferecida pela gramática normativa e o uso efetivo da língua. No caso da segunda pessoa do plural, o pronome vós é arcaico, tendo sido substituído integralmente pela forma **vocês**. Somente em certos textos escritos ainda encontramos estruturas com o pronome **vós**. Sendo assim, ensinar às crianças flexão de verbo na segunda pessoa do plural é o mesmo que ensinar uma regra de uma língua estrangeira, pois tal flexão não é mais parte da gramática internalizada desses falantes nativos de português.

b) Futuro do pretérito do indicativo

P1	fal	a	ria	Ø	vend	e	ria	Ø	part	i	ria	Ø
P2	fal	a	ria	s	vend	e	ria	s	part	i	ria	s
P3	fal	a	ria	Ø	vend	e	ria	Ø	part	i	ria	Ø
P4	fal	a	ria	mos	vend	e	ría	mos	part	i	ría	mos
P5	fal	a	ríe	is	vend	e	ríe	is	part	i	ríe	is
P6	fal	a	ria	m	vend	e	ria	m	part	i	ria	m

Observações:

- O quadro de DMT é praticamente uniforme, havendo apenas a alomorfia [ría] ~ [ríe] em razão do contexto fonético.
- Ocorre neutralização entre P1 e P3.
- As DNP são as mesmas do futuro do presente, exceto em P1 e P6.

c) Pretérito mais-que-perfeito

P1	fal	a	ra	Ø	vend	e	ra	Ø	part	i	ra	Ø
P2	fal	a	ra	s	vend	e	ra	s	part	i	ra	s
P3	fal	a	ra	Ø	vend	e	ra	Ø	part	i	ra	Ø
P4	fal	a	ra	mos	vend	e	ra	mos	part	i	ra	mos
P5	fal	a	re	is	vend	e	re	is	part	i	re	is
P6	fal	a	ra	m	vend	e	ra	m	part	i	ra	m

Observações:

- Os morfes [ra] e [re] no pretérito mais-que-perfeito são átonos, ao contrário de [re] e [rá] no futuro do presente, que são tônicos.
- Também nesse tempo verbal, verifica-se neutralização entre primeira e terceira pessoas do singular.
- No caso da desinência [m], consideramos que tal grafema representa as diferentes realizações fonéticas do segmento, sem entrar na discussão sobre a existência de um dígrafo formado por /ã/ ou de eventual vocalização. Para maiores esclarecimentos, sugerimos consultar Mattoso Câmara Jr. (1979, p. 46-47) e Monteiro (2002, p. 111-112).

d) Pretérito imperfeito do indicativo

P1	fal	a	va	Ø	vend	i	a	Ø	part	i	a	Ø
P2	fal	a	va	s	vend	i	a	s	part	i	a	s
P3	fal	a	va	Ø	vend	i	a	Ø	part	i	a	Ø
P4	fal	á	va	mos	vend	í	a	mos	part	í	a	mos
P5	fal	a	ve	is	vend	í	e	is	part	í	e	is
P6	fal	a	va	m	vend	i	a	m	part	i	a	m

Observações:

- Com verbos de primeira conjugação, a DMT é [va] com alomorfia [ve]; com verbos de segunda e terceira conjugação, a DMT é [a] com alomorfia [e]. Mattoso Câmara Jr. (1979, p. 109) ensina que, na segunda e terceira conjugações, a DMT é [ia] com alomorfe [ie]. Convém, todavia, considerar tão somente [a] ~ [e], pois é assim que se realiza mesmo nos verbos em que a vogal temática é suprimida: **vính + Ø + a + mos, ér + Ø + a + mos, púnh + Ø + a + mos** etc. O argumento de que, em assim se procedendo, há neutralização com as formas do presente do subjuntivo não procede, pois neste tempo verbal a vogal temática não se realiza.
- Nos verbos de segunda conjugação, a vogal temática sofre alomorfia. Em **vend-í-a-mos**, a vogal temática [i] é alomorfe da

vogal temática [e] do infinitivo **vend-e-r**.

e) Presente do indicativo

P1	fal	Ø	Ø	o	vend	Ø	Ø	o	part	Ø	Ø	o
P2	fal	a	Ø	s	vend	e	Ø	s	part	e	Ø	s
P3	fal	a	Ø	Ø	vend	e	Ø	Ø	part	e	Ø	Ø
P4	fal	a	Ø	mos	vend	e	Ø	mos	part	i	Ø	mos
P5	fal	a	Ø	is	vend	e	Ø	is	part	i	Ø	(i)s
P6	fal	a	Ø	m	vend	e	Ø	m	part	e	Ø	m

Observações:

- A DMT é zero em todas as pessoas e conjugações. Na P1, emprega-se a DNP [o], ao contrário do que ocorre na maioria dos tempos verbais, nos quais é [Ø]. Como veremos adiante, essa desinência está presente mesmo em verbos irregulares, como **ponh[o], venç[o], trag[o]** etc., podendo sofrer alomorfia em [ou]: **est[ou], s[ou], v[ou], d[ou]**.
- Também na P1 verifica-se, em todas as conjugações, a supressão da vogal temática.
- Exceto nas P4 e P5 (formas arrizotônicas), as vogais temáticas da segunda e terceira conjugações se neutralizam.
- Na P4 da terceira conjugação, a DNP reduz-se a [s] devido à crase com a vogal anterior tônica: **parti(i)s** > **partis**.
- Nas formas monossilábicas de segunda e terceira conjugações (exceto verbo ser), a DNP da P5 sofre alomorfia em [des]: vedes, credes, vindes, pondes etc.

f) Pretérito perfeito do indicativo

P1	fal	e	Ø	i	vend	i	Ø	Ø	part	i	Ø	Ø
P2	fal	a	Ø	ste	vend	e	Ø	ste	part	i	Ø	ste
P3	fal	o	Ø	u	vend	e	Ø	u	part	i	Ø	u
P4	fal	a	Ø	mos	vend	e	Ø	mos	part	i	Ø	mos
P5	fal	a	Ø	stes	vend	e	Ø	stes	part	i	Ø	stes
P6	fal	a	ra	m	vend	e	ra	m	part	i	ra	m

Observações:

- Entre as DNP, registram-se [ste] na P2, [stes] na P5 e [u] na P3, que são exclusivas deste tempo verbal. Considerando que a DMT é zero, exceto em P6, deduz-se que essas DNP exclusivas acumulam também a função de diferenciar o passado do presente.

- As formas da P4 neutralizam-se com as formas do presente do indicativo nos verbos ditos regulares, mas, em verbos irregulares fortes, os radicais são diferentes (cf. dizemos ≠ dissemos, sabemos ≠ soubemos, trazemos ≠ trouxemos, somos ≠ fomos, pomos ≠ pusemos etc.).

- As formas da P6 neutralizam-se com as formas do pretérito mais-que-perfeito, inclusive nos verbos irregulares.

- A VT da primeira conjugação modifica-se em [e] na P1 e em [o] na P3; a VT da segunda conjugação modifica-se em [i] na P1.

- Na P1 da segunda e da terceira conjugações, a DNP [i] é zero em virtude de ela ter sofrido crase com a VT: vendi + i → vendi; parti + i → parti.

g) Presente do subjuntivo

P1	fal	Ø	e	Ø	vend	Ø	a	Ø	part	Ø	a	Ø
P2	fal	Ø	e	s	vend	Ø	a	s	part	Ø	a	s
P3	fal	Ø	e	Ø	vend	Ø	a	Ø	part	Ø	a	Ø
P4	fal	Ø	e	mos	vend	Ø	a	mos	part	Ø	a	mos
P5	fal	Ø	e	is	vend	Ø	a	is	part	Ø	a	is
P6	fal	Ø	e	m	vend	Ø	a	m	part	Ø	a	m

Observações:

- A VT é zero em todas as conjugações.

- As DMT são [e] para primeira conjugação e [a] para a segunda e terceira conjugações.

- As DNP são as mesmas para todos os verbos.

h) Pretérito imperfeito do subjuntivo

P1	fal	a	sse	Ø	vend	e	sse	Ø	part	i	sse	Ø
P2	fal	a	sse	s	vend	e	sse	s	part	i	sse	s
P3	fal	a	sse	Ø	vend	e	sse	Ø	part	i	sse	Ø
P4	fal	á	sse	mos	vend	ê	sse	mos	part	í	sse	mos
P5	fal	á	sse	is	vend	ê	sse	is	part	í	sse	is
P6	fal	a	sse	m	vend	e	sse	m	part	i	sse	m

Observações:

- A VT se mantém em todas as pessoas.
- A DMT não sofre alomorfia.
- As DNP são iguais em todas as conjugações, havendo neutralização entre P1 e P3.

i) **Futuro do subjuntivo**

P1	fal	a	r	Ø	vend	e	r	Ø	part	i	r	Ø
P2	fal	a	re	s	vend	e	re	s	part	i	re	s
P3	fal	a	r	Ø	vend	e	r	Ø	part	i	r	Ø
P4	fal	a	r	mos	vend	e	r	mos	part	i	r	mos
P5	fal	a	r	des	vend	e	r	des	part	i	r	des
P6	fal	a	re	m	vend	e	re	m	part	i	re	m

Observações:

- As DMT e as DNP do futuro do subjuntivo são iguais às do infinitivo flexionado (ver a seguir). Em vista disso, nos verbos regulares costuma haver neutralização entre as formas verbais. A distinção, consequentemente, não se faz pela estrutura mórfica, mas por critérios sintáticos e semânticos. Por exemplo:

a) *Se tu **acabares** o serviço cedo, poderás ir embora* (futuro do subjuntivo);

b) Para acabares o serviço cedo, é preciso esforço (infinitivo flexionado).

Essa neutralização desaparece nos chamados verbos irregulares fortes. Por exemplo:

c) *Se tu **fizeres** o serviço cedo, poderás ir embora* (futuro do subjuntivo);

d) *Para* ***fazeres*** *o serviço cedo, é preciso esforço* (infinitivo flexionado).

- A DNP [des] da P5, entendida como alomorfe de [is], é própria do futuro do subjuntivo e do infinitivo flexionado, mas também ocorre no presente do indicativo com verbos monossilábicos, exceto com o verbo ser.

j) **Infinitivo pessoal (flexionado)**

P1	fal	a	r	Ø	vend	e	r	Ø	part	i	r	Ø
P2	fal	a	re	s	vend	e	re	s	part	i	re	s
P3	fal	a	r	Ø	vend	e	r	Ø	part	i	r	Ø
P4	fal	a	r	mos	vend	e	r	mos	part	i	r	mos
P5	fal	a	r	des	vend	e	r	des	part	i	r	des
P6	fal	a	re	m	vend	e	re	m	part	i	re	m

Observações:

- Para entender por que os morfes de P2 no infinitivo flexionado e no futuro do subjuntivo são segmentados em [re + s], invoca-se o critério da simplificação. Se a segmentação fosse [r + es], seria preciso considerar o [es] alomorfe de [s] e, na P6, [re] seria alomorfe de [r], uma vez que a segmentação [r + em] é difícil de sustentar. Em síntese: em vez de dois alomorfes, tem-se somente um.

- Tal como na maioria dos tempos verbais, existe neutralização entre P1 e P3.

l) **Formas nominais**

infinitivo pessoal			particípio			gerúndio		
Rd	**VT**	**DMT**	**Rd**	**VT**	**DMT**	**Rd**	**VT**	**DMT**
cant	a	r	cant	a	do	cant	a	ndo
vend	e	r	vend	i	do	vend	e	ndo
part	i	r	part	i	do	part	i	ndo

Observações:

- As formas nominais dos verbos são marcadas por DMT: [r] = infinitivo; [do] = particípio; [ndo] = gerúndio.

- Existe neutralização da vogal temática dos verbos de segunda

e terceira conjugações, no particípio, em virtude de a vogal temática de segunda conjugação ter sofrido alomorfia em [i]. O [i] de **vendido** é alomorfe do [e] de **vender**.

- Às vezes a forma de particípio funciona como nome (substantivo ou adjetivo). Nesses casos, não existe DMT na segmentação. Exemplos: a) A menina tem **amado** muito seu pai. (verbo) = [am-a-do]; O **amado** não deu notícias. (substantivo) = [am-ad-o]; O pai mais **amado** do mundo é você (adjetivo) = [am-ad-o]. Observe que a segmentação mórfica de **amado** nas funções de substantivo e adjetivo é diferente da segmentação do mesmo vocábulo na função de verbo. Quando é nome, **amado** é uma forma derivada de amar; quando é verbo, não há derivação, mas flexão. Por outro lado, sendo nome, submete-se à flexão de gênero e número: **o amado, a amada, os amados, as amadas**.

4.3 A lógica dos temas verbais

Para melhor compreender o sistema flexional dos verbos, inclusive dos irregulares, convém considerarmos que os verbos apresentam mais de um tema. Esses temas básicos, formados pelo radical (que inclui prefixos e sufixos derivacionais) + vogal temática (que pode ser Ø), repetem-se num conjunto de tempos verbais, conforme demonstraremos adiante, formando subsistemas coerentes e lógicos.

Vamos, então, identificar os temas verbais e os tempos formados com base em cada um desses temas.

Tema 1 = Forma do verbo no infinitivo impessoal (não flexionado), menos a desinência modo-temporal [**r**]. Exemplos:

verbo no infinitivo impessoal	tema correspondente
cantar	[cant-a]
esconder	[escond-e]
sentir	[sent-i]
dizer	[diz-e]
haver	[hav-e]
ouvir	[ouv-i]
caber	[cab-e]

dar	[d-a]
passear	[passe-a]

Em geral, o Tema 1 tem a estrutura formada pelo radical e vogal temática, conforme o verbo seja de primeira, segunda ou terceira conjugação. Esse tema serve de base para a flexão dos seguintes tempos:

- Pretérito imperfeito do indicativo (T1 + va (ve) ou a (e)): **cant-a-va-Ø, cant-a-va-s** etc.
- Futuro do presente do indicativo (T1 + re, rá ou rã): **cant-a-re-i, cant-a-rá-s** etc.
- Futuro do pretérito do indicativo (T1 + ria (rie)): **cant-a-ria-Ø, cant-a-ria-s** etc.
- Infinitivo flexionado (T1 + r (re)): **cant-a-r-Ø, cant-a-re-s** etc.
- Particípio (T1 + do): **cant-a-do**
- Gerúndio (T1 + ndo): **cant-a-ndo**

Tema 2 = Forma do verbo na segunda pessoa do singular (P2) do pretérito perfeito do indicativo, menos a desinência número pessoal [**ste**]. Exemplos:

Verbo na P2 do pretérito perfeito do indicativo	Tema correspondente
canta-ste	[cant-a]
esconde-ste	[escond-e]
senti-ste	[sent-i]
disse-ste	[diss-e]
houve-ste	[houv-e]
ouvi-ste	[ouv-i]
coube-ste	[coub-e]
de-ste	[d-e]
passea-ste	[passe-a]

O Tema 2, acrescido das respectivas DMT e DNP já vistas, serve de base para a flexão de verbos regulares e irregulares dos seguintes tempos:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo (T2 + ra (re)): **cant-a-ra, canta-ra-s** etc.

- Futuro do subjuntivo (T2 + r (re)): **cant-a-r, cant-a-re-s** etc.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo (T2 + sse): **cant-a-sse, cant-a-sse-s** etc.

Podemos observar, então, que sendo o tema diferente do T1, como em [disse ≠ dize], [houve ≠ have], [coube ≠ cabe], [de ≠ da], essa alomorfia no tema se mantém nos tempos derivados. Usando esse princípio, vamos compreender, por exemplo, por que o verbo **vir** faz o futuro do subjuntivo **(eu) vier**, enquanto o verbo **ver** faz **(eu) vir**. O T2 de **vir** é **vie**(ste), que se mantém no futuro do subjuntivo, ao passo que o T2 de **ver** é **vi**(ste). Esse princípio se aplica a todos os verbos, sejam regulares ou irregulares, com a seguinte ressalva: nos verbos regulares e nos irregulares fracos, isto é, naqueles em que a irregularidade existe apenas no T3 – que veremos a seguir –, ocorre neutralização entre T1 e T2, isto é, Tema 1 e Tema 2 são iguais. Exemplos: **canta-r/canta-ste, esconde-r/esconde-ste, senti-r/senti-ste, ouvi-r/ouvi-ste e passea-r/passea-ste**.

Tema 3 = Forma do verbo na primeira pessoa do singular (P1) do presente do indicativo, menos a desinência número pessoal [**o**]. Exemplos:

Verbo na P1 do presente do indicativo	Tema correspondente
canto	[cant]
escondo	[escond]
sinto	[sint]
digo	[dig]
hajo	[haj]
ouço	[ouç]
caibo	[caib]
dou	[d]
passeio	[passei]

Como as formas do imperativo são emprestadas do presente do subjuntivo e do presente do indicativo (ver comentário sobre imperativo no início deste capítulo), a análise das estruturas verbais não se altera.

O T3, em que a vogal temática costuma ser zero, se repete nas formas do presente do subjuntivo, acrescida, obviamente, das respectivas DMT e DNP. Assim, temos:

- Presente do subjuntivo (T3 + e ou a): **cant-e, cant-e-s** etc.; **caib-a, caib-a-s** etc.

4.4 Verbos irregulares ou desvios do padrão geral

Já vimos que a flexão dos verbos retoma certos temas, a saber:

T1 = tema de infinitivo (verbo, menos a desinência modo-temporal [**r**]);

T2 = tema do pretérito perfeito (segunda pessoa do singular, menos desinência número-pessoal [**ste**]);

T3 = tema do presente do indicativo (primeira pessoa do singular, menos desinência número-pessoal [**o**]).

Apresentaremos, a seguir, de forma esquemática, uma síntese dos principais desvios do padrão geral na flexão dos verbos, seguindo de perto e de forma resumida o texto de Monteiro (2002, p. 121-134).

1) **estar** e **dar**

T1 = **esta**-r / **da**-r

T2 = **estive**-ste / **de**-ste

T3 = **est**-ou / **d**-ou

No pretérito perfeito, o tema é da segunda conjugação, com vogal temática (é) em vez de (ê): **estiv**-**e**-ste / **d**-**e**-ste.

No presente, a DNP [**ou**] é alomorfe de [**o**].

2) **caber**

T1 = **cabe**-r

T2 = **coube**-ste (daí **coubera, couber, coubesse** etc.)

T3 = **caib**-o (daí caiba etc.)

Há neutralização entre a primeira e a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito: (eu) **coube** / (ele) **coube**. Isso acontece também com **haver, dizer, trazer, saber, querer**.

3) **cair**

A vogal temática se mantém na primeira pessoa do indicativo e presente do subjuntivo: T3 = **cai**-o (daí **cai-a** etc.). Também é assim com **trair, contrair, distrair, atrair, extrair, esvair, sair, retrair, subtrair**.

4) **crer** e **ler**

T1 = [cree] - cf. *creer → **cre** + Ø + r

T1 = [lee] - cf. *leer → **le** + Ø + r

A vogal temática fundiu-se com o [e] do radical, tornando-se zero. Assim devem ser entendidos outros verbos monossilábicos: **ser, ter, ver**.

T3 = **crei** - o / **crei** - a: o radical sofre ditongação. O mesmo ocorre em **lei** - o / **lei** - a.

A vogal temática reaparece em: **creem, leem, veem**.

Em (vós) **cre-des, le-des, pon-des, vin-des, ten-des** etc., [**des**] é alomorfe de [**is**], fenômeno próprio dos verbos monossilábicos, exceto do verbo **ser**.

No particípio e na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, os radicais [**cre**] e [**le**] reduzem-se a [**cr**] e [**l**], pois o [**i**] temático é alomorfe de [**e**], tal como em **vendi**. As desinências de **cri** e **li** são vazias, já que o [**i**] (DNP) se funde com o [**i**] temático:

cr + i + Ø + i = cr + i + Ø + Ø

5) **dar**

T1 = [**da**]

T2 = [**de**] (de-ste)

No presente do indicativo, ocorre alomorfe **-ou** em vez de **-o** (d-ou). Cf. estar (est-**ou**), ser (s-**ou**), ir (v-**ou**).

Na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, a DNP é -o e a VT é nasal: **d-ã-o**.

6) **dizer, fazer, trazer**

T1 = [dize], [faze], [traze]

T2 = [disse], [fize], [trouxe]

T3 = [dig], [faç], [trag]

A vogal temática desaparece na terceira pessoa do singular do presente do indicativo: **(ele) diz, faz, traz**.

Nos tempos futuros, os radicais se reduzem (são alomorfes) e a VT é zero: **di-Ø-re-i / di-Ø-ria; fa-Ø-re-i / fa-Ø-ria; tra-Ø-re-i / tra-Ø-ria**.

7) estar

T1 = [esta]

T2 = [estive] (estive-ste)

T3 = [estej] (estej-a - presente do subjuntivo)

No presente do indicativo, registra os mesmos fatos do verbo **dar**. No presente do subjuntivo, além do radical **estej**- , apresenta DMT -**a**, acompanhando os verbos da segunda e terceira conjugações.

No pretérito perfeito, (eu) **estive** / (ele) **esteve**, apresenta alternância vocálica [**i**] ≠ [**ê**]. Convém considerar que não há DNP e o (**e**) é VT. Em casos semelhantes, não há VT: **pus / pôs; fiz / fez**.

8) verbos em -ear

As formas rizotônicas do presente do indicativo e presente do subjuntivo sofrem ditongação: **nomeio / nomeie; passeio / passeie**.

Cinco verbos em -iar, por analogia, mudam o (**i**) em (**ei**) nas formas rizotônicas: **ansiar, incendiar, mediar, odiar e remediar**.

9) ir

T1 = [i]

T2 = [fo]

T3 = [v] ~ [va]

presente do indicativo				presente do subjuntivo			
R	**VT**	**DMP**	**DNP**	**R**	**VT**	**DMP**	**DNP**
v	Ø	Ø	ou	v	Ø	á	Ø
va	i	Ø	s	v	Ø	á	s

va	i	Ø	Ø	v	Ø	á	Ø
va	Ø	Ø	mos	v	Ø	a	mos
i	Ø	Ø	des	v	Ø	a	des
vã	Ø	Ø	o	v	Ø	ã	o

10) poder

T1 = [pode]

T2 = [pude]

T3 = [poss]

No pretérito perfeito, ocorre alternância vocálica [**u**] ~ [**ô**] entre a primeira e a terceira pessoas do singular.

11) pôr

T1 = [po] Cf. *poer → pôr

T2 = [puse]

T3 = [ponh]

presente do indicativo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
ponh	Ø	Ø	o
põ	e	Ø	s
põ	e	Ø	
po	Ø	Ø	mos
pon	Ø	Ø	des
põ	e	Ø	m

No imperfeito do indicativo, há alternância para [punh]. Ex.: **pu-nh-Ø-a-Ø**. Esse fenômeno também ocorre com **venh-Ø-Ø-o / vinh-Ø-a-Ø**; **tenh-Ø-Ø-o / tinh-Ø-a-Ø**.

No pretérito perfeito, a primeira e a terceira pessoa do singular se opõem por alternância vocálica: [**u**] ~ [**ô**] (pus ~ pôs).

12) querer

T1 = quere

T2 = quise

No presente do subjuntivo, o radical é alargado com a ditongação do **e** → **ei**: **quer**(o) → **queir**(a). Note-se, no entanto, **requeir**(o), de re-querer. Na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, a vogal temática é zero.

13) saber

T1 = [sabe]

T2 = [soube]

T3 = [sei]

No presente do subjuntivo, **saib-Ø-a-Ø**.

14) ser

T1 = [se]

Vogal temática é zero, pois fundiu-se com o (e) do radical: *seer → ser.

T2 = [fo]

T3 = [e]

presente do indicativo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
s	Ø	Ø	ou
é	Ø	Ø	s
é	Ø	Ø	Ø
so	Ø	Ø	mos
so	Ø	Ø	is
sã	Ø	Ø	o

presente do subjuntivo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
sej	Ø	a	Ø

No pretérito imperfeito: **er - Ø - a - Ø**

15) ter

T1 = [te] - cf. *teer

T2 = [tive] - cf. tiveste

T3 = [tenh] - cf. tenh+Ø+Ø+o

No particípio, o radical [te] reduz-se a [t]: **t+i+do**.

presente do indicativo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
tenh	Ø	Ø	o
ten	Ø	Ø	s
tem	Ø	Ø	Ø
te	Ø	Ø	mos
ten	Ø	Ø	des
tê	Ø	Ø	m

16) Vir

T1 = [vi]   cf. vi+i+r

T2 = [tive] cf. tive+ste

T3 = [venh] cf. venh+o

presente do indicativo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
venh	Ø	Ø	o
ven	Ø	Ø	s
vem	Ø	Ø	Ø
vi	Ø	Ø	mos
vin	Ø	Ø	des
vê	Ø	Ø	m

presente do subjuntivo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
venh	Ø	a	Ø

pretérito perfeito			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
vim	Ø	Ø	Ø
vi	e	Ø	ste
vei	Ø	Ø	o
vi	e	Ø	mos
vi	e	Ø	stes
vi	e	ra	m

Nos futuros do indicativo, a vogal temática se funde com o (i) do radical: **vi+re+i / vi+ria+Ø**.

17) Outras alomorfias

Há verbos que se desviam do padrão geral porque sofrem alomorfia na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, estendendo-se para os tempos derivados dessa pessoa.

a) {val-} ~ {valh-}

b) {med-} ~ {meç-}

c) {ped-} ~ {peç-}

d) {perd-} ~ {perc-}

e) {ouv-} ~ {ouç-}

Há casos de alternância vocálica, mas sem valor redundante com as desinências:

a) [ê] ~ [é] : elejo / eleja ~ eleges, elege, elegem

b) [ô] ~ [ó] : resolvo / resolva ~ resolves, resolve, resolvem

c) [i] ~ [é] : repito / repita ~ repetes, repete, repetem

d) [i] ~ [e] : sinto / sinta ~ sentes, sente, sentem

e) [u] ~ [ó] : cubro / cubra ~ cobres, cobre, cobrem

f) [u] ~ [õ] : sumo / suma ~ somes, some, somem

Idem consumir.

Leia mais!

Estrutura Verbal. *In*: ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1986. p. 73-89.

Mecanismo da Flexão Verbal e Desvios do Padrão Geral. *In*: MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Campinas/SP: Pontes, 2002.

UNIDADE C

O Léxico

5 Formação dos Vocábulos

Nos capítulos anteriores, tratamos dos conceitos básicos da morfologia, dos princípios da análise mórfica, dos tipos e das classes de morfemas e da flexão nominal e verbal. Neste capítulo, enfocaremos a formação de vocábulos. Primeiramente, estudaremos a derivação em suas diversas modalidades; em seguida, trataremos da composição; e, por fim, apresentaremos outros processos de formação de palavras que, apesar de serem bastante produtivos em português, são, em geral, omitidos pelas gramáticas escolares.

5.1 Os processos de formação de vocábulos

Cotidianamente, como sabemos, novos vocábulos são incorporados ao léxico da língua. Isso ocorre no ritmo das mudanças pelas quais passa a sociedade e é, em parte, resultado da interação com outras culturas e línguas – inclusive o acesso a novas tecnologias e conhecimentos – e, em parte, resultado da criativa e inovadora combinação de formas, às vezes ao sabor de modismos e preferências idiossincráticas dos falantes. Quais são essas possibilidades? Vale tudo, ou as possibilidades de formação de novos vocábulos têm trilhas mais ou menos previsíveis a serem seguidas?

O acervo lexical da língua portuguesa é constituído em sua maioria por vocábulos herdados do latim, aos quais se acrescentaram outros emprestados de idiomas diversos.

Existem também na língua muitos vocábulos criados ao longo do tempo por meio de processos internos, combinando radicais e morfemas derivacionais. Esses processos de formação de vocábulos são basicamente dois: **derivação** e **composição**.

Se o vocábulo for formado por um único radical primário, a que se acrescentam afixos (prefixos e sufixos), tem-se **derivação**. Exemplos:

- **panela + aço → panelaço**

- **re + ter → reter**
- **fácil + mente → facilmente**

Por outro lado, quando se combinam dois ou mais radicais, temos composição. Exemplos:

- **dedo-duro**
- **pau-de-arara**
- **beija-flor**
- **auriverde**

Derivação e composição não se excluem mutuamente; ao contrário, podem combinar-se à vontade. Em "**Do lado do oriente o horizonte se cartãopostalizava clássico**" (ANDRADE apud CARONE, 1988, p. 40), o verbo é derivado por sufixação (**cart[ão]post[al][iz]ava**) sobre um substantivo composto (**cartão-postal**), que, por sua vez, formou-se de dois derivados de **carta e posta**.

Sugerimos que você releia, no Capítulo II, as características dos prefixos e dos sufixos.

A diferença entre prefixos e sufixos não é meramente distribucional. A análise de vocábulos formados pela adição de dois ou mais morfemas derivacionais requer a aplicação da chamada **lei dos constituintes imediatos (C.I.)**, pois, com raras exceções, a adição não é simultânea. A lei dos **C.I.** parte do princípio de que as estruturas são combinações binárias. Em se tratando de derivação, o processo se realiza mediante a adição de um afixo a um radical que pode ou não conter outros afixos. Assim, **legalização** é formado de **legalizar**, vocábulo derivado de **legal**, que por sua vez é derivado de **lei**. Há, portanto, uma ordem hierárquica. Igualmente, **portinholazinha** não é derivado de **porta**, mas de **portinhola**, que deriva de **portinha**, que deriva de **porta**. Há uma cadeia derivacional, como se demonstra a seguir.

+ [inha]

+ [ola]

+ [zinha]

Seguindo o mesmo princípio, **desrespeitosamente** é derivado de **desrespeitoso**, que é derivado de **respeitoso**, que é derivado de **res-**

peito, que é derivado de **respeitar**.

Em **formalização**, o sufixo [**çã(o)**], que exprime ação ou resultado da ação, só pode agregar-se a formas verbais. No caso, foi agregado ao verbo **formalizar**, com supressão da desinência modo-temporal de infinitivo [**r**]. Por sua vez, o sufixo [**iz(ar)**] forma verbos a partir de bases adjetivais: **formal** (adj.) + **izar** → **formalizar** (cf. **civil** + **izar** → **civilizar**, **real** + **izar** → **realizar**, **ágil** + **izar** → **agilizar** etc.). Por último, o sufixo [**al**] transforma o substantivo **forma** no adjetivo **formal**. Conclui-se que a base, nesse caso, é um substantivo (**forma**) que se transforma em adjetivo (**formal**), que se transforma em verbo (**formalizar**), que se transforma novamente em substantivo (**formalização**). Se o vocábulo fosse **reformalização**, ele seria derivado de **reformalizar** e não de **formalização**, pois na língua portuguesa os prefixos em geral são adicionados a verbos e a adjetivos.

Apesar de os C.I. contínuos serem mais frequentes na língua, também existem C.I. descontínuos, ou contíguos. Nos verbos parassintéticos (ver adiante "derivação parassintética"), não podemos excluir individualmente o prefixo ou o sufixo, uma vez que o sentido do sufixo é reforçado pelo prefixo. Em **a + pedr(a) + ej(ar)**, derivado de **pedra**, o prefixo exprime a ideia de movimento, direção, em reforço da noção frequentativa do sufixo. Não existem as formas ***pedrejar e** ***apedra**.

5.2 Tipos de derivação

O processo derivacional apresenta-se em várias modalidades. A rigor, dada uma forma primitiva, teremos as seguintes possibilidades de produzir derivados:

a) acrescentando prefixo(s): certo → in + certo = **incerto**

b) acrescentando sufixo(s): certo → cert + ez(a) = **certeza**

c) acrescentando prefixo(s) e sufixo(s): in + **certo** = **incerto** + eza =**incerteza**

d) mudando o tema: estudar → **estudo**

e) mudando a classe gramatical: dizer → o **dizer**

Quando ocorre acréscimo de sufixos, as gramáticas costumam usar a expressão **derivação progressiva**. O vocábulo primitivo tem seu volume aumentado, e o sufixo particulariza o significado da base. Ao contrário, se há perda de material fônico, com perda de elementos no fim do vocábulo, usa-se a expressão **derivação regressiva.**

Quando se emprega mais de um sufixo, temos casos de derivação primária, secundária, etc, resultando, portanto, na distinção entre radical primário ou raiz (forma primitiva), radical secundário (forma primitiva + sufixo), radical terciário (radical secundário + sufixo) etc. O mesmo se pode afirmar em relação ao acréscimo de mais de um prefixo.

Veja o item 2.2, no segundo capítulo deste livro-texto

Examinaremos, a seguir, todos esses tipos de derivação, sem perder de vista a sincronia. Lembremos que vocábulos outrora derivados, em que a depreensão dos morfemas derivacionais não é mais possível, devem ser considerados formas simples e primitivas.

5.2.1 Derivação prefixal

Há gramáticos e linguistas que consideram a prefixação um processo de composição. Isso se deve ao fato de que certos prefixos tornaram-se, ao longo do tempo, formas livres, como, por exemplo, **contra, extra**. Como tal, assumiram a condição de raiz, admitindo inclusive a flexão e a derivação (**contra** → **contras, contrário, contrariar, contrariedade, contrariamente, contrariado; extra** → **extras, extrazinho**). O mesmo se pode dizer de super, do qual se derivam os vocábulos **superar, superação**. Como veremos adiante, o uso de **super** para designar s**upermercado** é um caso de **braquissemia**, ou **abreviação**, processo distinto da abreviatura.

A transformação de formas presas em formas livres também é atestada entre os sufixos. Veja-se, por exemplo, que o vocábulo **avos**, utilizado nas frações ordinais – um dezesseis avos (1/16), cinco doze avos (5/12) etc. – é também o sufixo de **oitavo**, desprendido de *oito*. Ao contrário, o sufixo **mente**, que se junta aos adjetivos para formar advérbios, corresponde à forma latina *mente* (= espírito). Deixou, portanto, de ser uma forma livre distinta de **mente** (substantivo que reporta a intelecto, pensamento, alma, entendimento) para ser uma forma presa, com sentido diverso do original.

Quando uma palavra autônoma, isto é, uma forma livre, assume atribuições gramaticais, diz-se que houve **gramaticalização** (NEVES, 2004, p. 18), ou dito de outra forma: um item lexical ou construção sintática assume funções referentes à organização interna do discurso (MARTELOTTA *et al.*, 1996, p. 12). É o que ocorre, por exemplo, com o adjetivo **capaz**, de que deriva o substantivo **capacidade**. No extremo sul do Brasil, registra-se o emprego desse vocábulo para outros fins, como negar algo, duvidar etc. Exemplos:

a) E os cachorros não passam fome? – **Capaz**! Deixei um vizinho cuidando deles;

b) Tu és gremista? – **Capaz**! Odeio esse time;

c) Disseram na televisão que o povo deseja um terceiro mandato para Lula. – **Capaz**! Quem pode dizer tamanha besteira?

Os fatos acima apontados não impedem que a prefixação seja considerada processo de derivação, tal como preconiza a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Evidentemente, quando se tornam formas livres, antigos prefixos devem ser considerados raízes, e não morfemas derivacionais. Neste sentido, certos constituintes que já se empregam como preposições ou como advérbios produzem vocábulos compostos (**sobreviver, contraproducente, maldizer, menosprezar, contragosto etc.**). Outros que não são nem preposições, nem advérbios, fazem parte do mecanismo da derivação.

5.2.2. Derivação sufixal

A derivação sufixal, como vimos alhures, consiste em acrescentar um sufixo a uma base, aumentando o volume fonético e particularizando o sentido. Exemplos:

- sal + [ado] → salgado (derivação primária)
- salgado + [íssimo] → salgadíssimo (derivação secundária)

- nome + [al] → nominal (derivação primária)
- nominal + [izar] → nominalizar (derivação secundária)
- nominalizar + [ação] → nominalização (derivação terciária)

5.2.2.1 Derivação por sufixo zero

Assim como existem formas flexionadas marcadas por morfema zero, do mesmo modo é possível estendê-lo ao mecanismo derivacional, uma vez que existem formas derivadas sem a presença de morfema aditivo.

Observemos, por exemplo, o vocábulo **fuzilar**. Vê-se logo que se trata de um derivado de **fuzil**, mas sem um sufixo derivacional concreto, pois a terminação **-ar** é formada pela vogal temática verbal [a] e pela desinência modo-temporal de infinitivo [r]. Deduz-se, então, que entre a forma primitiva **fuzil** e a forma derivada **fuzilar** existe um sufixo [Ø], que caracteriza o processo derivativo: **fuzil + Ø + a + r**.

Para que essa hipótese explicativa fique mais clara, vamos examinar alguns verbos derivados de **flor**. Observemos:

- flor + ej + ar → florejar
- flor + esc + er → florescer
- flor + isc + ar → floriscar
- flor + Ø + ar → florar
- flor + Ø + ir → florir

Os três primeiros verbos derivados de **flor** têm sufixo concreto, mas os dois últimos não. Como, então, explicar a derivação, senão pelo morfema zero?

Outros exemplos de derivação por morfema zero:

- capim → capim + Ø + ar
- espuma → espum(a) + Ø + ar
- confim → confin + Ø + ar

- cisco → cisc(o) + Ø + ar <//>

Também nesses exemplos é clara a relação semântica entre a forma à esquerda e a forma à direita, sendo uma derivada da outra, sem que exista um morfema derivacional a ser destacado na estrutura secundária.

O princípio do morfema derivacional zero se aplica eventualmente na derivação de formas terciárias, isto é, derivadas de estruturas com sufixo concreto na derivação primária. Observemos:

- forma → form(a) + ato (derivação primária)
- formato → format(o) + Ø + ar (derivação secundária)

No léxico existem outras formas associadas que, de modo semelhante, requerem explicação por meio da hipótese de morfema zero. É o caso, por exemplo, de **uno**, cuja derivação de **um** só pode ser explicada mediante morfema zero.

O morfema zero serve tanto para explicar formas derivadas de nomes (verbos **denominais**, *v.g.* **anel** → **anelar**), quanto formas derivadas de verbos (nomes **deverbais**, *v.g.* **saltar** → **salto**). Em ambos os casos, fica claro que uma forma é derivada da outra, apesar de não existir um sufixo derivacional concreto, razão por que é conveniente adotar-se o critério do morfema zero.

A essa altura, você deve ter percebido que resta um problema a resolver: ora o verbo é derivado do nome, ora é o nome que é derivado do verbo. Como saber o que é primitivo e o que é derivado? Será que **luta** origina-se de **lutar**, ou é o contrário que se verifica?

Segundo Mário Barreto (1982 *apud* KEHDI, 1992, p. 23), "se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário". Antes disso, Mattoso Câmara Jr. já tinha definido os deverbais como "nomes de ação, isto é, substantivos abstratos que correspondem a verbos cognatos" (MONTEIRO, 2002, p. 133, nota 4). Assim, **dança, ataque** e **amparo** são vocábulos derivados, respectivamente, de **dançar, atacar** e **amparar.** Ao contrário, **ancorar, azeitar** e **escudar** são derivados de **âncora, azeite e escudo**.

Lembremos, todavia, que esse critério nem sempre resolve a questão, pois na língua certos substantivos abstratos transformam-se em concretos: o **almoço**, o **salto** (do sapato), o **alimento**, a **conta** etc.

5.2.2.2 Derivação regressiva e abreviação

Às vezes, como vimos, na derivação de **nomes deverbais** por sufixo zero, a forma derivada apresenta perda fonética na comparação com a forma primitiva. Exemplos:

- cortar → cort + Ø + e
- pescar → pesc + Ø + a
- tratar → trat + Ø + o
- estudar → estud + Ø + o
- abater → abat + Ø + e
- golpear → golp + Ø + e
- rodear → rodei + Ø + o
- rezar → rez + Ø + a
- tosar → tos + Ø + a

Há deverbais regressivos com duas formas paralelas: uma com tema em [a], outra em [o]. Exemplos:

- ameaçar → ameaç + Ø + a / ameaç + Ø + o
- trocar → troc + Ø + a / troc + Ø + o
- gritar → grit + Ø + a / grit + Ø + o

Em todos os exemplos acima, a forma derivada apresenta um volume fonético menor do que a forma primitiva, justificando o enquadramento como **derivação regressiva**.

Fenômeno semelhante à derivação regressiva é a **abreviação** ou **redução** (não confundir com **abreviatura**). Segundo Evanildo Bechara (1987, p. 185), "a abreviação consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na lin-

guagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*".

Apesar de alguns autores incluírem a abreviação na derivação regressiva, convém distinguir os dois processos.

De modo geral, como vimos, na derivação regressiva ocorre mudança de classe gramatical: verbos passam a ser substantivos; na abreviação, embora haja redução do vocábulo, a forma derivada permanece na mesma classe gramatical.

- extraordinário (adj.) → extra (adj.)
- sarampão (subst.) → sarampo (subst.)
- fotografia (subst.) → foto (subst.)

Além disso, as formas abreviadas não mantêm um padrão homogêneo. Apesar de a supressão de elementos terminais (**apócope**) ser predominante, ela também pode ocorrer no meio (**síncope**) ou no começo da palavra (**aférese**). Exemplos:

- supermercado → super
- cinematógrafo → cinema
- cinema → cine
- Florianópolis → Floripa
- telefone → fone
- poliomielite → pólio
- quilograma → quilo
- motocicleta → moto
- automóvel → auto
- vice-presidente → vice
- pneumático → pneu
- panamericano → pan

- Belo horizonte → Belo
- Bilhão → bi

Na linguagem oral, são frequentes os vocábulos reduzidos. Os alunos costumam chamar o professor de profi, **fessô**, ou apenas de **sô**; **você** se transforma em **ocê**, ou simplesmente **cê**; em substituição a **obrigado** diz-se **brigado**; ou **tô** por **estou**; ou **tamo**(s) por **estamos** etc.

Ainda uma observação: a forma abreviada pode coexistir com a forma da qual deriva. Às vezes, estabelece-se uma diferença de sentido entre elas. Por exemplo, **cine** só é empregado precedendo o nome do cinema; na omissão deste, emprega-se **cinema**.

- O **cine** Guadalajara fechou as portas.
- Vai ao **cinema** (e não *Vai ao cine).

O emprego das duas formas é pautado por um critério distribucional.

5.2.3 Derivação parassintética

A derivação parassintética consiste na adjunção simultânea de prefixo e sufixo a um radical, de tal modo que a supressão de um ou de outro resulta em uma forma inexistente na língua. São vocábulos nos quais prefixo e sufixo apresentam solidariedade formal e semântica. Tomemos com exemplo a forma **envelhecer**, derivada de **velho** por meio do prefixo [**en**] e do sufixo [**ec(er)**]. Não existe ***velhecer**, tampouco ***envelho**. A parassíntese é, em geral, um processo de formação de verbos nos quais ocorrem, além de um sufixo real ou suposto (ver derivação por morfema zero), os prefixos [a] e [en], cujo valor semântico é meramente aspectual.

> José Lemos Monteiro (2002, p. 135) considera que a parassíntese é um processo que se aplica exclusivamente aos verbos,

uma vez que na formação dos nomes a adjunção de prefixos e sufixos nunca é simultânea. Para ele, ao contrário do que afirmam algumas gramáticas, o vocábulo **desalmado**, por exemplo, não tem formação parassintética. O fato de o prefixo ter valor semântico seria o bastante para descaracterizar a parassíntese, nesse caso. Por outro lado, argumenta que, com base no princípio da sincronia, é possível admitir a existência da prefixação nos casos em que, mesmo não existindo a base como forma livre, seja viável estabelecer comutações apoiadas no testemunho dos falantes ou na analogia com outras derivações. Ou como afirma Kehdi (1992, p. 19), "o exame do subsistema pode também revelar que um determinado vocábulo, aparentemente formado por parassíntese, é, na verdade, um derivado prefixal. Tome-se, por exemplo, o adjetivo **inquebrantável**. A inexistência de *__quebrantável__ e * inquebrantar tem conduzido alguns a considerar **inquebrantável** como parassintético. No entanto, a ocorrência de inquebrável, indesejável, impensável, em que o prefixo se atrela ao adjetivo, e não ao verbo (*inquebrar, *indesejar, *impensar), mostra-nos que esses adjetivos são todos prefixais".

Situação distinta é aquela em que a adjunção de prefixos e sufixos não é simultânea. Antes de se ter **reflorescer**, tem-se **florescer**, que é derivado de **flor**. De **infelizmente**, pode-se subtrair o sufixo e temos **infeliz**; pode-se subtrair o prefixo e temos **felizmente**; ou podem-se subtrair prefixo e sufixo e tem-se **feliz**. A ordem derivacional prefixal ou sufixal em geral obedece a certos princípios hierárquicos, explicáveis com base na análise dos Constituintes Imediatos (C.I.), conforme já explicamos. Em **descobrimento** não se pode falar em derivação parassintética, pois de **cobrir** derivou-se **descobrir** e deste derivou-se **descobrimento**.

Relacionamos, a seguir, outros parassintéticos, variando o sufixo:

- mole → a + mol + ent + a + r
- pedra → a + pedr + ej + a + r

- tarde → en + tard + ec + e + r
- morte → a + mort + iz + a + r
- formoso → a + formos + e + a + r
- redondo → a + rredond + Ø + a + r

Também na derivação parassintética é útil a pressuposição do morfema derivacional zero. Tomemos como exemplo os verbos **adoçar** e **adocicar**, citados por Monteiro (2002, p. 139), ambos derivados do adjetivo **doce**. Em **adocicar**, constata-se a existência do prefixo [a] e do sufixo [**ic(ar)**]. Em **adoçar**, no entanto, o sufixo é zero. Assim:

- a + doc + ic + a + r
- a + doç + Ø + a + r

Esse critério permite explicar de modo coerente que adoçar é derivado de doce. O mesmo se aplica a inúmeros outros verbos parassintéticos, entre os quais, citam-se:

- pronto → a + pront + Ø + a + r
- largo → a + alarg + Ø + a + r
- terra → a + terr + Ø + a + r
- jardim → a + jardin + Ø + a + r
- grupo → a + grup + Ø + a + r
- vermelho → a + vermelh + Ø + a + r
- fino → a + fin+ Ø + a + r
- quente → re + quent + Ø + a + r
- fresco → re + fresc + Ø + a + r
- bainha → em + bainh + Ø + a + r
- azul → a + azul + Ø + a + r
- amarelo → a + amarel + Ø + a + r <//>

Nos dois últimos exemplos, admite-se que houve crase do /a/ do radical com o prefixo [a]. Observa-se, no entanto, que há outros derivados de adjetivos que indicam cor sem parassíntese: **branquear**, **verdejar** etc.

Não raro o morfema zero aparece depois de outro sufixo, devendo-se aplicar a lei dos constituintes imediatos para a correta análise. Nesses casos a parassíntese ocorre numa base já formada por derivação sufixal.

- mato → matuto → amatutar
- casa → casal → acasalar

Rigorosamente, a fim de evitar dúvidas quanto à interpretação de certos fatos, o morfema zero deve ser subtendido no radical do vocábulo parassintético mesmo quando ele passa a formar um novo derivado. Nessa direção, formam-se, por exemplo:

- grup(o) → a + grup + Ø + a + r → a + grup + Ø + a + ment + o
- cas(a) → cas + al → a + cas + al + Ø + a + r → a + cas + al + Ø + a + ment + o

Em síntese, os vocábulos parassintéticos apresentam as seguintes características:

a) Prefixo e sufixo, mesmo que seja zero, são adjuntados simultaneamente à base.

b) Em geral, o prefixo de um parassintético é assemântico, ou seja, é vazio de significação.

c) Retirando-se o prefixo de um parassintético, não restará uma forma livre em uso na língua. Isolando-se o [a] de **amanhecer**, resta ***manhecer**. Ao contrário, isolando-se o [re] de **recondicionar**, sobra **condicionar**.

d) Na formação dos parassintéticos, predominam os prefixos [a] e [em]. Por isso, é discutível afirmar que **reverdejar, requentar, subterrâneo, convocação**, entre outros, sejam considerados parassintéticos.

5.2.4 Derivação imprópria

Além da formação de vocábulos pelo acréscimo ou subtração de afixos a um radical, tem-se a formação de vocábulos por mudança de classe gramatical, sem que se processe qualquer alteração mórfica. Os casos mais frequentes são de *substantivação* (o **contra**, o **não**, consegui um **dez**, tu és o **máximo**, o **viajar**, este **a** é um artigo, se não houvesse o **se**..., disse um **ai** e mais nada etc.), mas também há *adjetivação* (comício **relâmpago**, navio **pirata**, pombo-**correio** etc.), *adverbialização* (ter celular custa **caro**, anda **rápido** etc.) e *gramaticalização* (todos foram atendidos, **salvo** meu pai). Valter Kehdi (1992, p. 29-30) lista as seguintes possibilidades:

a) de substantivo próprio a comum: **quixote, champanha, macadame;**

b) de substantivo comum a próprio: **Figueira, Fontes, Machado**;

c) de adjetivo a substantivo: (o) **circular**, (o) **brilhante**, (o) **ouvinte**;

d) de substantivo a adjetivo: (motorista) **burro**, (guerra)-**relâmpago**;

e) de substantivo/adjetivo/verbo a interjeição: **Silêncio!, Bravo!, Viva!**;

f) de verbo a substantivo: **estudar** (é necessário), (teu) **andar**, (o) **falar**;

g) de verbo e advérbio a conjunção: **quer... quer, seja... seja, ora... ora**;

h) de adjetivo a advérbio: (falar) **alto**, (custar) **caro**;

i) de particípio (presente/passado) a preposição: **mediante, salvo, exceto**;

j) de particípio passado a substantivo e adjetivo: **resoluto, vista, ferida**;

k) de vocábulos invariáveis a substantivos: (o) **sim**, (o) **não**, (o) **porquê**.

A NGB e a maioria dos gramáticos denominam este processo de *derivação imprópria*, mas há quem o denomine *conversão* (Bechara), *hipóstase* (Charles Bally) ou mesmo *translação* (Tesnière). Trata-se de um mecanismo especial que, a rigor, diz mais respeito a aspectos de estrutura sintática do que a mecanismos derivacionais. Na substantivação, por exemplo, os vocábulos admitem ser precedidos de artigo, que assume o papel de translativo. Ou seja, é no eixo sintagmático extravocabular que se marca a função substantiva. Mas ocorrendo a substantivação, o vocábulo se submete a procedimentos típicos do nome, como a pluralização (os **sins**, os **haveres** etc.).

Monteiro (2002, p. 146) sugere que os vocábulos substantivados sejam analisados morficamente de modo diverso da palavra primitiva. Sendo assim, **sete** (numeral) constitui radical atemático, mas, quando substantivo, é bipartível em R + VT: [set] + [e]. O princípio é de que a palavra convertida a outra classe gramatical passa a ser analisada morficamente de modo distinto da primitiva. Nesses casos, também se torna eficaz a alternativa de se considerar a hipótese do morfema zero. Sendo substantivo, **sete** teria os seguintes constituintes: raiz [set], sufixo derivacional zero [Ø], vogal temática [e], desinência de gênero [Ø], desinência de número [Ø].

Neste capítulo, examinamos, até aqui, os processos básicos de derivação. Em resumo, as noções essenciais sobre a derivação são as seguintes:

- As formas primitivas se opõem às derivadas. Estas, além do núcleo, apresentam morfes capazes de produzir novos vocábulos.
- Os morfes derivacionais acrescentam ao núcleo um significado acessório ou transferem a palavra de uma classe ou função gramatical para outra.
- Pelo princípio dos constituintes imediatos, um vocábulo com mais de um sufixo ou prefixo não deriva diretamente do núcleo, mas de formas secundárias.
- As modalidades principais de derivação são: a prefixação, a sufixação, a parassíntese, a regressiva e a imprópria.

- A derivação regressiva e a imprópria devem ser estruturalmente interpretadas como processos de derivação por sufixo zero.
- Os casos mais comuns de derivação imprópria são: a substantivação, a adjetivação, a adverbialização e a gramaticalização.

5.3 Composição

Vimos até aqui, neste capítulo, as diversas possibilidades de formar vocábulos novos por intermédio de prefixos e sufixos, ou mesmo alterando a classe gramatical, o que significa alterar o tema. A seguir, veremos que há outras possibilidades de formar vocábulos novos. Uma delas é a **composição**. Vamos ver como se configura essa questão?

Composição é um processo de formação de vocábulos novos pela combinação de vocábulos já existentes: **porco-espinho, quebra-nozes, girassol, pé-de-galinha** etc., ou pela combinação de bases não-autônomas, ou entre uma base autônoma e outra não-autônoma e vice-versa. Ao contrário dos processos de derivação, nos quais se registra um único semantema (raiz, radical primário), nos processos de composição, ocorrem dois ou mais semantemas (duas ou mais raízes).

Um aspecto relevante na composição é que os elementos primitivos perdem a significação própria em favor de um novo conceito, formado pela combinação de todas as partes. Um substantivo como **criado-mudo** designa um móvel que não é *criado* e é *mudo* tanto quanto uma **mesa**, uma **cadeira**, um **sofá** ou um **guarda-roupa**. Como se observa, vocábulos compostos comutam-se com vocábulos simples, e vice-versa. Há, todavia, vocábulos compostos que mantêm certa relação semântica com o significado dos vocábulos primitivos que entram na sua formação e outros que não apresentam nenhuma relação significativa. Por exemplo, **guarda-chuva** é um objeto que se presta a nos proteger da chuva; **pé-de-moleque**, ao contrário, nada tem a ver com pé ou com moleque.

Graficamente, os componentes dos compostos podem estar ligados (**pernalta**), hifenizados (**mãe-d'água**) ou soltos (**Idade Média, fim de semana**). Surge daí uma dificuldade: como distinguir certos vocábulos

compostos de simples locuções?

Consideremos, as frases abaixo:

1) Na Idade Média surgiu a lenda do Santo Graal.

2) A idade média das pessoas aqui é 35 anos.

Abstraindo a indicação gráfica do uso das maiúsculas, em que nos basearemos para afirmar que em (1) **Idade Média** é composto e em (2) **idade média** é locução? Para auxiliar na caracterização dos compostos, veremos o que diz Kehdi (1992), com base em estudo de Herculano de Carvalho, na obra *Teoria da Linguagem*, sobre sintagmas fixos.

5.3.1 Traços linguísticos dos compostos

Os compostos são, a exemplo dos sintagmas fixos, elementos estereotipados que apresentam unidade semântica e morfossintática. Visto que sobre os aspectos semânticos dos compostos já falamos, vamos nos ater aos aspectos morfossintáticos.

São quatro as propriedades morfossintáticas dos compostos:

Primeira propriedade:

A ordem dos termos é rígida e entre eles não se pode introduzir nenhum outro elemento.

O substantivo **ganha-pão**, por exemplo, não aceita a inversão, e qualquer adjetivo só poderá ser usado à esquerda ou à direita:

bom ganha-pão

ganha-pão *bom*

*ganha-*bom*-pão (inaceitável)

É essa propriedade que esclarece o caráter de compostos para sintagmas como **estrada de ferro** e **bicho grilo**.

estrada de ferro *nova*

nova estrada de ferro

*estrada *nova* de ferro

bicho grilo *inconveniente*

inconveniente bicho grilo

*bicho *inconveniente* grilo

Por outro lado, um sintagma livre como **garota inteligente**, não só aceita a inversão, **inteligente garota**, como também possibilita a intercalação, **garota esperta e inteligente**.

É preciso considerar, no entanto, que existem compostos que mantêm a mesma significação, mesmo com a inversão dos componentes: planalto = altiplano, franco-italiano = ítalo-francês.

Segunda propriedade:

Os elementos dos compostos não podem, isoladamente, ser substituídos ou suprimidos.

Num sintagma livre, como **carro à gasolina**, pode alternar-se *gasolina* por *álcool*. O mesmo não acontece em **unha-de-fome**. Nesse caso, a única substituição possível é o composto por outro composto ou outra palavra simples: **mão-de-vaca**, **avarento** etc.

Do mesmo modo, não se admite a supressão de uma das partes: conheci um **mão**, conheci um **de-vaca**, conheci um **vaca**.

Convém, no entanto, considerar que em certos compostos nos quais um elemento é determinante e outro é determinado, o determinante pode assumir o lugar do todo: **circular** por **ônibus circular**, **capital** por **cidade capital**. Essa possibilidade também existe para certos compostos eruditos, como **foto** por **fotografia**, **fone** por **telefone**, **auto** por **automóvel**.

Terceira propriedade:

Os compostos podem apresentar construções sintáticas anômalas.

Em **porco-espinho**, por exemplo, o segundo elemento "espinho", que tem função restritiva em relação ao primeiro, está ligado ao outro substantivo "porco" sem auxílio de preposição (porco de espinho). Também não existe conector em **azul-marinho** (azul e marinho), **vaivém** (vai e vem).

Quarta propriedade:

O composto funciona sintaticamente como se fosse uma só palavra.

Essa propriedade assegura que o vocábulo composto seja substituído, no mesmo contexto, por um vocábulo simples:

Gosto de [**manga-rosa**].

Gosto de [**maçã**].

O [**joão-de-barro**] está feliz.

O [**tucano**] está feliz.

A [**Arábia Saudita**] se mantém neutra sobre o conflito.

O [**Brasil**] se mantém neutro sobre o conflito.

[**João Gilberto**] lembra [**Bossa Nova**].

[**Toquinho**] lembra [**samba**].

5.3.2 Estrutura do compostos

A estrutura dos compostos é bastante variada, como demonstramos a seguir:

1) substantivo + substantivo: **tamanduá-bandeira, peixe-boi, papel-moeda**;

2) substantivo + preposição + substantivo: **pé-de-vento, pai de família, arroz-de-festa**;

3) substantivo + adjetivo (ou vice-versa): **amor-perfeito, aguardente, belas-artes, alto-forno**;

4) adjetivo + adjetivo: l**uso-brasileiro, tragicômico, surdo-mudo**;

5) numeral + substantivo: **terça-feira, três-marias, trigêmeo**;

6) pronome + substantivo: **meu-bem, Nosso Senhor, Vossa Excelência**;

7) verbo + substantivo: **lança-perfume, beija-flor, guarda-roupa**;

8) verbo + verbo (ou verbo + conjunção + verbo): **corre-corre, vaivém, leva-e-traz**;

9) advérbio + substantivo (ou + adjetivo, ou + verbo, ou + pronome + verbo): **benquerença, sempre-viva, não-machadiana, bem-querer, vangloriar(-se), malmequer**;

10) verbo + advérbio: **pisa-mansinho, ganha-pouco**;

11) Grupos de vocábulos e construções oracionais: **Deus-nos-acuda, Maria-vai-com-as-outras, o mama-na-égua**.

Todos os exemplos mostram que a estrutura dos compostos é sintática, diferentemente do que ocorre com os derivados. Essa característica explica muitos casos de flexão de número dos compostos. Vamos tratar disso agora.

5.3.3 Flexão de número dos compostos

Se os compostos apresentam uma estrutura sintática, a flexão de número desses vocábulos segue os mesmos princípios da concordância nominal oracional. Trataremos dessas regras gerais, sem entrar no detalhamento das exceções e particularidades listadas pelas gramáticas escolares.

Isso significa que os elementos que fazem parte do vocábulo composto mantêm entre si uma relação sintagmática, que pode ser de coordenação ou de subordinação.

Há duas normas fundamentais de concordância nominal:

a) apenas o substantivo é regente de concordância;

b) um substantivo, ainda que determinante de outro, não se flexiona para concordar, ou seja, substantivo não concorda com substantivo.

A partir desses dois princípios interligados, destacamos as principais regras de flexão de número dos compostos:

- Substantivo + adjetivo e vice-versa: adjetivo concorda com substantivo (**guarda-civil → guardas-civis, alto-relevo → altos-relevos, peso-morto → pesos-mortos**).
- Substantivo + (preposição) + substantivo: o substantivo determinante não se pluraliza, exceto se já é pluralizado na forma-

ção da composição (**navio-escola** → **navios-escola, pão-de-ló** → **pães-de-ló, mula-sem-cabeça** → **mulas-sem-cabeça, gato-de-botas** → **gatos-de-botas**).

- Verbo determinado por complemento verbal: o complemento pode estar no singular ou no plural (**guarda-chuva** → **guarda-chuvas, saca-rolha** → **saca-rolhas**).

- Verbo determinado por advérbio ou outra palavra invariável: não há flexão nesses casos (**(o) bota-fora** → **(o)s bota-fora, (o) cola-tudo** → **(o)s cola-tudo**).

- Compostos sem hífen ou com o primeiro elemento apocopado: a falta de hífen impede a inserção de morfemas, por isso só o último elementos pode flexionar-se (**pontapé** → **pontapés, pernalta** → **pernaltas, bel-prazer** → **bel-prazeres, grão-mestre** → **grão-mestres**).

- Substantivos / adjetivos coordenados, sem determinância entre si: ambos se flexionam no plural (**aluno-mestre** → **alunos-mestres, cirurgião-dentista** → **cirugiões-dentistas, surdo-mudo** → **surdos-mudos**).

> Se forem verbos repetidos ou nomes onomatopéicos coordenados, recomenda-se, por questões de eufonia, excluir o –s no primeiro elemento: **(o) treme-treme** → **(os) treme-tremes, (o) tico-tico** → **(os) tico-ticos**.

- Adjetivo formado por adjetivo-adjetivo: flexiona-se apenas o último elemento (**acordo luso-brasileiro** → **acordos luso-brasileiros, sessão lítero-musical** → **sessões lítero-musicais**).

- Adjetivo determinado por substantivo ou por outro adjetivo: não há flexão no composto, pois substantivo não concorda com nenhum termo e adjetivo não é regente de concordância, nem adjetivo concorda com adjetivo (**casa verde-musgo** → **casas verde-musgo, tecido azul-marinho** → **tecidos azul-marinho, piso branco-gelo** → **pisos branco-gelo**).

5.3.4 Tipos de composição

A Nomenclatura Gramatical Brasileira e as gramáticas em geral costumam apresentar a *aglutinação* e a *justaposição* como aspectos peculiares ou propriedades da composição. Neste sentido, diz-se que a composição por justaposição ocorre quando os elementos mantêm-se integralmente, inclusive o acento tônico: **passatempo, gira-mundo, cobra-cega**; ao contrário, na aglutinação os elementos fundem-se num todo fonético, com um único acento e há perda fonética no primeiro elemento: **boquiaberto, pernalta, cabisbaixo**. Em síntese, isso significa que na justaposição um só vocábulo mórfico corresponde a mais de um vocábulo fonológico; na aglutinação, ao contrário, um vocábulo mórfico corresponde a um só vocábulo fonológico.

De fato, a distinção entre justaposição e aglutinação é de ordem fonético-fonológica, não morfológica. Além disso, esses fatos não são exclusivos da composição: eles também ocorrem na derivação.

Dito isso, restam três observações finais sobre os compostos:

1) Se o processo de fusão for muito acentuado ou antigo, de tal modo que os falantes já não mais reconhecem os elementos que entraram na composição, convém considerar o vocábulo como primitivo, do ponto de vista sincrônico. Servem de exemplos os vocábulos **fidalgo** (filho + de + algo → filho + dalgo → fi + dalgo → fidalgo) e **embora** (em + boa + hora).

2) Compostos também são vocábulos dos quais se derivam outros por meio de prefixos e sufixos: **Porto Alegre** → **portoalegrense, Rio Grande do Sul** → **sul-rio-grandense, Nova York** → **novaiorquino, agricultura** → **agriculturável** etc.

3) Na literatura científica, técnica e literária, são frequentes os vocábulos formados por elementos greco-latinos. Em geral, esses elementos são formas presas que, combinadas, resultam em vocábulos eruditos, de uso especializado. Eis alguns exemplos com raízes latinas: **cruci**fixo (cruz), **sesqui**centenário (um e meio), **arborí**cola (árvore), **pisci**cultor (peixe), **oni**potente (todo), **ambi**destro (ambos), **igni**ção (fogo), centrí**fugo** (que

foge), matri**cida** (que mata), agrí**cola** (que cultiva), aurí**fero** (que produz). Alguns exemplos com raízes gregas: hexacampeão (seis), **hepta**ssílabo (sete), **oftalmo**logia (olho), **pan**teísmo (todos, tudo), **teo**cracia (deus), **topo**nímia (lugar), antropó**fago** (que come), bí**gamo** (que casa), megalo**mania** (loucura, tendência), olig**arquia** (comando, governo).

Para melhor conhecimento dos vocábulos eruditos, sugere-se o estudo dos radicais – mais propriamente raízes – gregos e latinos, bem como dos prefixos e sufixos gregos e latinos, listados pelas gramáticas. Sabendo o significado desses elementos, mais fácil é a compreensão dos vocábulos formados por eles, ou mesmo o uso de tais morfemas para a formação de neologismos. Por exemplo, sabendo que –**cida** quer dizer "que mata" e **uxor** quer dizer "esposa", então **uxoricida** é "o assassino de sua mulher". Trágico, não? Mas etimologicamente explicado.

5.4 Outros processos de formação de vocábulos

Além dos processos de derivação e de composição, há outros processos de formação de vocábulos que devem ser levados em conta. Vamos ver alguns deles, com base em Monteiro (2002) e Alves (2007).

5.4.1 Recomposição

A *recomposição* é uma espécie de composição em que se toma uma parte de um vocábulo composto que passa a valer pelo todo e se liga a outra base para formar um novo composto. Tomemos como exemplo **foto**, que passou a ser usado no lugar de **fotografia**. A partir dessa base, formam-se **fotocópia** (foto + cópia), **fotonovela** (foto + novela), **fotomontagem** (foto + montagem), entre outros recompostos.

O mesmo processo se verifica em **televisão** (tele + visão). O primeiro elemento tem o sentido de televisão em vocábulos recompostos,

como: **telejornal, telenotícia, telecurso, telenovela**. De modo análogo, o substantivo **telecomunicações** reduz-se a **tele** em recompostos como **teleconferência, TELEBRÁS** etc. Em **telefone**, todavia, há composição apenas, pois nesse caso **tele** não significa televisão, nem **telecomunicações**, mas tão somente o significado herdado do grego: "a distância".

Vejamos outro exemplo de recomposição: **automóvel** (auto + móvel) pode ser simplesmente **auto**. Daí se formam **autódromo, autorama, autopista, autovia, autoestrada** etc.

5.4.2 Braquissemia

Braquissemia (ou truncação) é o emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro. É resultado da subtração, e o elemento restante passa a valer semanticamente pelo todo. Equivale ao que alguns autores classificam como *abreviação vocabular*, expressão que não deve ser confundida com *abreviatura*.

A subtração pode ocorrer nos elementos finais (apócope), iniciais (aférese) ou, mais raramente, mediais (síncope).

Exemplos:

- fotografia → foto
- telefone → fone
- motocicleta → moto
- panamericano → pan
- automóvel → auto
- quilograma → quilo
- pentacampeão → penta
- cinematógrago → cinema
- pneumático → pneu
- bilhão → bi
- extraordinário → extra

- poliomielite → pólio
- sarampão → sarampo
- inoxidável → inox
- São Paulo → Sampa
- Florianópolis → Floripa
- europeu → euro

A braquissemia é bastante comum na linguagem oral, por ser mais espontânea que a escrita e mais sujeita aos princípios da economia da linguagem. Servem de exemplo: **profi** ou **fessô** (por professor), **tá** (por está), **vamo** (por vamos), **corgo** (por córrego), **brigado** (por obrigado) **ocê** e **cê** (por você), **bá** (por barbaridade) etc.

Os colunistas sociais, com vistas a certos apelos e à criação de expressões inusitadas em suas páginas de jornais, utilizam criações léxicas com **coq, niver** e **su** como formas reduzidas de coquetel, aniversário e sucesso.

5.4.3 Acrossemia

Acrossemia (ou acronímia) é um processo de formação de vocábulos por meio da combinação de sílabas extraídas de compostos ou expressões. É um recurso bastante utilizado na formação de siglas. Servem de exemplo:

- ONU → Organização das Nações Unidas
- RAIS → Relação Anual de Informações Sociais
- UFSC → Universidade Federal de Santa Catarina
- EMBRATUR → Empresa Brasileira de Turismo
- DETRAN → Departamento Estadual de Trânsito

Incluem-se entre os acrossêmicos os vocábulos conhecidos como amálgamas, isto é, combinações de partes dos vocábulos, como **motel** (motorista e hotel), **portunhol** (português e espanhol), **democradura** (democracia e ditadura), **magistrípula** (magistra e discípula), **brasi-**

guaio (brasileiro e paraguaio), **novelha** (nova e velha), **gatosa** (gata e idosa), **pilantropia** (pilantra e filantropia), **informática** (de informação automática).

Comuns são os acrônimos produzidos em outras línguas e incorporados ao português como se fossem vocábulos simples. São exemplos:

- Transistor → (de **trans**fer res**istor**)
- Bit → (de **bi**nary digi**t**)
- Laser → (de **L**ight **a**mplification by **s**timulated **e**mission of **ra**diation)
- NASA → (de **N**ational **A**eronautics and **S**pace **A**dministration)
- VIP → (de **v**ery **i**mportant **p**erson)
- AIDS → (de **A**cquired **I**mmunological **D**eficiency **S**yndrome)
- Radar → (de **Ra**dio **d**etecting **a**nd **r**anging)

Em Portugal, desenvolveu-se a forma SIDA a partir da tradução da expressão inglesa. Daí a forma derivada sidoso, que é sinônima de aidético.

Observamos que os acronímicos são vocábulos com autonomia de significante, pois são lidos e pronunciados como formas simples e não como as expressões que abreviam. **CONTRAN**, por exemplo, não se pronuncia *Conselho Nacional de Trânsito*.

Outro aspecto a considerar é que os acronímicos se organizam em padrões silábicos próprios do português, ao contrário de certas siglas que não constituem vocábulos autônomos. Por exemplo, **TSE** se pronuncia *Tribunal Superior Eleitoral*, e **INSS** se pronuncia *i-ene-esse-esse*.

Certos vocábulos formados por acrossemia podem receber afixos derivacionais: de USP forma-se uspiano; de MOBRAL, mobralense.

Os vocábulos acrossêmicos são muitas vezes associados a valores conotativos que as expressões originais não transmitem. Vejamos os seguintes exemplos:

GARRA → Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos

CORPOS → Centro de Orientação e Reprogramação Psicoorgânica

Por fim, resta observar que a abreviatura (ou acrografia) não cons-

tui processo de formação de vocábulos, se tiver caráter de idiograma. Na acrografia, a letra não vale pelo fonema que costuma representar, mas como símbolo da palavra que evoca. Para km, por exemplo, lê-se *quilômetro*; para adj., lê-se *adjetivo*.

5.4.4 Fonossemia

A fonossemia consiste em combinar fonemas com o intuito de imitar ruídos naturais, ainda que não corra perfeita identidade. Quando dizemos **tique-taque**, por exemplo, sabemos que esse vocábulo não reproduz perfeitamente o som dos relógios, mesmo assim fazemos uma imediata associação com ele. Vocábulos assim formados são denominados de *onomatopeias*.

Outros exemplos: **au-au, blá-blá-blá, bem-te-vi, cocoricó, piopio, miau, gluglu, toc-toc, vuco-vuco, cri-cri, cuco, rataplan, nhenhenhen** etc.

Os vocábulos formados por fonossemia podem, com frequência, servir de base para formas derivadas. Isso ocorre, por exemplo, com os onomatopaicos que se referem a vozes de animais: **cacarejar, pipiar, coaxar, miar, trilar** etc.

Se as onomatopeias são constituídas com base em elementos repetidos, tem-se um processo específico que se chama *duplicação*, também denominado de *redobro*, *redobramento, reduplicação* ou *duplicação silábica*, ou tautossilabismo.

Quando os elementos são repetidos integralmente, sem alteração de fonemas, tem-se a *duplicação perfeita*: **reco-reco, Dudu, ioiô, cri-cri, iaiá, lufa-lufa, vovó, nhonhô, teco-teco, papá, nana, mamá** etc.

Quando ocorre alternância vocálica ou perda de fonemas, tem-se a *duplicação imperfeita*: **tique-taque, titia, papai, xexéu, zigue-zague, mamãe, teteia** etc.

5.4.5 Empréstimos ou estrangeirismos

Já tivemos oportunidade de ver que o léxico da língua não se amplia somente através dos processos de formação de vocábulos. Os emprésti-

mos de outras línguas também são fontes de enriquecimento do léxico, sem causar-lhe danos relevantes, uma vez que eles não interferem no sistema gramatical. Os empréstimos ocorrem devido aos contatos com outras línguas, ou são introduzidos através dos meios de comunicação. Nesse caso, prevalecem os empréstimos de línguas de prestígio. No século XIX e início do século XX, por exemplo, o francês tinha grande prestígio internacional. Nessa época, muitos galicismos foram incorporados ao português. Atualmente, no entanto, o inglês é a língua que se impõe, devido principalmente ao poder econômico dos americanos em relação a outros países. Nesse contexto, prevalecem os termos associados às ciências e às tecnologias, ao comércio e à produção industrial. Vejamos, por exemplo, quantos vocábulos ingleses relacionados à informática são cada vez mais familiares aos brasileiros: *chip, mouse, scanner, software, windows, dos, download, modem, blog, reset, enter, megabyte, internet, cd-rom* etc., além de neologismos derivados como **resetar, printar, interconectar, acessar, escanear, conectar** etc.

No Brasil, são ou foram relevantes os contatos com as línguas indígenas, com as línguas africanas, com o espanhol ao longo das fronteiras e com as línguas de imigrantes, notadamente o alemão e o italiano.

O aportuguesamento dos estrangeirismos consiste, em linhas gerais, numa adaptação do vocábulo à fonética, à grafia e aos paradigmas flexionais da nossa língua. Ao invés do /i/ arredondado no final da palavra **menu** (do fr.), pronunciamos /u/. A grafia também se ajusta à pronúncia e aos grafemas: **tape** (por *teipe*), **buquê** (por *bouquet*), **nocaute** (por *knock-out*), **futebol** (por *football*), **turnê** (por *tournée*), **buro**[cracia] (por *bureau*) etc. Os empréstimos também se ajustam às regras flexionais: **chef** → **chefe, chefa, chefes, chefas**. E assim também recebem morfes derivacionais: **chefia, chefiar, chefatura**.

Às vezes, a expressão estrangeira é traduzida literalmente, evitando-se as dificuldades da integração fonológica e morfológica: **high technology** → **alta tecnologia**. Tal recurso é denominado de *decalque*.

5.4.6 Hibridismos

Vocábulos híbridos são aqueles formados por elementos de línguas diferentes, seja por composição, seja por derivação. Em **televisão** e **automóvel**, os elementos gregos **tele** e **auto** se unem, respectivamente, aos elementos vernaculizados **visão** e **móvel**. O sufixo [ismo], de procedência grega, é um dos mais produtivos em português e se aplica a qualquer

base nominal: **socialismo, indianismo, sectarismo, organismo, automobilismo** etc.

Certos vocábulos híbridos ditos eruditos apresentam formação simétrica com outros formados exclusivamente com elementos gregos, embora a significação não seja exatamente a mesma. **Decímetro** (do lat. *decem*), por exemplo, distingue-se de **decâmetro** (do gr. *deka*), **automóvel** (do lat. *mobile*) de **autômato** (do gr. *mão* "agir"), **televisão** (do lat. *visione*) de **telescópio** (do gr. *scópeo* "ver").

5.4.7 Hipocorísticos

O estudo dos nomes (prenomes e sobrenomes) de pessoas denomina-se antroponímia. Os processos de alteração morfofonêmica desses nomes na linguagem familiar para traduzir carinho, afetividade resultam em hipocorísticos. Exemplos:

- Antônio → Tonho, Tonico, Tinoco, Nhonhô, Nico, Totonho, Totônio etc.
- Maria → Mariazinha, Zinha, Marieta, Maroca, Maricota, Maricotinha, Cocota, Marica, Mariquinha, Marizita etc.
- Francisco → Chico, Chiquinho, Chiquito, Chicão, Francisquinho, Franquito, Cisco etc.

Os processos de formação dos hipocorísticos são:

- Braquissemia: Fernando → Nando, Gilberto → Gil, Anacleto → Cleto, Eduardo → Edu, Epitácio → Pita.
- Acrossemia: João Carlos → Joca, Maria Isabel → Mabel, Carlos Eduardo → Cadu.
- Duplicação: Augusto → Gugu, Cristina → Cricri, Eduardo → Dudu.
- Sufixação: Manuel → Maneco, João → Joãozito, Maria → Marinete.

Às vezes, hipocorísticos se transformam em prenomes: Marino, Claudino, Marcelino, Marieta, Rosita, Osvaldo → Valdo, Danilo → Nilo, Eugênio → Ênio etc.

Por fim, lembramos que nomes afetivos ou depreciativos que não resultam de alterações morfofonêmicas do nome ou prenome são apelidos, no sentido vulgar, termo geral de que os hipocorísticos são uma espécie.

Para outras informações sobre hipocorísticos, sugerimos consulta ao texto "Regras de produtividade dos hipocorísticos", disponível em: <http://www.geocities.com/jolemos.geo/>, acessado em 28 fev. 2008.

5.4.8 Oniônimos

Oniônimos são nomes próprios referentes a marcas industriais e comerciais. A crescente industrialização e a diversificação das atividades comerciais exigem cada vez mais a criação de neologismos para designar novos produtos e marcas. Muitos desses neologismos são estranhos aos dispositivos gerais das normas ortográficas e aos padrões silábicos do português.

Na formação dos oniônimos ocorrem os mesmos processos de formação dos nomes comuns, mas com certas peculiaridades. Vamos examinar alguns exemplos de derivação, composição, braquissemia e acrossemia.

Derivação prefixal:

- [re] repetição → **Recolor**
- [a] ~ [an] privação, ausência → **Agripan, Anfertil**

Derivação sufixal:

- [al] → **Melhoral**
- [ol] → **Fosfosol, Estomanol**
- [ox] → **Neutrox**
- [ax] → **Primax**
- [on] → **Diabeton**
- [ite] → **Marmorite**

Derivação imprópria (às vezes, com grafia alterada):

- **Elefante** (extrato de tomate)
- **Hollywood** (cigarro)

- **Perdigão** (frigorífico, aumentativo de perdiz)
- **Camelô** (confecções)
- **Q boa** (água sanitária)
- **Kibon** (sorvete)

Composição (às vezes com elementos greco-latinos):

- **Vinovita**
- **Capilotônico**
- **Madrevita**
- **Sal de Frutas Eno**
- **Doce Menor**
- **Conhaque de Alcatrão de São João da Barra**
- **Cachaça Amansa Corno**
- **Sonho de Valsa**

Braquissemia:

- **Fanta** (refrigerante, de fantasia)
- **Esbelt** (remédio para emagrecimento, de esbelto)
- **Liubrium** (tranquilizante, de aequilibrium)

Acrossemia:

- **Fiat** → (de Fabbrica Italiana di Automobili Torino)
- **Nescau** → (de Nestlé + cacau)
- **Neston** → (de Nestlé + tônico)
- **Brastemp** → (de Brasil + temperatura)
- **Cica** → Companhia Industrial de Conservas Alimentícias
- **Petrobrás** → Petróleo do Brasil

Lembramos que muitos oniônimos são estrangeirismos que

mantêm a grafia original: **Phillips, Chevrolet, Citröen, Yashica, Hewlett Packard**.

Leia mais!

Formação de Palavras. *In*: CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1988. p. 36-45.

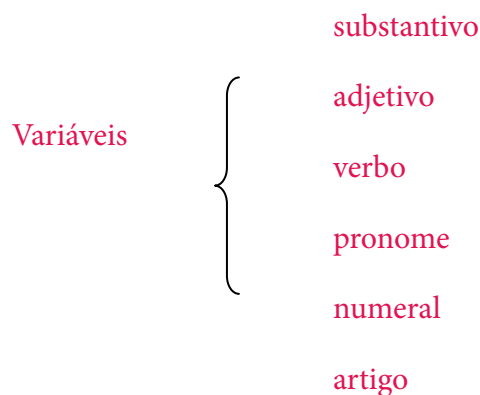
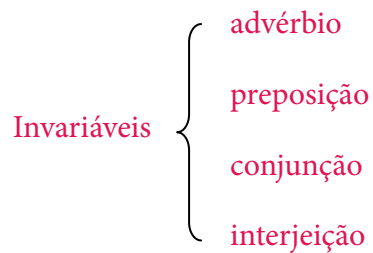
Regras de produtividade dos hipocorísticos, de José Lemos Monteiro. *In*: <http://www.geocities.com/jolemos.geo/>, acessado em 28 fev. 2008.

6 Classificação dos Vocábulos Formais

Já vimos que a *morfologia* é a parte da gramática que descreve a forma das palavras, ou mais especificamente a estrutura, os processos de flexão e a formação das palavras. Cabe-lhe, ainda, de acordo as gramáticas, a tarefa de classificar os vocábulos. Vamos tratar disso neste capítulo, mas de um ponto de vista crítico. A partir da classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), discutiremos critérios formais, funcionais e semânticos que devem orientar a classificação dos vocábulos.

6.1 A classificação das palavras de acordo com a NGB

Logo no primeiro capítulo, vimos que as classes de palavras são constituídas com base nas **formas** que assumem, nas **funções** que exercem e, eventualmente, no sentido que expressam. Dito de outro modo, as classes de palavras (também conhecidas como partes do discurso ou categorias lexicais) podem ser definidas com base em critérios morfológicos (propriedades formais), sintáticos (função na sentença) e semânticos (significado).

A NGB, com base na tradição gramatical greco-latina, distribui os vocábulos em dez classes, a saber:

A classificação da NGB tem, todavia, recebido críticas devido a algumas incoerências. Monteiro (2002, p. 225-226) lista as seguintes:

a) Usa a expressão *classificação das palavras*, quando apropriadamente deveria usar *classificação dos vocábulos*, uma vez que inclui as formas dependentes, como os artigos e os conectivos (preposições e conjunções).

b) Cria uma classe para um único morfema (o artigo) e deixa inclassificáveis inúmeros vocábulos e expressões sob o rótulo de palavras denotativas, a exemplo de **eis**, **também, somente, inclusive** etc.

Os vocábulos em processo de gramaticalização, especialmente os chamados marcadores discursivos, incluem-se nessa categoria.

c) Considera as interjeições como palavras, quando a rigor são frases de situação: **Socorro! Valha-me Deus!**

d) Mistura critérios heterogêneos. Assim, estabeleceu duas classes distintas para substantivos e adjetivos, opostos a pronomes que, como sabemos, podem ser também substantivos e adjetivos.

e) Cria a classe dos numerais, como se fossem distintos dos substantivos e adjetivos.

f) Interpreta o grau como *flexão*, o que teria sido suficiente para enquadrar os advérbios entre as palavras variáveis.

6.2 Revisando conceitos

A mistura de conceitos e critérios heterogêneos tem levado a definições questionáveis. Vamos ver algumas delas:

- *Substantivo é a palavra que designa os seres em geral.*

Como se vê, o substantivo está sendo definido pelo critério semântico. O problema, nesse caso, é identificar o ser, uma questão de ordem filosófica. Por outro lado, há nomes que não se referem a seres (**fé, sentimento, emoção, choro, doença, ideia** etc.), além do fato de que qualquer vocábulo pode ser substantivado (o **aqui-e-agora,** o **sim,** o **b,** o **viver** etc.).

A propósito, reproduzimos um parágrafo de Macambira (1982, p. 35):

> O Joãozinho perguntou se nada era substantivo, e teve como resposta que sim. 'O nada é um ser', disse o mestre de português. 'É antes um não-ser', retrucou-lhe Joãozinho. 'É um ser negativo', esclareceu-lhe o professor. A esta altura seria necessário evocar o espírito de um grande filósofo para resolver um problema de... português!

- *O adjetivo é a palavra que expressa qualidade.*

O conceito "qualidade" é discutível quando aplicado a certos adjetivos. Por isso, alguns autores mencionam outras noções, como *estado, defeito, condição* etc. Há, por outro lado, certos vocábulos que podem ser tanto substantivos quanto adjetivos: É melhor amar o **bonito** (subst.) do que amar o **feio** (subst.). ≠ Quero um casaco **bonito** (adj.), não um sapato **feio** (adj.); Aqui valorizamos o **belo** (subst.) ≠ Que **belo** (adj.) discurso, heim!

Apesar de o significado dos adjetivos ser importante na estrutura linguística, ele tem natureza eminentemente sintática. Um adjetivo sempre pressupõe a existência de um substantivo, ao qual se vincula.

"[...] de certa maneira, o adjetivo tem a mesma razão de ser dos afixos, no sentido de permitir a expressão ilimitada de conceitos sem a exigência de uma sobrecarga de memória com rótulos particulares" (BASÍLIO, 1999, p. 80). Dado um substantivo, como **homem**, por exemplo, muitos podem ser os rótulos a ele atribuídos: **grande, pequeno, gordo, magro, alto, baixo, feliz, alegre, triste, moreno, estrangeiro, inteligente** etc.

- *Advérbio é a palavra que indica uma circunstância.*

O problema aqui é saber o que significa *circunstância*. Além disso, nem sempre as circunstâncias se traduzem por meio de advérbios. De certo modo, o advérbio é algo análogo ao adjetivo, com a diferença de que os advérbios especificam ações, estados ou fenômenos descritos pelo verbo.

As gramáticas normativas, mesmo utilizando todos os critérios, privilegiam o critério semântico na classificação das palavras. No estruturalismo, privilegiam-se os critérios morfológico e funcional, ao passo que na teoria gerativa, prevalecem as propriedades sintáticas. Conclui-se disso que a classificação dos vocábulos é tarefa bastante complexa e não é do âmbito restrito da morfologia. Se o vocábulo apresenta forma, função e sentido, os critérios mórfico, sintático e semântico entram em conflito em qualquer classificação.

Veja o capítulo Capítulo I

6.3 A proposta de Mattoso Câmara Jr.

Com base nos critérios morfossemânticos, Câmara Jr. (1979) distingue classes e funções. O nome, o pronome e o verbo seriam classes; o substantivo, o adjetivo e o advérbio seriam funções. As classes pertencem ao domínio da morfologia; as funções, ao domínio da sintaxe.

Monteiro (2002) e Macambira (1982) seguem também o modelo de Mattoso Câmara Jr., adotando critérios morfológicos, sintáticos e semânticos na classificação dos vocábulos.

Com base em critérios morfológicos, quais são, então, as oposições possíveis em português?

A mais evidente parece ser a que divide os vocábulos em variáveis e invariáveis. Entre os variáveis, verificam-se dois paradigmas distintos: o dos nomes e o dos verbos. Os nomes são identificados pelas desinências de gênero e número e os verbos pelas desinências modo-temporais e número-pessoais. É com base nas desinências que qualquer falante de português de mediana instrução dirá que **anfibiólicas** é nome e que **motejaremos** é verbo, mesmo sem saber o significado de ambos.

Em termos semânticos, nomes e verbos também dizem respeito a realidades distintas expressas pela linguagem. Os verbos atualizam representações dinâmicas; os nomes, visões estáticas. No fundo, no entanto, nomes e verbos seriam aspectos de uma só essência. Talvez seja por isso que os semantemas não se caracterizem como verbais ou nominais.

Apenas a flexão indica a dinamicidade dos verbos (temporalidade) ou a estaticidade para os nomes (ausência de variação no tempo e no espaço).

A terminologia *nome* é preferível a qualquer outra. Tanto é assim que as gramáticas costumam falar em *flexão nominal* e *forma nominal*. Em aceitando-a, estaremos facilitando o paralelo com o termo *pronome*, a palavra que substitui o *nome*.

Fica claro que a oposição entre nome e pronome é mais semântica do que mórfica. Enquanto os nomes *representam*, os pronomes *indicam* (têm significado dêitico ou anafórico). Os nomes são símbolos; os pronomes, sinais. Os nomes (substantivos e adjetivos) fixam o campo representativo da linguagem, constituem símbolos. Os pronomes, ao contrário, fixam o campo mostrativo da linguagem e valem sempre como sinais. No sintagma **panos quentes**, o primeiro (**panos**) representa um objeto; o segundo simboliza a temperatura a ele atribuída. Se ao sintagma antepusermos o vocábulo **estes**, perceberemos que estes nada simboliza, servindo apenas para situar (indicar) o objeto nas coordenadas de espaço e de tempo em relação ao falante.

Pelo paradigma flexional, as diferenças entre nomes e pronomes são mínimas, uma vez que as categorias de pessoa, de caso e de gênero neutro, próprias de certos pronomes, não se caracterizam pelos processos flexionais. Cabe, todavia uma ressalva: existe para os nomes, ao contrário dos pronomes, a possibilidade da expressão de grau.

Em resumo: uma palavra será um *nome* se a representação for estática, sem variações temporais; será um *verbo* se sofrer variações temporais, isto é, se expressar a representação dinâmica ou processual da realidade; será um *pronome* se apenas situar uma representação no espaço e no tempo.

Examinemos o enunciado a seguir:

Aquela cadeira estava aqui.

Como se pode ver, o único vocábulo que marca o tempo é **estava** (está, estará, estaria etc.). É um verbo. Morficamente, **aquela** e **cadeira** não se diferenciam, pois ambos se submetem às mesmas regras de flexão de gênero e número. **Cadeira**, no entanto, representa uma imagem mental, simboliza um objeto; **aquela** apenas indica que **cadeira** está afastada do falante, não correspondendo a nenhuma imagem mental. É, pois, tão somente um sinal. **Cadeira** é nome e **aquela** é pronome. Constatamos também que **aqui** traduz uma indicação de espaço e, como tal, é pronome. Mas, na relação entre os termos, **aqui** determina o verbo e, sendo assim, tem a função de advérbio. Trata-se, pois de um pronome adverbial, ou se preferirmos, de um advérbio pronominal.

As gramáticas costumam relacionar esse vocábulo exclusivamente como advérbio. Isso acontece porque não distinguem classe e função. A classe é identificada com base em critérios mórficos e semânticos. A função, ao contrário, com base em critérios sintáticos, ou seja, de acordo com a relação de interdependência que os termos estabelecem entre si.

Dito isso, conclui-se que são três as funções básicas: a do substantivo, a do adjetivo e a do advérbio. Dependendo do contexto, um mesmo nome poderá assumir cada uma dessas três funções. Exemplo:

O rápido sairá em três minutos. (substantivo)

O automóvel mais rápido do mundo custa uma fortuna. (adjetivo)

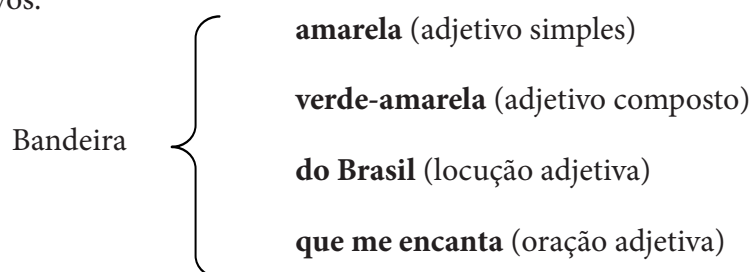
Saiu tão rápido que mal consegui vê-lo. (advérbio)

Observemos que o adjetivo (*determinante, regente*) se subordina ao substantivo (*determinado, regido*), enquanto o advérbio (*determinante, regente*) se subordina ao verbo (determinado, regido). É esse relacionamento entre os termos que constitui o sintagma, desde o mais simples (artigo e substantivo, por exemplo) até o mais complexo (sentença).

Cabe esclarecer que o verbo não determina (não se subordina) ao nome ou a um pronome em si, mas ao sintagma nominal sujeito. Em *Aquelas três cadeiras de madeira estavam aqui*, o verbo **estavam** determina o sintagma **aquelas três cadeiras de madeira**. No sintagma verbal, o nome (ou o pronome) determina o verbo, a que se associa como complemento verbal (objeto direto ou objeto indireto) ou como adjun-

to adverbial. Em *Plantei duas mudas de samambaia*, o verbo **plantei** é determinado pelo sintagma nominal **duas mudas de samambaia**. Da mesma forma, em *Plantei flores* e *Plantei-as*, o verbo é determinado, respectivamente, pelo nome **flores** e pelo pronome **as**.

As relações sintagmáticas podem ser representadas por palavras simples, palavras compostas, por locuções e por orações. Exemplo disso vemos a seguir, em que os termos referentes à **bandeira** são todos adjetivos:

Bandeira {
- **amarela** (adjetivo simples)
- **verde-amarela** (adjetivo composto)
- **do Brasil** (locução adjetiva)
- **que me encanta** (oração adjetiva)

Dito isso, como ficam os numerais e os artigos que, como sabemos, constituem classes autônomas de acordo com a NGB?

Quanto aos numerais, não é difícil concluir que pertencem à classe dos nomes e, como tal, exercem as funções de substantivo e de adjetivo. **Em Dois é bom e três é demais**, os nomes que traduzem ideias de números são substantivos. Já em **Só tenho dois reais e três centavos**, são adjetivos.

A divisão dos numerais em *cardinais* (**um, dois, três**...), *ordinais* (**primeiro, segundo, terceiro**...), *multiplicativos* (**dobro, triplo, quíntuplo**...) e *fracionários* (**meio, um terço, dois quartos**...) diz respeito muito mais ao significado do que às características mórficas e sintáticas, embora os ordinais sejam essencialmente adjetivos, enquanto os fracionários sejam substantivos. Se não fossem tais incoerências, não haveria discussão a respeito de se saber se **milhão, dezena, dúzia**, entre outros quantitativos, são substantivos ou numerais.

A respeito do artigo, Monteiro (2002, p. 223) sustenta, após analisar aspectos de ordem diacrônica, que são pronomes.

O artigo o e suas flexões (os, a, as) têm origem nas formas pronominais latinas *illu* (illu - illo - ilo - lo - o), *illa, illos, illas*. A mesma origem têm os pronomes pessoais oblíquos átonos *o, os, a, as*.

O referido linguista arrola os seguintes argumentos favoráveis à interpretação sincrônica do artigo como pronome:

a) O artigo apresenta uma função dêitica que é percebida pelos falantes no ato de fala. Assim, por exemplo, **o amigo** é muito mais do que **um amigo**. O primeiro é conhecido, definido; o segundo é um qualquer, indefinido.

b) O artigo é considerado pronome demonstrativo pelas gramáticas quando antecede a preposição **de** ou o relativo **que**. Sendo assim, o que diferencia artigo e pronome demonstrativo é a presença e a ausência do substantivo.

Exemplo: "**A** (artigo) constância é **a** (artigo) virtude do homem e **a** (artigo) paciência **a** (pronome demonstrativo) do cristão." (GARRET). Notemos, contudo, que o "a" deixaria de ser pronome demonstrativo se o substantivo subjacente fosse explicitado.

Vejamos: **A** (artigo) constância é **a** (artigo) virtude do homem e **a** (artigo) paciência **a** (artigo) virtude do cristão.

Comentários análogos podem ser feitos a respeito do artigo indefinido. Com base nas gramáticas, **um** pode ser numeral, pronome ou artigo. Parece claro que, na perspectiva semântica, **um** equivale a um indefinido, sendo substituível por **algum, qualquer** etc. A frase *Um homem é capaz de amar* pode ser substituída por *Qualquer homem é capaz de amar*, sem prejuízo ou distorção do sentido.

Em resumo, não há razão de considerar os artigos uma classe porque vistos sob a perspectiva mórfica, comportam-se como os nomes (flexionam-se em gênero e número); quanto à perspectiva sintática, são sempre adjetivos (subordinam-se a um substantivo); quanto à perspectiva semântica, apresentam um significado dêitico. Ou seja, são de fato pronomes.

Com isso, ganha-se em coerência descritiva e evita-se ter uma classe para dois vocábulos.

Reveja este conceito no Capítulo I

Restam, ainda, certas formas dependentes, cuja função essencial é estabelecer relações entre palavras. Visto que promovem a conexão entre dois outros termos, são de fato conectivos. Esse é o papel das **preposições** e das **conjunções.**

Se a conexão faz com que um termo seja determinante de outro,

sem que haja concordância nominal ou verbal, dizemos que o conectivo é **subordinativo**. A relação de subordinação entre vocábulos e locuções é feita por preposições: **óculos de grau, escrever a lápis, confia no amigo, jogar com vontade** etc. A relação de subordinação entre orações é feita por conjunções subordinativas: **Quero que venhas logo; A carga foi descarregada assim que chegou ao destino; Faz muito calor, embora a previsão de tempo fosse outra** etc.

Se, ao contrário, o conectivo se presta tão somente para agrupar um termo com outro, sem que um seja determinante do outro, dizemos que o conectivo é coordenativo: **tu e eu; falso ou verdadeiro; cozido, mas sem sabor** etc. Podemos observar que em *João e Maria* não existe qualquer relação de dependência sintática. O conectivo "e" está ligando vocábulos da mesma classe e função, estabelecendo entre eles uma relação de coordenação. De modo semelhante, em **Leia este livro e faça o resumo**, o conectivo liga duas orações coordenadas. Ou seja, havendo uma sequência ligada por conectivo, formada por vocábulos ou por orações, sem que haja dependência sintática, o elemento de ligação será uma conjunção coordenativa.

Sobre a classificação de vocábulos, Monteiro (2202, p. 235) faz o seguinte resumo das ideias:

- Sob o enfoque estritamente morfológico, é impossível explicar as classes de palavras.
- Há duas classes fundamentais, a dos nomes e a dos verbos, que se opõem pelos paradigmas flexionais. Semanticamente, os nomes correspondem a uma visão estática da realidade, enquanto os verbos traduzem representações dinâmicas.
- Os pronomes distinguem-se dos nomes porque aqueles expressam um significado dêitico ou anafórico.
- Substantivos, adjetivos e advérbios não são classes gramaticais. São, na verdade, funções que os nomes e pronomes exercem em contextos frasais.
- Os numerais fazem parte da classe dos nomes e, sendo assim, podem ser substantivos ou adjetivos.

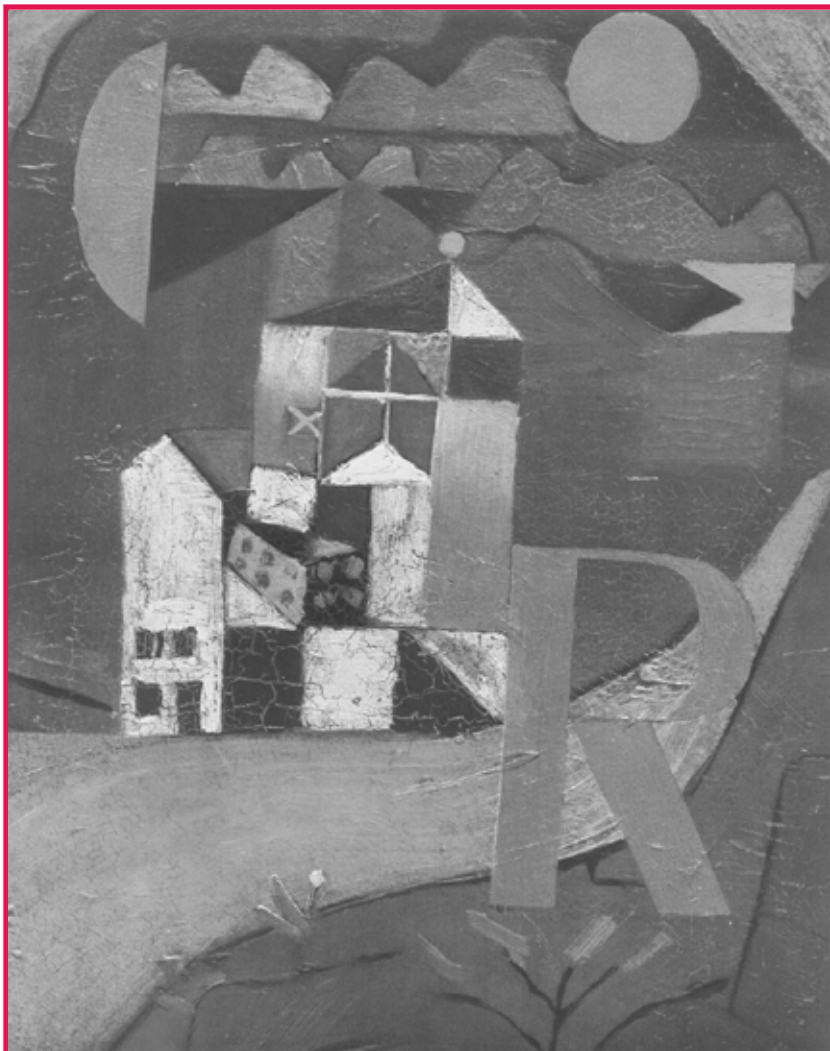
- Os artigos são pronomes, sempre em função adjetiva.

- Os conectivos subordinam palavras (preposições) ou orações (conjunções subordinativas). Também podem relacionar elementos da mesma função (conjunções coordenativas).

Leia mais!

A Classificação dos Vocábulos. MACAMBIRA, José Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. São Paulo: Pioneira, 1982. p. 29-122.

A Classificação dos Vocábulos Formais. In: CÂMARA Jr., Joaquim M. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979. p. 77-80.

Unidade D
Morfologia Gerativa

Villa R, de Paul Klee (1919). Fonte: Kunstmuseum Basel.

7 Conceitos Básicos da Morfologia Gerativa

A abordagem que fizemos até aqui foi conduzida predominantemente pelo princípio de que a língua é um objeto a ser descrito, o que, para a Morfologia, significa segmentar as palavras em morfemas e classificá-los. Essa operação se dá de fora para dentro. Neste último capítulo, vamos falar um pouco sobre a perspectiva gerativista, uma teoria que surgiu nos Estados Unidos a partir da década de 50 do século passado, cuja preocupação é a de explicar a capacidade (ou competência) que um falante nativo tem em relação ao léxico de sua língua; ou seja, a capacidade que esse falante tem de formar novas palavras, de aceitar ou rejeitar novas palavras e de reconhecer a estrutura de um vocábulo.

7.1 A teoria gerativa transformacional

A teoria gerativa transformacional não reconhecia, no início, a existência de um componente morfológico autônomo na gramática de uma língua (BASÍLIO, 1999, p. 18). Atualmente já não é assim. A consideração de que o objeto a ser descrito é a gramática da competência é fundamental para o estudo da formação das palavras.

Trata-se de uma teoria desenvolvida por Noam Chomsky, segundo o qual é tarefa do linguista descrever a competência do falante. Ele define competência como capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, compreender e reconhecer a estrutura de todas as frases de sua língua. De acordo com essa teoria, uma língua é um conjunto infinito de frases e que se define não só pelas frases existentes, mas também pelas possíveis, aquelas que se podem criar a partir da interiorização das regras da língua, tornando os falantes aptos a produzir frases que até mesmo nunca foram ouvidas por eles. Já o desempenho (*performance* ou uso) é determinado pelo contexto onde o falante está inserido.

Diferentemente da gramática tradicional e do estruturalismo, que tinham como foco as formas já existentes, a gramática gerativa, ao considerar a competência linguística do falante como parâmetro para o estudo das relações lexicais, leva em conta também a possibilidade de pensar nas regras que correspondem à formação e à interpretação de novas formações, isto é, à formação e à interpretação de novos vocábulos.

> Na gramática tradicional, assim como no estruturalismo, a morfologia derivacional é definida como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e estrutura das palavras. Numa abordagem gerativa, podemos dizer que a morfologia derivacional é a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua (BASÍLIO, 1980, p. 7).

Se na morfologia tradicional a preocupação era descrever as línguas, separando os morfemas e classificando-os, na teoria gerativa o ob-

jetivo é explicar a capacidade ou a competência do falante nativo para "formar novas palavras e rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo etc." (ROCHA, 2003, p. 30). Nessa perspectiva, a taxionomia e a classificação dos morfemas de uma língua perdem importância; o que importa são as relações entre formas lexicais ou processos (através dos quais uma forma lexical pode ser construída a partir de outra). Em síntese, para a teoria gerativa, de acordo com o modelo de descrição linguística denominado "Elemento e Processo", a morfologia consiste em um conjunto de regras que descrevem as modificações das formas existentes, levando em conta o fato de que as formas já existentes estão relacionadas com outras formas.

Na chamada teoria padrão da gramática gerativa transformacional, as regras de transformação eram todas sintáticas e fonológicas. Posteriormente, os gerativistas se deram conta de que existem certos fenômenos que resistem a uma descrição adequada nesses dois níveis. Foi o próprio Chomsky, por meio do artigo "Remarks on Nominalization" (CHOMSKY, 1970 *apud* BASÍLIO, 1980, p. 28) quem chamou a atenção para a possibilidade de independência da morfologia em face da sintaxe. Chomsky concluiu, por exemplo, que formas nominais derivadas não podem ser criadas através de transformações a partir de um verbo na estrutura profunda. Propõe, então, um tratamento "lexical" para tais verbos, isto é, uma explicação através de regras morfológicas que operam dentro do componente lexical.

Embora o texto "Remarks on Nominalization" não seja revolucionário em si mesmo, ele criou espaço técnico para o componente morfológico autônomo, uma possibilidade que foi excluída explicitamente dos primeiros trabalhos da gramática gerativa transformacional.

7.2 A morfologia gerativa

A morfologia gerativa postula alguns conceitos, que descreveremos nas subseções a seguir, com base em Rocha (2003, p. 33 e s.).

7.2.1 Gramática subjacente

Uma língua possui as suas estruturas e há algumas regras que devem ser seguidas se alguém quer se comunicar nessa língua. Os falantes nativos, mesmo os analfabetos, possuem no cérebro uma gramática internalizada, implícita, subjacente, que sabem manejar adequadamente, intuitivamente, embora não consigam descrevê-la ou explicá-la. Logo, o objetivo do gerativismo na morfologia lexical será explicar as regras da gramática subjacente.

7.2.2 Competência lexical

Por competência lexical entende-se o conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua. Conhecer uma língua é saber usá-la, tanto para produzi-la quanto para entendê-la. Conhecer o léxico significa saber usar os itens lexicais e poder estabelecer relações entre eles.

Segundo Basílio (1980, p. 9), estão inclusos na competência lexical do falante:

- o conhecimento de uma lista de entradas lexicais;
- o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre vários itens;
- o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais).

As relações das entradas lexicais constituem o léxico de uma língua. As palavras, as formas presas (por exemplo, *teo*-, -*grafia*) e os afixos (por exemplo, *in*-, *des*- -*eir*(*o*), -*vel*), dentre outros elementos, constituem a lista de entradas lexicais da língua.

Além de conhecer uma lista de itens lexicais, o falante pode identificar a estrutura interna de um vocábulo e criar palavras novas.

7.2.3 Regras morfológicas e regras sintáticas

O conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua lhe facultará uma série de generalizações a respeito desse léxico: formação de

palavras novas e análise estrutural de palavras.

As formas precedidas de ponto de interrogação são possíveis (segundo as regras morfológicas da língua portuguesa), mas não existem como formas em uso, pois contamos com itens lexicalizados já especializados para tanto, como fabricante, pintor, escritor e requerente (mas nenhuma forma para pincelar).

Feita a caracterização da base (palavra primitiva) e do produto (nova palavra) tem-se a regra morfológica. Por exemplo, com base em "criar" é possível estabelecer relações paradigmáticas com "criador". Do mesmo modo, a partir de "contar", forma-se "contador". Assim, pode-se fazer uma lista de formas possíveis na língua, derivadas de verbos: *apertar* → *apertador*, *fabricar* → (?)*fabricador*, *pintar* → (?)*pintador*, *escrever* → (?)*escrevedor*, *pincelar* → (?)*pincelador*, *vender* → *vendedor*, *requerer* → (?)*requeredor* etc. No caso, todos os itens lexicais (antigos e novos) foram formados a partir de verbos. Isso não quer dizer que possa ser qualquer verbo. A regra não se aplica, por exemplo, para: *morrer* → **morredor*, *sorrir* → **sorridor*, *viajar* → **viajador*, *chegar* → **chegador*, *dormir* → **dormidor*. Por outro lado, palavras em –*eiro* são sempre formadas a partir de substantivos: *leite* → *leiteiro*, *pedra* → *pedreiro*, *sacola* → *sacoleiro*, *erva* → *ervateiro* etc. Mas não poderá ser qualquer substantivo: *cautela* → **cauteleiro*, *avião* → **avieiro*, *sobrinho* → **sobrinheiro* etc.

O asterisco indica que se trata de uma forma agramatical.

Constitui uma das tarefas da morfologia gerativa a explicação das regras morfológicas, sendo que essas se diferem nitidamente das regras sintáticas. De acordo com Spencer (1991, p. 69), referindo-se ao artigo "Remarks ...", de Chomsky, a teoria da morfologia derivacional difere da teoria das transformações sintáticas. Essa constatação é reforçada por Anderson (1982 *apud* ROCHA, 2003, p. 37-38):

> A essência da Hipótese Lexicalista e da maioria dos mais recentes trabalhos em sintaxe se baseia na hipótese de que a estrutura interna das palavras não é estabelecida por princípios sintáticos, nem mesmo acessível a esses princípios. [...] Do ponto de vista da sintaxe, as estruturas produzidas no léxico são essencialmente opacas: elas podem ter estrutura interna, mas essa estrutura não está sujeita à manipulação ou à competência das regras da sintaxe, que tratam os itens lexicais como unidades integrais, atômicas. A essência da Hipótese Lexicalista, sob esse aspecto, está representada pela separação entre os componentes sintáticos e lexicais.

Uma distinção importante entre uma regra sintática e uma regra morfológica reside no fato de que a existência da sentença é efêmera, ou seja, ela desaparece logo após a enunciação. Ao contrário, uma palavra, após ser criada poderá se tornar perene. É por isso que toda língua tem

– ou poderá ter – um dicionário que, além de registrar as palavras antigas, acolhe também as formações novas. Em contrapartida, não existem dicionários de sentenças.

Isso não significa que todas as formações novas se tornam perenes. Há também formações esporádicas, ou seja, que têm existência passageira.

A consequência da perenização das palavras é que elas passam a ter existência autônoma, ou seja, elas passam a ser repetidas pelos falantes da língua, independentemente do acionamento da regra morfológica que a formou. Há um "congelamento" da palavra: uma vez registrada como palavra, ela toma, pelo menos potencialmente, uma existência lexical concomitantemente independente.

7.2.4 Regras de análise estrutural (RAEs) e Regras de formação de palavras (RFPs)

As chamadas regras morfológicas podem tanto se referir à estrutura de uma palavra existente na língua, quanto à produção de um novo item lexical. Seja na conversa, seja na escrita, a maioria das palavras é de formas institucionalizadas, isto é, palavras já conhecidas dos usuários: *carro, bola, vender, escola, uva, janela, perfume, supermercado* etc. Podem surgir, todavia, palavras novas, não-institucionalizadas, nunca usadas antes: "Logo em seguida, fez-se a (?)*sepultação* do cadáver".

A "Regra de análise estrutural" (RAE) é a que permite ao falante analisar a estrutura das palavras derivadas (formações complexas), como, por exemplo, saber que *colação* é derivada de *colar*, *armadura* é derivada de *arma*, *semanal* é derivada de *semana* etc.

Essa análise da estrutura das palavras que o falante tem a capacidade de fazer pode ser formalizada da seguinte maneira:

$$[\,[\,X\,]_a\ Y\,]_b$$

Formalmente temos então: [[X] a] Y] b, onde X representa a palavra primitiva (base), a representa a classificação gramatical da base, Y representa o sufixo a ser anexado a essa base para formar o produto e b representa a classificação gramatical do produto.

A RAE de *semanal* será:

$$[\,[\,\text{semana}\,]_s\ \text{–al}\,]_{adj}$$

A “Regra de formação de palavras” (RFP) é estabelecida com base em processos já existentes na língua. Por exemplo, a formação de palavras novas como *chavista, carreirista, cotista, lulista, bairrista, fundista, conteudista* etc. se faz com base em uma relação paradigmática do tipo:

golpe → golpista
máquina → maquinista
equilíbrio → equilibrista
roteiro → roteirista
final → finalista
arte → artista
comum → comunista

Ao produzir novos itens lexicais, como (?)*sepultação*, (?)*mochilada*, etc., o falante estará fazendo uso de uma RFP, que pode ser formalizada da seguinte maneira:

$$[\ X\ ]_a \rightarrow [\ [\ X\ ]_a\ Y\ ]_b$$

A RFP de *sepultação* será:

$$[\ \text{sepultar}\ ]_v \rightarrow [\ [\ \text{sepultar}\ ]_v\ \text{–ção}\ ]_s$$

Toda RFP corresponde a uma RAE. Ao criar uma palavra nova ou ao interpretar um novo item lexical, o falante demonstra conhecer a estrutura do item recém-criado.

7.2.5 Produtividade lexical

Na língua, frequentemente aparecem novas formações, ou seja, na linguagem coloquial, formal, literária, científica; enfim, em qualquer modalidade de linguagem é possível deparar com formações não ouvidas ou escritas antes. Trata-se de itens não familiares. A essa possibilidade de surgimento de novos itens lexicais na língua dá-se o nome de produtividade.

Por essa razão é tão difícil de responder à pergunta: “Tal palavra existe?”. Os dicionários deixam de assinalar vários termos familiares a uma comunidade linguística, do mesmo modo, registram palavras que não se usam mais (arcaísmos). Sob o ponto de vista exclusivamente científico, é difícil definir se uma palavra existe ou não em uma língua.

Para entender um pouco melhor essa questão, devemos considerar, primeiramente, que certas palavras não são possíveis de serem criadas na língua. Por exemplo, a formação de substantivos com o sufixo –*dor* só é possível se a base for um verbo (mesmo assim, não pode ser qualquer verbo). Ou seja, se a base for um substantivo, ou um adjetivo, a essa base não se pode adicionar o sufixo –*dor*, sob pena de ocorrer uma transgressão sufixal. Servem de exemplo: **luzdor*, **alegredor*, **felizdor*, **copodor* etc.

Por outro lado, existem palavras possíveis, mas que, por alguma razão, são rejeitadas pelos falantes. Isso geralmente ocorre quando já existe na língua uma palavra que dá conta do sentido que se quer expressar. Por exemplo, se já existe a palavra *descobrimento*, mesmo que a palavra (?)*descubrição* seja possível, os falantes tendem a rejeitar a palavra nova. Trata-se de um princípio de economia linguística.

Há, no entanto, palavras possíveis, sob o ponto de vistas da RFP, que podem ser criadas a qualquer momento. Embora essas palavras ainda não existam, nada impede que elas sejam criadas e incorporadas ao léxico da língua. Por exemplo: (?)*gramal*, (?)*penduramento*, (?)*ameixada*, (?)*abrimento* etc.

É preciso, também, considerar que existem palavras recém-criadas (neologismos), ou ainda não dicionarizadas, com existência real em certas comunidades de fala, ou grupo de usuários da língua. São exemplos: *lular, pefelista, fumódromo, tuitar, reitorável, carreata, videoconferência, blogueiro* etc.

Além disso, existem palavras dicionarizadas que não são conhecidas de uma comunidade linguística. Incluem-se, nesse caso, as palavras relativas a uma certa atividade ou especialidade, os regionalismos, os arcaísmos: *chibeiro, esgualepado, cafua, fonema, ajojo, canzil, bruaca, gibeira* etc.

Tanto em relação às palavras existentes quanto em relação às palavras possíveis de serem criadas, o que se observa é uma regularidade quase absoluta. "De fato, formações como *sequestrável, taxista, doleiro, sambódromo, malufar, carreata, buzinaço* etc. são transparentes, sob o ponto de vista morfológico e semântico" (ROCHA, 2003, p. 45). As

eventuais irregularidades aparecem através da "permanência no léxico". São exemplos de irregularidades morfológicas:

Base	Derivação regular	Derivação irregular
expulsar	(?)expulsação	expulsão
eleger	(?)elegeção	eleição
confundir	(?)confundição	confusão
corromper	(?)corrompeção	corrupção
editar	(?)editador	editor
imprimir	(?)imprimidor	impressor
milho	(?)milhal	milharal
cana	(?)canal	canavial

Como exemplo de irregularidade semântica, citam-se entre outros exemplos:

- Palavra → *palavrão* (não é, no caso, não uma "palavra grande", mas uma "palavra inconveniente");
- Estudar → *estudante* (não é aquele "que estuda", mas "quem frequenta uma escola ou curso");
- Tratar → *tratante* (não é aquele "que trata", mas "quem não cumpre um trato").

As irregularidades morfológicas e semânticas, em número elevado na língua, são incompatíveis com as regras morfológicas, já que essas são intrinsecamente regulares e previsíveis. Para sair desse impasse, é preciso considerar a diferença entre formas cristalizadas e a possibilidade de os falantes criarem novas palavras. Ao analisar e reconhecer a RFP de uma palavra nova, observa-se, no mais das vezes, "[...] que muito do que era considerado imprevisível constituem, na realidade, possibilidades previstas por padrões morfológicos vigentes" (BASÍLIO, 1999, p. 24).

Resumo

Neste último capítulo, destacamos que os estudos atuais de gramática gerativa consideram a *morfologia* um ramo autônomo da Linguística. Além disso, vimos que a morfologia comporta diferentes abordagens teóricas, destacando-se a gramática tradicional, o estruturalismo

e a gramática gerativa. A principal diferença entre os estudos tradicionais e a abordagem gerativa está no fato de que esta última estuda a morfologia a partir da competência do falante para formar palavras e reconhecer a estrutura dos vocábulos, seja dos já existentes, seja dos novos. Apresentamos também os conceitos básicos da morfologia gerativa, entre os quais, gramática subjacente, competência lexical, regras de formação de palavras (RFP's), regras de análise estrutural (RAE's) e produtividade lexical.

Leia mais!

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell, 1993.

Referências

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*: criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1987.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

________.*Teoria Lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

________. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

________. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

CÂMARA Jr., Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. 9 ed. - Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1988.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KEHDI, Valter. *Formação de vocábulos em português*. São Paulo: Ática, 1992. Série Princípios, 215.

MACAMBIRA, J. Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1982.

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al*. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza, EDUFC, 1987.

________. *Morfologia portuguesa*. Campinas,SP: Pontes, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. *In*: CHRISTIANO, Maria Elizabeth A. *et al*. (Orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização*: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 13-28.

NIDA, Eugene A. *Morphology*: the descriptive analysis of words. 2 ed. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1970.

PETTER, Margarida M. T. Morfologia. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística*: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975 [1916].

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell, 1991.

ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

Crédito das Imagens

Capa

KLEE, Paul. *17 IRR* (1923). Caneta e aquarela sobre papel, montado sobre papelão, 22,3 x 28,6 cm. Kunstmuseum Basel. Disponível em: <http://80.74.155.18/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleImageLink.link&sp=13&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=1&sp=1&sp=SdetailVie

w&sp=10&sp=Sdetail&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=25&sp=F&sp=Scollection&sp=l13355>. Acesso em: 10 abr. 2011.

Unidade A

GRÜNEWALD, Jose Lino. Forma-reforma (1959). *In*: CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo. *Teoria da poesia concreta*: textos críticos e manifestos 1950-1960. Cotia, SP: Ateliê, 2006. p. 178.

Unidade B

D'BARROS, Tchello. - Verbo + Verba [ca.2000]. *In*: Tchello D' Barros - *Poesia Visual*: <www.tchello.art.br>. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_sJHnBNWigiw/SWl5RA7tIfI/AAAAAAAACN8/2bc_Cmq_n5A/s1600-h/012+-+Poema+Visual+-+-+VERBO+%2B+VERBA+-+30+x+30+cm+JPG+-+Tchello+d%27Barros.jpg>. Acesso em: 17 abr. 2010.

Unidade C

CAMPOS, Augusto de. Psiu! (1966). *In*: CAMPOS, Augusto de. *Viva vaia* – poesia 1949-1979. 4. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/04_03.htm>. Acesso em: 16 abr. 2011.

Unidade D

KLEE, Paul. *Villa R* (1919). Óleo sobre tela, 26,5 x 22 cm. Kunstmuseum Basel. Disponível em: <http://www.kunstmuseumbasel.ch/en/collection/collection-online/>. Acesso em: 16 abr. 2011.

GLOSSÁRIO BÁSICO DE MORFOLOGIA LINGUÍSTICA

1) **Acrossemia** – processo de formação de vocábulos por meio da combinação de sílabas extraídas de compostos ou expressões. É um recurso bastante utilizado na formação de siglas.

2) **Alomorfe** – variação na realização do morfe. Quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, ocorre *alomorfia*.

3) **Alomorfia** – ocorrência de morfes diferentes para realizar o mesmo morfema.

4) **Braquissemia** – emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro. Equivale ao que alguns autores classificam como *abreviação vocabular*, expressão que não deve ser confundida com *abreviatura*.

5) **Classe** – distribuição dos vocábulos em grupos com base nas **formas** que assumem, nas **funções** que exercem e, eventualmente, no **sentido** que expressam.

6) **Competência** (linguística) – capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, compreender e reconhecer a estrutura de todas as frases de sua língua.

7) **Competência lexical** – conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua.

8) **Composição** – processo de formação de palavras pela combinação de dois ou mais radicais.

9) **Composição por aglutinação** – processo de composição no qual ocorre alteração fonética no(s) constituinte(s).

10) **Composição por justaposição** – processo de composição sem alterações fonéticas nos constituintes.

11) **Comutação** – operação contrastiva de elementos segmentados no plano da expressão de que resulta uma alteração no plano do conteúdo.

12) **Derivação** – processo de formação de palavras pelo acréscimo de prefixos (derivação prefixal) ou de sufixos (derivação sufixal).

13) **Derivação imprópria** – formação de palavras por mudança de classe gramatical, sem que se processe qualquer alteração mórfica.

14) **Derivação parassintética** – processo de formação de palavras pela adjunção simultânea de prefixo e sufixo a um radical, de tal modo que a supressão de um ou de outro resulta em uma forma inexistente na língua.

15) **Derivação por sufixo zero** – processo de derivação de palavras sem a presença de morfema aditivo.

16) **Derivação regressiva e abreviação** – processo de derivação de palavra no qual ocorre perda fonética na comparação com a forma primitiva.

17) **Desempenho** (linguístico) ou **performance** – é aquilo que o indivíduo realiza efetivamente quando fala, quando usa a língua.

18) **Desinência nominal** – morfe aditivo em posição final que representa, nos nomes, o gênero feminino em oposição ao morfema zero do masculino, ou o plural em oposição ao morfema zero do singular.

19) **Desinência verbal** – morfe aditivo em posição final que representa, nos verbos, o modo e o tempo (desinência modo-temporal) e o número e a pessoa gramatical (desinência número-pessoal).

20) **Diacronia** – estudo da língua na perspectiva da evolução de um estágio a outro, com vistas a identificar e descrever as mudanças ao longo de um período de tempo.

21) **Empréstimo ou estrangeirismo** – vocábulo emprestado de outras línguas e incorporado ao léxico.

22) **Estrutura linguística** – feixe de relações internas (articulação)

que dá aos elementos linguísticos (as formas) sua função e sentido.

23) **Flexão** – acréscimo de morfes em posição final para realizar oposições gramaticais entre os nomes e pronomes (flexão nominal) e entre os verbos (flexão verbal).

24) **Fonossemia** – formação de palavras pela combinação de fonemas com o intuito de imitar ruídos naturais, ainda que não ocorra perfeita identidade.

25) Forma – define-se como um ou mais fonemas providos de significação. Forma é um elemento linguístico do qual se abstrai a função e o sentido.

26) **Forma dependente** – vocábulo formal, mas não é palavra, pois não tem significado próprio. Não expressa ideia externa à língua. As preposições, as conjunções, os artigos e alguns pronomes pertencem a essa categoria.

27) **Forma livre** – constitui uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente. É vocábulo classificado como palavra, porque tem significado por si só. Pode ser usado como resposta a uma pergunta.

28) **Forma presa** – forma que só tem função quando combinada (ligada) com outra(s) forma(s). É o caso, por exemplo, dos prefixos, dos sufixos e das desinências.

29) **Função** – é o papel que as formas linguísticas assumem na relação que se estabelece entre elas, ou seja, na estrutura linguística.

30) **Gênero** – noção gramatical que se atribui a todos os substantivos. Não se confunde com sexo, embora também se preste para opor seres assexuados.

31) **Gramática subjacente** – gramática internalizada (na mente), implícita, subjacente, que habilita o falante a manejar adequadamente, intuitivamente, a língua embora não consiga descrevê-la ou explicá-la.

32) **Gramaticalização** – processo de mudança linguística no qual um vocábulo autônomo, ou seja, uma forma livre, assume atribuições gramaticais.

33) **Hibridismo** – Vocábulo formado por elementos de línguas diferentes, seja por composição, seja por derivação.

34) **Hipocorístico** – alteração morfofonêmica de antropônimos (nomes de pessoas) na linguagem familiar para traduzir carinho, afetividade.

35) **Morfe** – realização concreta de um morfema. Pode ser um simples fonema, uma sílaba, ou uma combinação de fonemas e sílabas. Uma unidade formal será um *morfe* sempre que tiver um sentido lexical ou gramatical.

36) **Morfe alternante** – segmento do vocábulo que representa a oposição morfológica em relação a outro morfe.

37) **Morfe homônimo** – morfe que representa diferentes morfemas.

38) **Morfe redundante** – o morfe será redundante (ou submorfêmico) sempre que reforçar uma oposição marcada por morfe aditivo.

39) **Morfema** – unidade mínima da estrutura do vocábulo dotada de sentido. Os morfemas são as menores unidades significativas que podem constituir vocábulos ou partes de vocábulos. É uma entidade abstrata que se concretiza, na estrutura de uma palavra, através do *morfe*.

40) **Morfema categórico** – sufixo flexional (SF) ou desinencial (SD), que expressa categorias gramaticais.

41) **Morfema classificatório** – morfema representado pelas vogais temáticas.

42) **Morfema cumulativo** – morfe que representa a fusão de dois morfemas. Em português, os morfes cumulativos são representados, principalmente, pelas *desinências modo-temporais* e *desinências número-pessoais*.

43) **Morfema derivacional** – afixos (prefixos e sufixos), através dos quais é possível criar (derivar) vocábulos novos.

44) **Morfema relacional** – vocábulo dependente, isto é, vocábulo sem autonomia mórfica, que não constitui por si só um enunciado, tais como preposições, conjunções e pronomes relativos.

45) **Morfema zero** – morfema que se realiza por meio da ausência de morfe.

46) **Morfologia** – parte da gramática que descreve a forma das palavras. Estudo da estrutura interna das palavras. Estudo dos morfemas e seus arranjos na formação das palavras. Aborda os processos nos quais se acrescenta, se substitui, se subtrai, se duplica um segmento a outro(s) já existente(s) para modificar o sentido.

47) **Mudança morfofonêmica** – alomorfia condicionada fonologicamente, isto é, mudança no sistema fonêmico do vocábulo com repercussão no sistema mórfico.

48) **Número** – noção gramatical que distingue um elemento (singular) de mais de um elemento (plural).

49) **Oniônimo** – nome próprio referente a marcas industriais e comerciais.

50) **Palavra** – unidade formal da linguagem que, sozinha ou associada a outras, pode constituir um enunciado. Alguns autores reservam o termo palavra somente para vocábulos que apresentam significação lexical, ou extralinguística.

51) **Prefixos** – morfemas derivacionais que ocupam posição anterior à raiz, modificando o significado do vocábulo primitivo.

52) **Produtividade lexical** – possibilidade de surgimento de novos itens lexicais na língua.

53) **Radical** – parte do vocábulo formada pela raiz e pelos afixos derivacionais. Se o radical não tiver morfema derivacional (prefixo ou sufixo), será *radical primário*; caso contrário, se houver um morfema derivacional, será *radical secundário*; se

tiver dois morfemas derivacionais, será *radical terciário*, e assim sucessivamente.

54) **Raiz** – elemento irredutível comum a todos os vocábulos da mesma família . É o morfema sobre o qual repousa a significação lexical básica. Equivale a semantema, ou lexema, ou radical primário, ou forma primitiva.

55) **Recomposição** – espécie de composição em que se toma uma parte de um vocábulo composto que passa a valer pelo todo e se liga a outra base para formar um novo composto.

56) **Regra de análise estrutural (RAE)** – regra que permite ao falante analisar a estrutura das palavras derivadas (formações complexas), como, por exemplo, saber que *colação* é derivada de *colar, armadura* é derivada de *arma*, *semanal* é derivada de *semana* etc.

57) **Regra de formação de palavras (RFP)** – regra estabelecida com base em processos já existentes na língua. Por exemplo, a formação de palavras novas como *chavista, carreirista, cotista, lulista, bairrista, fundista, conteudista* etc. se faz com base em uma relação paradigmática com outras palavras formadas pela adição do sufixo [-ist(a)] a uma base nominal.

58) **Regra morfológica** – caracterização da base (palavra primitiva) e do produto (palavra derivada), com base em relações paradigmáticas.

59) **Sentido** – o sentido pode ser externo à língua (sentido lexical) ou interno (sentido gramatical).

60) **Significado dêitico** – atribuição própria dos pronomes e de certos advérbios pronominais de indicar sujeitos e objetos na interação discursiva.

61) **Sincronia** – estudo de um estado de língua, num determinado momento de sua evolução.

62) **Sufixo** – morfe aditivo que sucede a raiz. Pode ser derivacional ou categórico.

63) **Tema** – conjunto formado pelo radical do vocábulo mais a vogal temática. Nesse caso, o vocábulo será temático. Se o vocábulo não tiver vogal temática – radicais terminados por consoante ou vogal tônica –, então o vocábulo será atemático.

64) **Vocábulo** – tem sentido mais amplo do que *palavra*, pois além das formas que têm significação lexical ou extralinguística (*formas livres*), inclui as formas com significação gramatical (*formas dependentes*) e o conceito de *vocábulo fonológico*.

65) **Vocábulo fonológico** – inclui os vocábulos formais em geral e a combinação de vocábulos formais, sempre que ocorrer perda de marca fonológica que indique a delimitação entre vocábulos na corrente da fala.

66) **Vocábulo invariável** – aquele que não se submete aos processos de flexão.

67) **Vocábulo variável** – aquele que se submete aos processos de flexão nominal e verbal.

68) **Vogal temática** – vogal que ocorre depois do radical e antes das desinências. Essa vogal é sempre átona nos nomes e tônica nos verbos, quando no infinitivo